

Julho 2024

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Participação das crianças nos seus processos de aprendizagem: um estudo de caso em Educação Pré-escolar e em Primeiro Ciclo do Ensino Básico

"Para mim o mais importante foi que todos pudéssemos participar e todos pudéssemos estar felizes"

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

Bruna Sofia Sousa Campos

ORIENTAÇÃO

Doutora Irene Zuzarte Cortesão Melo da Costa



PAULA
FRASSINETTI



**Participação das crianças nos seus processos de aprendizagem: um estudo de caso
em Educação Pré-escolar e em Primeiro Ciclo do Ensino Básico**

*“Para mim o mais importante foi que todos pudéssemos participar e todos
pudéssemos estar felizes”*

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para
obtenção do grau de mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico

De

Bruna Sofia Sousa Campos

Orientação

Doutora Irene Zuzarte Cortesão Melo da Costa

Porto, julho de 2024

AGRADECIMENTOS

Desde criança que reconheço o impacto que docentes empenhados e empáticos podem ter na vida das crianças, e desde que eu era uma dessas crianças que sei que, um dia, queria ser um desses adultos, queria ser educadora.

Nunca tive dúvidas daquilo que queria ser “quando for grande” e persegui esse sonho com entusiasmo e empenho.

O percurso não foi o esperado, e a pausa necessária demonstrou-se fundamental para poder ter experiência com alunos de primeiro ciclo e poder acrescentar “ser professora” ao meu sonho de criança.

Esse sonho está quase a concretizar-se, depois de um longo percurso, mas que se tornou prazeroso com a companhia certa.

Um obrigada aos docentes da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, que tornaram este processo entusiasmante e que mostraram a realidade desta profissão.

À minha admirável orientadora deste Relatório de Estágio, Irene Cortesão, um agradecimento especial, por me ter guiado, perante tantas dúvidas e incertezas. Obrigada pelo seu constante empenho e compreensão, e por ter acreditado em mim e em todas as minhas ideias. O seu apoio foi fundamental neste processo que foi a base da profissional em que me tornei.

A todas as crianças com quem tive o privilégio de estagiar, obrigada por me terem aceitado como parte dos vossos grupos/turmas, por terem sido pacientes com o meu processo de aprendizagem, por me terem ensinado tanto, por me demonstrarem que a educação é feita de proximidade, respeito mútuo e que a diversão não pode ser excluída. Serão para sempre as crianças que me aceitaram e que experimentaram juntamente comigo, aquelas com quem aprendi a ser educadora/professora e que me deixaram a vontade de fazer isto para sempre, para poder dar e receber o amor e carinho que sempre me deram.

Às docentes cooperantes das diferentes Práticas de Ensino Supervisionadas, obrigada por me acompanharem neste processo.

À educadora do meu primeiro estágio, prévio à recolha de dados, obrigada pelo exemplo de resiliência, por ter sempre as necessidades das crianças em consideração e por educar com carinho, às restantes educadoras que também me apoiaram nesse estágio, obrigada por esclarecerem todas as minhas dúvidas e incertezas, acreditando nas minhas capacidades e permitindo-me experienciar na prática a gestão do grupo, desde a planificação de atividades à gestão do tempo e do espaço.

À professora do Contexto I, obrigada por me ter dado sempre liberdade para a realização de diferentes atividades, confiando na minha prática.

Obrigada à educadora do Contexto II, por me ter permitido experimentar, estando sempre preparada para me ajudar. O seu apoio e o seu exemplo foram fundamentais neste percurso.

À professora do Contexto III, obrigada por todas as críticas construtivas, por me ter dado liberdade e por confiar em mim para intervir em diferentes momentos, aprendi muito com a forma positiva como encara os desafios e com a relação que promove com os alunos da turma.

Todas estas profissionais formaram a minha base como futura docente, estando as características individuais de cada docente refletidas em mim.

Às colegas que se tornaram amigas, obrigada por terem tornado este percurso inesquecível, por compreenderem os desafios que enfrentamos, por estarem sempre disponíveis para ouvir as minhas dúvidas e me darem sugestões. Sei que a amizade que criamos transcende este curso, e espero estar presente para acompanhar os vossos percursos profissionais e pessoais.

À minha família, e amigos que se tornaram família, obrigada por terem apoiado este sonho, reforçando ser o certo para mim e estando sempre disponíveis para ouvirem os meus desabafos.

Obrigada ao meu grupo de amigos mais próximos, por terem ouvido as minhas histórias e preocupações, demonstrando interesse e procurando sempre entender-me, mesmo que por vezes não tenha sido fácil.

Às crianças com quem convivi fora deste contexto, obrigada por me permitirem fazer parte das vossas vidas e acompanhar o vosso crescimento, e por aceitarem realizar as minhas atividades experimentais sempre com entusiasmo.

Por fim, importa ainda reconhecer o meu empenho e dedicação neste percurso demorado que encarei sempre com positivismo e boa disposição, pois sabia que, perante todos os desafios, estava a realizar um sonho, e que o destino final seria sempre merecedor desse empenho.

Obrigada a todos que acreditaram neste sonho e por acreditarem na profissional em que me iria transformar.

Irei enfrentar esta nova etapa, e porque tive quem o fizesse por mim, irei sempre apoiar e respeitar os sonhos daqueles que se atrevem a sonhar.

RESUMO

O presente trabalho de investigação, realizado no contexto do Mestrado em Educação pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico da escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, procura contribuir para a compreensão do conceito de participação das crianças, assim como os diferentes níveis de participação vividos nas valências de pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Analisando diferentes teorias no sentido de ir percebendo o que é considerado como verdadeira participação e qual a sua importância, foi criada, a partir de propostas de autores como Lansdown (2005) Hart (1992), Shier (2001) e Fielding (2012), uma escala de níveis de participação utilizada como base para a recolha e posterior análise de dados.

Ao longo de três Práticas de Ensino Supervisionadas foram recolhidos dados de observação que, ao longo deste relatório, se pretendem analisar a nível individual e comparativo, percebendo, nos diferentes contextos de observação, os níveis nos quais a participação está mais presente e os motivos para que tal aconteça.

Palavras-chave: Participação, níveis de participação, educação pré-escolar, 1.º Ciclo do Ensino Básico.

ABSTRACT

This study carried out as part of the Master's programme in Pre-School Education and Primary School Teaching at the Paula Frassinetti School of Education, seeks to contribute to understanding the concept of children's participation, as well as the different levels of participation experienced in preschool and primary school settings.

By studying different theories and understanding what real participation is and how important it is, a scale of participation levels was designed based on proposals by authors such as Lansdown (2005), Hart (1992), Shier (2001) and Fielding (2012), which was used to collect and then analyse the data.

Over the course of three Supervised Teaching Practices, observation data was collected, which, throughout this report, is intended to be analysed on an individual and comparative level, understanding, in the different observation contexts, the levels at which participation is most present and the reasons for this happening.

Keywords: Participation, levels of participation, preschool education, primary school.

LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

CEB- Ciclo do Ensino Básico

Criança X (F)- criança do sexo feminino

Criança X (M)- criança do sexo masculino



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. Conceito de participação	3
1.2. Direitos das crianças	5
1.3. Culturas na infância e a participação	6
1.4. O que é a verdadeira participação?.....	10
2. Diferentes propostas de escalas de participação.....	14
CAPÍTULO II- METODOLOGIAS.....	21
2.1. Pertinência da temática, pergunta de partida e objetivos.....	21
2.1.1. Contexto da investigação.....	21
2.1.2. Participantes	27
2.2. Procedimentos metodológicos.....	29
2.2.1. Tabelas com registos de observação.....	30
2.2.2. Grupo de discussão focalizada	31
2.2.3. Entrevista.....	33
CAPÍTULO III- ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	34
3.1. Apresentação de dados- Contexto I.....	34
3.1.1. Tabela dos níveis de participação- Contexto I.....	34
3.1.2. Grupo de discussão focalizada- Contexto I.....	39
3.1.3. Entrevista- Contexto I.....	42
3.2. Discussão dos resultados- Contexto I.....	45
3.3. Apresentação de dados- Contexto II.....	48
3.3.1. Tabela dos níveis de participação.....	48
3.3.2. Grupo de discussão focalizada- Contexto II.....	52

3.3.3. Entrevista- Contexto II	54
3.4. Discussão dos resultados- Contexto II	56
3.5. Discussão de dados comparativos	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão do currículo/aprendizagens, em 1.º CEB

Tabela 2- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão de espaços e materiais, em 1.º CEB

Tabela 3- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão da sala de aula (normas e regulamentos), em 1.º CEB

Tabela 4- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão do currículo/aprendizagens, em pré-escolar

Tabela 5- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão de espaços e materiais, em pré-escolar

Tabela 6- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão da sala de atividades (normas e regulamentos), em pré-escolar

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A- Tabelas dos níveis de participação- gestão do currículo/ aprendizagens

Apêndice B- Tabelas dos níveis de participação- gestão de espaços e materiais

Apêndice C- Tabelas dos níveis de participação gestão da sala de aula (normas e regulamentos)

Apêndice D- Guião do Grupo de Discussão Focalizada- Contexto I

Apêndice E- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Contextos I e III

Apêndice F- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Contexto II

Apêndice G- Guião do Grupo de Discussão focalizada- Contexto II

Apêndice H- Guião do grupo de discussão focalizada- Contexto III

Apêndice I- Guião da Entrevista- Contexto I

Apêndice J- Consentimento Informado Entrevista- Contextos I e III

Apêndice K- Consentimento Informado Entrevista- Contexto II

Apêndice L- Guião da Entrevista- Contexto II

Apêndice M- Guião da entrevista à professora- Contexto III

Apêndice N- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do currículo/ aprendizagens- Contexto I

Apêndice O- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do espaço e materiais- Contexto I

Apêndice P- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão da sala de aula (normas e regulamentos) – Contexto I

Apêndice Q- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada

Apêndice R- Transcrição da Entrevista- Contexto I

Apêndice S- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do currículo/ aprendizagens- Contexto II

Apêndice T- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do espaço e materiais- Contexto II

Apêndice U- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão da sala de aula (normas e regulamentos) - Contexto II

Apêndice V- Transcrição do Grupo de Discussão Focalizada- Contexto II

Apêndice W- Transcrição da entrevista- Contexto II

Apêndice X- Transcrição do grupo de discussão focalizada- Contexto III

Apêndice Y- Transcrição da entrevista à professora- Contexto III

INTRODUÇÃO

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar I e II, e da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico I e II, frequentadas ao longo do 1.º e do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, surge o atual Relatório de Estágio.

A temática deste relatório assenta na reflexão sobre a participação das crianças e alunos em sala de atividades e sala de aula.

Dentro dessa temática o foco será, como o título do presente documento indica, *A Participação das crianças nos seus processos de aprendizagens.*

Esta escolha foi feita uma vez que se considera que a participação das crianças é muitas vezes desvalorizada e esquecida, não sendo tida em conta no quotidiano do contexto educativo e nas atividades planificadas e realizadas.

Considera-se essa desvalorização prejudicial para a dinâmica em sala, uma vez que as crianças/ alunos são a base da mesma, sendo o principal objetivo efetivar conhecimentos e criar um lugar seguro e motivador para novas aprendizagens.

Sendo as crianças a parte fundamental da sala, não deveriam os seus gostos, ideias, saberes e opiniões ser tidos em conta?

Enquanto adultos, gostamos de ter algo a dizer quando se trata da nossa vida, não seria então de esperar que as crianças tenham o mesmo desejo?

Enquanto pedimos às crianças que respeitem as nossas vontades, falhamos constantemente em respeitar as delas, desvalorizando-as pelo simples facto de serem crianças, algo que não controlam e que nós também nunca tivemos a possibilidade de controlar.

Assim, este relatório procura tentar perceber *quais os níveis de qualidade da participação das crianças na gestão de aprendizagens nas valências de pré-escolar e de 1.º CEB e como são implementados?*

Tendo em conta a problemática, o presente documento está dividido em três capítulos. No Capítulo I farei o *Enquadramento Teórico* da problemática, explicitando o conceito de participação, assim como os direitos das crianças e o que deve ser realmente considerado participação, analisando perspetivas de diferentes autores.

No Capítulo II, denominado de *Metodologias*, são explicitados o desenho de investigação, assim como os métodos utilizados para obtenção de dados, identificando o contexto em que decorre a investigação assim como os seus participantes, enumerando e caracterizando cada um dos métodos a utilizar.

No Capítulo III é realizada a *Análise e Discussão de Dados*, apresentando e analisando os dados recolhidos no contexto I, com uma turma de 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no contexto II, com um grupo misto de pré-escolar e no contexto III, com uma turma de 2.º ano do 1.º CEB.

Essa análise terá como base dados recolhidos através de observação participante, nos dois primeiros contextos, de grupos de discussão focalizada com alunos e entrevista com docentes, sendo os dois últimos realizados em todos os contextos mencionados. Os dados recolhidos serão comparados e discutidos, a nível de contexto e a nível geral, na *Discussão de Dados Comparativos*.

De forma a finalizar o presente relatório, serão apresentadas as *Considerações Finais*, nas quais constará uma reflexão final acerca das conclusões obtidas através da análise dos dados recolhidos, procurando responder à pergunta de partida.

CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Conceito de participação

O conceito de participação é algo que é importante definir, uma vez que existem diferentes entendimentos acerca do mesmo, afetando a forma como a mesma é colocada em prática.

O termo “participação das crianças” pode ser interpretado de diferentes formas, sendo, muitas vezes, utilizado como tentativa de representação das crianças num processo que, no fundo, é do adulto.

Ao utilizar este termo, é então importante avaliar o seu fundamento e realçar a atenção que lhe deve ser dada, de modo a cumprir o seu verdadeiro objetivo: integrar as crianças e ouvi-las, tendo em conta a sua opinião, vontades e necessidades naquela que é a sua vida e o seu processo de aprendizagem.

Quando falamos em participação das crianças, vemos muitas famílias e docentes que a desvalorizam, tendo-a, como refere Tomás (2007), como uma ameaça à sua autoridade, assumindo-a como uma “...responsabilidade inapropriada...” (p. 52), ressaltando a “...falta de tempo...” (p. 52) ou que as crianças não se expressam de forma correta ou compreensível sendo que “...as crianças devem ser crianças” (p. 52). Mas,

A questão não pode ser centrada neste argumento, mas na ideia de que quando os adultos estão comprometidos na solução dos conflitos que dizem respeito às crianças, os direitos e o seu interesse superior requerem em primeiro lugar a participação activa. (Tomás, 2007, p.52)

Sendo assim, a participação, como refere Lansdown (2005), deve ser uma oportunidade dada às crianças para que as mesmas possam ocupar um papel de protagonistas na sua vida e no seu processo de aprendizagens, deixando de estar dependentes das vontades e desejos exclusivos dos adultos, não vendo as suas opiniões ignoradas ou desvalorizadas.

Neste contexto, a participação é tida como “...um processo gradual, mas seguro, que se pretende, que pela experiência e pela aprendizagem da participação das crianças, seja um valor em si mesmo e um direito fundamental da infância no reforço dos seus valores democráticos” (Tomás & Gama, 2011, p.3). Como referem Jesus e Cortesão

(2021) as crianças têm o direito de influenciar a tomada de decisões e esta participação e influência não podem ser negociadas ou aceites como recompensas. “Através desta presença ativa e participativa dos alunos, é possível a expansão do espaço público democrático, com o conseqüente trabalho e com a reflexão conjunta com responsabilidades partilhadas no momento de se pensar o futuro” (p.5), produzindo diversas mudanças, sejam elas de nível micro ou macro constituindo-se como um importante momento de construção de aprendizagens, com as crianças, sobre as transformações possíveis e as não possíveis.

De acordo com Tomás e Gama (2011), “O conceito de participação, deriva da palavra latina *participare* que significa ‘fazer saber’.” (p.3), quando as crianças têm a oportunidade de participar, constroem o seu saber, aprendendo a elaborá-lo e estruturá-lo de forma a fazer sentido para si e para o seu processo, uma vez que se considera que as crianças são as únicas capazes de fazer escolhas completamente centradas nessas características, pois são as únicas que as reconhecem inteiramente.

Quando se fala em participação das crianças e em dar-lhes a oportunidade de fazer escolhas no que diz respeito ao seu quotidiano e ao seu processo de aprendizagem, não se elimina a participação e tomada de decisões do adulto uma vez que este tem “...responsabilidades privadas e públicas no que se refere ao cuidado das crianças...” (Cortesão & Jesus, 2022, p. 5) sendo então comuns “...situações em que é preciso tomar decisões que estão em aparente conflito com o que a criança deseja.” (Cortesão & Jesus, 2022, p. 5). Neste sentido, “A capacidade de participação por parte das crianças implica, (...), a vivência de um processo de aprendizagem que pode e deve ser construído com os adultos com quem interagem.” (idem, p. 4), o que implica, da parte dos adultos, uma atitude de reconhecimento das crianças como cidadãos capazes, embora com distintas capacidades e atitudes, de acordo com diferentes fatores.

1.2. Direitos das crianças

Os Direitos das Crianças foram proclamados através da Convenção de Genebra de 1924, assim como através de posteriores declarações das Nações Unidas. No entanto, a questão de se declarar a participação das crianças como um direito das mesmas, surge somente com o artigo 12.º da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, adotada em 20 de novembro de 1989 e tendo, ao contrário das declarações anteriores, um carácter vinculativo.

Esta convenção foi o primeiro documento oficial no qual as crianças foram assumidas como cidadãs participativas, identificando-lhes capacidade e direito de participar na tomada de decisões relativas ao seu bem-estar e aprendizagem, deixando de ser observadas como incapazes e sendo retirado aos adultos esse poder total de decidir pelas crianças.

No referido artigo 12.º é possível ler que “1. Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem...” devendo as suas decisões ser “...devidamente tomadas em consideração (...) de acordo com a sua idade e maturidade.” (UNICEF, 2019, p. 13). Através deste artigo, é possível afirmar que as crianças têm não só o direito de participar, como de ver as suas opiniões e ideias ouvidas e consideradas na tomada de decisões, devendo ser “...assegurada à criança a oportunidade de ser ouvida nos processos judiciais e administrativos que lhe respeitem, seja directamente, seja através de representante ou de organismo adequado, segundo as modalidades previstas pelas regras de processo da legislação nacional.” (UNICEF, 2019, p. 13).

Ainda neste documento, reconhece-se que a criança tem “...a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem consideração de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.” (UNICEF, 2019, p. 13), reforçando a ideia de que a criança deve ter a oportunidade de escolher os temas que lhe interessam, tendo o direito de os aprofundar e de expressar o seu conhecimento, sem que lhe sejam impostas barreiras.

Nesta convenção consta ainda que a opinião da criança deve ser valorizada sendo que a mesma "...tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração." (UNICEF, 2019, p. 13), assim como de "... exprimir os seus pontos de vista, obter informações, dar a conhecer ideias e informações, sem considerações de fronteiras." (UNICEF, 2019, p. 13), pois, ao retirar à criança um espaço seguro no qual a mesma possa expressar a sua opinião e onde a mesma seja considerada, estamos a negar-lhe um direito enquanto criança e cidadã.

No entanto, "O reconhecimento dos direitos das crianças não é condição suficiente para que estes se conjuguem e desenvolvam no quotidiano." (Cortesão & Jesus, 2022, p.1) uma vez que "Muitas vezes os direitos da criança surgem plasmados em projetos educativos ou projetos de sala de atividades. Não obstante, funcionam mais como slogan." (Tomás, 2014, p. 141), sendo então fundamental garantir que este direito é realmente respeitado e não utilizado apenas de forma ilustrativa.

A participação das crianças é como já abordado, uma temática abrangente e definida de diferentes formas sendo, posteriormente, analisada a participação e os seus diferentes níveis.

1.3. Culturas na infância e a participação

A criança e a infância são construções sociais e, desta forma, é tarefa impossível a generalização de uma ou duas imagens, ainda que elas sejam importantes e que se tornem ingredientes fundamentais para a prática e para a ação social e profissional dos adultos que com elas trabalham e, ainda, que tenham influência nos quotidianos infantis. (Tomás, 2014, p. 131)

Ao longo da sua infância, as crianças desenvolvem capacidades e exploram áreas de conhecimento que estarão presentes durante o decorrer da sua vida adulta, sendo fundamental que esses conhecimentos se relacionem a áreas de interesse da própria criança, para que possam ser úteis no seu percurso. No sentido de incentivar a participação das crianças nos assuntos que lhes dizem respeito, considera-se fundamental que estas sejam vistas como sujeitos competentes e detentores de saberes e vivências próprias e importantes. Desta forma, torna-se fundamental procurar perceber as culturas da infância.

“Quando nos referimos às culturas infantis consideramo-las resultantes de um processo social e cultural.” (Tomás, 2014, p. 141), sendo importante ressaltar a importância de intervir nesta área de forma constante e pensada, uma vez que “As crianças são socializadas neste processo construtivo e mutável, tornando-se, desta forma, seres culturais.” (Tomás, 2014, p. 141).

Neste contexto é importante ressaltar “...que as imagens sociais produzidas sobre a infância e sobre as crianças exprimem visões do mundo e que essas visões se materializam e influenciam as práticas educativas e sócio-pedagógicas.” (Tomás, 2014, p. 130), não esquecendo que “...escutar sensivelmente o que as crianças nos dizem e as formas pelas quais lhes permitimos falar deve ser uma constante na investigação acerca da infância.” (Lino, 2008, p. 43).

Como refere Hart (1992, p.5), ao longo da infância, devem ser organizados momentos e dadas oportunidades às crianças para que as mesmas possam, gradualmente, participar na tomada de decisões, uma vez que,

Pode ser irrealista esperar que eles se tornem, de repente, cidadãos adultos participativos aos 16, 18 ou 21 anos sem que antes sejam expostos às capacidades e responsabilidades envolvidas. A compreensão de participação democrática e a confiança e competência para participar só pode ser adquirida gradualmente através de prática...¹

Assim sendo, é fundamental implementar momentos em que seja dada às crianças a oportunidade de participar, uma vez que não podemos esperar ter cidadãos adultos participativos se em criança lhes negamos esse direito e oportunidade de aprender, “Por essa razão, considera-se fundamental, em qualquer nação que aspire a ser uma democracia, o aumento gradual das oportunidades para as crianças participarem.” (Cortesão & Jesus, 2022, p. 3), para que possamos atingir uma sociedade participativa e informada.

Segundo a *Convenção sobre direitos das Crianças e Protocolos Facultativos* (2019), as crianças devem ser parte significativa das decisões que as afetam. Mas, como refere Wall et al. (2018), esse é um conceito demasiado amplo, uma vez que, tal como os adultos,

¹ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “It is unrealistic to expect them suddenly to become responsible, participating adult citizens at the age of 16, 18, or 21 without prior exposure to the skills and responsibilities involved. An understanding of democratic participation and the confidence and competence to participate can only be acquired gradually through practice...” (Hart, 1992, p.5)

as crianças são afetadas por ações fora do nosso alcance como guerras, questões económicas e crises climáticas.

Como é possível reparar, “Os tempos contemporâneos incluem... a reinstitucionalização da infância. As ideias e representações sociais sobre as crianças, bem como as suas condições de existência, estão a sofrer transformações significativas...” (Sarmiento, 2004, p.1). Sendo assim, é fundamental que os adultos acompanhem as mudanças para que possam continuar a apoiar as crianças nesse processo, sendo tal uma “...condição necessária para a construção de políticas integradas para a infância, capazes de reforçar e garantir os direitos das crianças e a sua inserção plena na cidadania activa.” (idem, p.1).

As práticas e costumes prévios em diferentes áreas e contextos começaram a ser alterados, tendo o foco das famílias quanto às crianças também alterado. Se os mesmos, como refere Sarmiento (2004, p.4),

...outrora votara a criança ao estatuto subalterno da companhia das aias e criadas... [passava então a dedicar-se] à prestação de cuidados de protecção e estímulo ao desenvolvimento da criança... [tornando-se as crianças] o núcleo de convergência das relações afectivas no seio familiar, das classes médias e o destinatário dos projectos de mobilidade social ascendente, pelo investimento na formação escolar, por parte das classes populares.

Apesar das crianças deixarem de ser invisíveis e passarem a ser objeto de cuidado e atenção em diferentes níveis, não nos podemos esquecer que “Há várias infâncias dentro da infância global, e a desigualdade é o outro lado da condição social da infância contemporânea.” (Sarmiento, 2004, p.6), ressaltando as diferenças entre crianças de diferentes culturas.

Ainda nos dias de hoje, essas disparidades são visíveis e fáceis de identificar. Cada vez mais, as crianças têm à sua disposição diferentes dispositivos e um maior número de brinquedos a que são expostos, mas apesar das crianças terem acesso ao mesmo tipo de entretenimento, fruto da globalização, as crianças não são iguais.

Esse acesso é desigual e a forma como as crianças utilizam os objetos a que têm acesso também varia, tendo em conta as diferentes culturas e vivências, sendo fundamental atentar à “...reinterpretação activa pelas crianças desses produtos culturais e o facto dessas reinterpretações se fixarem numa base local, cruzando culturas societais

globalizadas, com culturas comunitárias e culturas de pares.” (Sarmiento, 2004, p. 9), mesmo dentro da mesma cultura, as crianças possuem diferentes vivências que resultam em diferentes experiências. Sendo que “A relação das culturas infantis com o consumo é sabiamente explorada pelo marketing, que observa as crianças, as leva a sério e entende que elas são consumidoras com grande poder de compra e convencimento dos pais.” (Corsaro, 2012, p. 485).

Como Lino (2008) afirma, “Cabe destacar que, ao se socializarem, as crianças constroem conhecimentos e competências para participar da sociedade, quer no mundo adulto, quer no mundo infantil.” (p. 48), sendo fundamental que se promovam momentos de partilha entre crianças e entre crianças e adultos pois, como defende Corsaro (2012, p.485), “As brincadeiras são (...) marcadas por rituais, rotinas de compartilhamento e jogos de linguagem que muitas vezes são também formas de lidar com os medos e preocupações da vida cotidiana (como nos jogos de fugir de monstros)”.

Ainda nesta linha, Sarmiento, (2004, p. 11) chama a atenção que:

Entre a criança desejada, que se quer livre, amada, espontânea, sonhadora e depositária do futuro e da esperança e a criança rejeitada, abandonada ou enviada para as instituições de custódia, perturbadora do quotidiano dos adultos, comprada e seduzida, mas, ao mesmo tempo, temida na turbulência que leva à escola ou à família; entre a criança romântica e a criança da crise social; entre a criança protegida e a criança violentada; entre a criança vítima e a criança vitimadora; entre as crianças de Birmingham e as crianças de Liverpool; entre uns e os outros, afinal, há um universo inteiro de diferenças, sem que, todavia, não se dissipe nessa diferença uma marca distintiva essencial: é sempre de crianças que estamos a falar e é irreduzível ao mundo dos adultos a sua identidade.

Apesar da cultura do país em que a criança está inserida contribuir para a cultura da própria criança, a cultura das mesmas não se cinge à cultura dos adultos, havendo então “...`universalidade` das culturas infantis que ultrapassa consideravelmente os limites da inserção cultural local de cada criança.” (Sarmiento, 2004, p.12).

Quando prestamos atenção e valorizamos as culturas da infância, analisando-as, estamos a procurar conhecer as crianças do nosso meio, reconhecendo as suas capacidades, vontades e necessidades, trabalhando em equipa para lhes dar voz.

Sendo assim, “O lugar da criança é, em suma, o lugar das culturas da infância. Mas esse lugar das culturas é continuamente reestruturado pelas condições estruturais que definem as gerações em cada momento histórico concreto.” (Sarmiento, 2004, p.19).

1.4. O que é a verdadeira participação?

É importante referir que os diferentes conceitos de participação das crianças são ainda um impedimento para a implementação daquilo que se considera ser a verdadeira participação. Ao compreender de forma errada este conceito, a probabilidade de que o conceito correto seja colocado em prática é reduzida.

Como defende Hart (1992, p.4), “Pode ser discutido que ‘participação’ na sociedade começa no momento em que uma criança chega ao mundo e descobre a extensão na qual é capaz de influenciar acontecimentos com choro ou movimento.”², apesar de tais acontecimentos se refletirem como momentos de participação, não é apenas essa participação que queremos ver implementada em salas de atividades e de aulas.

Sabemos que “As crianças sempre participaram, em casa, na escola, no trabalho, nas guerras, mas tal participação não era visível, apenas aceite como uma obrigação das crianças.” (Tomás, 2007, p. 47). Estas concepções partem da concepção do que é ser criança, uma vez que estas devem estar dispostas a fazer tudo aquilo que os adultos lhes pedem, sem nunca o questionar e sem expressar as suas vontades, sendo todo o tipo de interação ou de obrigação assumido como participação. Mas “Só recentemente surgiu o paradigma da participação cidadã e da participação das crianças, que defende que a criança tem e pode expressar diferentes concepções, necessidades e aspirações relativamente aos adultos.” (Tomás, 2007, p. 48)

Como referem ainda Tomás e Gama (2011, p. 3):

Participar significa influir directamente nas decisões e no processo em que a negociação e a concertação entre adultos e crianças são fundamentais, um processo que possa integrar tanto as divergências como as convergências relativamente aos objectivos pretendidos e que resultam num processo híbrido. A participação é um processo gradual, mas seguro, que se pretende, pela experiência e pela aprendizagem da participação das crianças, seja um valor em si mesmo e um direito fundamental da infância no reforço dos seus valores democráticos.

Como previamente referido, “Muitas vezes os processos participativos servem os propósitos dos adultos e, ainda, são apenas ritualísticos, manipuladores e prejudiciais para as crianças.” (Tomás & Gama, 2011, p. 8) sendo que os adultos usam o termo como forma

² Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “It might be argued that ‘participation’ in society begins from the moment a child enters the world and discovers the extent to which she is able to influence events by cries or movements.” Hart, 1992, p.4

de serem bem vistos, escondendo-se atrás de momentos básicos e interpretando-os da forma mais conveniente para si.

Tomás e Gama (2011), enumeram diferentes obstáculos à participação, sendo um deles justificado pela falta de tempo, uma vez que tanto as crianças como os adultos acreditam ter demasiadas atividades, impossibilitando tempo extra para momentos de participação, sendo outro dos obstáculos identificado a dificuldade em definir participação e em compreender corretamente esse termo. Tomás e Gama no estudo realizado para perceberem a participação das crianças em contextos escolares, entrevistando professores perceberam que “...a maioria dos professores entrevistados têm a ideia de que participar é estar, a ideia do corpo presente...” (2011, p.9), mas participar é muito mais do que isso, o facto de estar presente ou até mesmo de responder quando questionado é apenas uma pequena parte daquilo que é, ou deve ser, a participação.

Ainda, Tomás e Gama (2011) identificam outros obstáculos à verdadeira participação como as “Interpretações e experiências adultocêntricas nas práticas educativas” (p.12), sendo que a participação implementada é aquela que os adultos consideram como participação, e o adulto acha que o facto de as crianças darem a sua opinião, em qualquer ponto do processo, já é participação. Se as crianças forem obrigadas a fazer alguma coisa, pode ser considerado participação, mas não aquela que queremos incentivar.

Quando ignoramos as sugestões das crianças, as mesmas percebem que tal acontece e que a sua voz não é realmente ouvida, acreditando que não vale a pena expressar as suas ideias, uma vez que tal não terá qualquer impacto.

Como refere Hart (1992), “O grau no qual as crianças deviam ter uma voz em tudo, é objeto de opiniões fortemente divergentes.”³ (p.5), devendo a “Colaboração produtiva entre crianças e adultos ser a base de qualquer sociedade democrática que deseje

³ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “The degree to which children should have a voice in anything is a subject of strongly divergent opinion.” Hart, 1992, p.5

melhorar, enquanto promove a continuidade entre o passado, o presente e o futuro.”⁴ (Hart, 1992, p.37).

Lasala-Navarro & Etxebarria-Kortabarria (2020, p. 7) relembram que mesmo que a participação das crianças não seja incentivada, as crianças são naturalmente curiosas e opinativas quanto aquilo que as rodeia, querendo participar em tudo aquilo que para elas é importante.

Quando se fala da verdadeira participação, é ainda importante identificar fatores que a incentivam e outros que a inibem e que muitas vezes passam despercebidos.

Como refere Pacheco (2022, p.13),

Geralmente são mais os fatores que inibem a participação do que os que facilitam, dado que, a criança é vista como desigual e como inferior devido às relações de poder, isto é, na relação entre adulto-criança. Deste modo, é negado o estatuto de competência às crianças, como se não soubessem ou pudessem exercer o seu estatuto de cidadão, ao participar, decidir ou codecidir com os adultos em contextos formais.

No guia especial do Porvir, focado na “Participação dos estudantes na escola” (2017), é possível identificar alguns dos fatores que promovem a participação das crianças, sendo os mesmos explicitados.

Nesse mesmo guia, consta a importância de escutar as crianças quanto à sua opinião naquele que é o seu processo de aprendizagem, uma vez que “Atualmente, os mais diversos setores da sociedade adotam a prática de ouvir seus usuários para entender se estão satisfeitos com o serviço ou produto que lhes é oferecido.” (Porvir, 2017, p. 4) sendo que “As redes de ensino e as escolas, no entanto, raramente perguntam a opinião dos seus alunos sobre o que acontece no seu cotidiano, muito menos sobre novas decisões que afetarão a sua vida escolar.” (Porvir, 2017, p. 4), esquecendo, muitas vezes, que as crianças têm opiniões a dar acerca de diferentes assuntos e a importância de ouvir essas mesmas opiniões, implementando as sugestões dadas.

Para podermos implementar a verdadeira participação nas escolas é fundamental que seja dada aos seus alunos a oportunidade de fazer escolhas relacionadas com o seu

⁴ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “Productive collaboration between young and old should be the core of any democratic society wishing to improve itself, while providing continuity between the past, present, and the future.” (Hart, 1992, p.37)

processo educativo, uma vez que estes são quem melhor conhece as suas próprias capacidades e dificuldades, “Quando eles têm a oportunidade de escolher entre duas ou mais opções, não apenas encontram alternativas mais interessantes, mas também se sentem mais valorizados e engajados no processo.” (Porvir, 2017, p. 5), culminando em melhores resultados e num melhor ambiente escolar.

Quando falamos em verdadeira participação é ainda inevitável falar de coautoria entre crianças e adultos, sendo tal muitas vezes visto como precipitado, mas acarretando diversos pontos positivos uma vez que os alunos estão “Mais familiarizados com as tecnologias e outros recursos pedagógicos contemporâneos...” (Porvir, 2017, p. 6) podendo assim auxiliar “...a planejar atividades mais interessantes e variadas. Em encontros de cocriação, professores e alunos refletem sobre o que não está funcionando em sala de aula e, juntos, desenham novas possibilidades.” (Porvir, 2017, p. 6).

Relacionado com o último ponto abordado, existe ainda a corresponsabilidade, na qual os adultos trabalham em conjunto com as crianças para poderem encontrar soluções para as dificuldades encontradas,

Uma nova regra ou iniciativa decidida apenas pelo diretor tem menos chance de ser abraçada pela comunidade escolar do que algo que é construído coletivamente, inclusive com a participação dos alunos, os quais têm ainda a importante missão de mobilizar os seus pares. Nesse caso, o efeito reverso pode se manifestar quando gestores tomam suas decisões e convidam os estudantes apenas para endossá-las e difundi-las, sem que o diálogo tenha de fato acontecido. (Porvir, 2017, p. 7)

Apesar de ser importante refletir acerca de fatores que incentivam a participação e de formas de os implementar, não nos podemos esquecer de ter em conta os fatores que a inibem, de forma a poder evitá-los.

Atitudes como a de ouvir e validar a opinião dos alunos apenas pontualmente, desconsiderar a diversidade, ignorar as sugestões dadas ou não as utilizar de forma clara, não incentivar a comunicação ou manipular a participação e as opiniões dadas, transformam a participação em algo negativo e desagradável.

“Por questão de segurança, escolas acumulam portas, portões e grades. Mas basta que uma delas esteja aberta para que o aluno já se sinta mais à vontade para conversar com a direção, expressar suas opiniões e saber em que deve melhorar.” (Porvir, 2017, p. 17), cabendo aos professores criar essa abertura.

Podemos então concluir, como refere Pacheco (2022, p.13), que

...para que a participação seja facilitada, ou para que se promova a participação das crianças no contexto escolar, necessitamos de aplicar e adotar algumas práticas que se estabelecem pela escuta, isto é, consultar as crianças sobre o seu próprio processo educativo e outros mais diversos assuntos – para perceber se estão satisfeitos com o que lhes é apresentado. Muitas vezes as opiniões e sugestões dos alunos não passam de conversas, ou seja, não são postas em prática.

2. Diferentes propostas de escalas de participação

Quando se fala de participação e dos níveis que a mesma pode ter no que diz respeito ao envolvimento das crianças, diferentes autores elaboraram diferentes propostas de escalas de participação, dividindo-as por níveis e explicitando cada nível nelas presentes, descrevendo as características necessárias para que a participação se enquadre em cada um deles, sendo que, em algumas dessas propostas, constam também níveis de não participação, embora sendo considerados como participação pelos adultos que os implementam mas não tendo realmente em conta a participação das crianças e as suas vontades e opiniões.

Um dos autores que trabalha esta área é Lansdown (2005), identificando três níveis de participação das crianças.

No nível de *processos consultivos*, é o adulto que inicia esse processo, orientando-o e administrando-o, gerindo-o por completo e não dando às crianças a oportunidade de definir, causando a falsa impressão de que a criança também participa. Este processo pode ser utilizado inicialmente, com o intuito de introduzir às crianças a participação, para que mais tarde aumentem a sua ação.

O segundo nível é o de *processos participativos*, sendo este também iniciado pelo adulto, mas sendo dada à criança a oportunidade de participar e orientar a decisão, distinguindo-se do anterior uma vez que dá oportunidade real de participação. Os processos consultivos podem ser participativos se for dada às crianças a oportunidade de definir temas de debate e metodologias utilizadas.

O terceiro e último nível mencionado é o de *processos autónomos*, sendo este aquele em que as crianças detêm mais poder e mais oportunidades de expressarem as suas

necessidades, vontades e opiniões, tendo o adulto, neste nível, um papel apenas de mediador, sendo as crianças aquelas que gerem e controlam os debates e decisões.

Outro autor que se debruça sobre este tema é Hart (1992), apresentando uma escada de participação composta por oito degraus, entre os quais níveis reconhecidos como participação, mas que, quando analisados, não têm a participação das crianças em conta.

Os três primeiros níveis apresentados representam participação apenas ilusória, usando as crianças como adereço e sem valorizar as suas opiniões.

O nível mais baixo presente na escada de participação é denominado de *manipulação*, neste degrau, as crianças são ouvidas pelos adultos, mas os adultos não usam as suas ideias nem valorizam as suas opiniões, fazendo com que as crianças fiquem confusas acerca do seu papel.

O segundo degrau de participação é a *decoração*, aquele em que as crianças servem de adereço para alguma causa ou movimento, sem saber do que se trata.

O terceiro nível reflete o *Tokenismo*, situações em que “...aparentemente é dada às crianças uma voz, mas na realidade têm pouca ou nenhuma escolha acerca do assunto ou da forma de o comunicar, e pouca ou nenhuma oportunidade de formular as suas próprias opiniões.”⁵ (Hart, 1992, p.9), causando no adulto a sensação de que as crianças estão envolvidas em projetos do seu interesse, sendo tal apenas ilusório.

Hart (1992) identifica também modelos de verdadeira participação, como o nível quatro, de *criança mobilizada para a participação informada*, quando a criança participa no projeto a desenvolver de forma informada acerca das intenções do mesmo, de quem nele irá participar e de como/ quem irá tomar decisões, participando de forma efetiva e não ilusória e fazendo-o de forma voluntária, mas sendo o projeto inicial decisão do adulto.

O quinto degrau apresentado é o de *criança mobilizada para a participação, consultada e informada*, quando são os adultos a iniciar o projeto, mas as crianças são ouvidas e as suas ideias utilizadas.

⁵ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “...children are apparently given a voice, but in fact have little or no choice about the subject or the style of communicating it, and little or no opportunity to formulate their own opinions.” (Hart, 1992, p.9)

No nível seis, denominado de *projetos da autoria dos adultos, com decisões partilhadas com as crianças*, a criança, como o próprio nome indica, não inicia o processo, mas participa nas decisões tomadas.

No sétimo degrau desta escada de participação, é a *criança autora de projetos geridos pelos adultos*, sendo a criança a quem origina um projeto, mas um adulto quem o conduz.

No oitavo e último nível da escada de participação de Hart, as crianças iniciam os seus projetos e partilham opiniões e decisões com os adultos, denominando-se de *projetos iniciados pelas crianças, decisões partilhadas com adultos*.

Estes últimos níveis descritos são os mais raros, uma vez que os adultos tendem a ignorar e desprezar tudo aquilo que parte das crianças, não lhes dando a oportunidade de o explicar ou explorar.

Ao contrário do que muitos assumem, o facto de incluir as crianças nas decisões do seu processo de aprendizagem não obriga à necessidade de as mesmas se tornarem pequenos adultos, com demasiadas obrigações e sem tempo para brincar, pelo contrário, possibilita momentos para ambas as áreas, unindo-as em diversos momentos. Hart (1992) defende ainda que “O que é necessário, então, são ocasiões em que as crianças, adolescentes e adultos possam estar sozinhos com a sua faixa etária, e outras em que possam estar juntos para ajudar, partilhar e aprender entre si.”⁶ (Hart, 1992, p.21).

Harry Shier (2001) trabalha também esta temática, apresentando uma escala com cinco níveis de participação, sendo as características dos seus níveis comparáveis com os degraus da escada de participação de Hart (1992), não analisando, neste caso, os três primeiros níveis, considerados por Hart como níveis de não participação.

Cada um dos níveis apresentados pode assumir diferentes fases do processo de participação, podendo uma instituição ou um docente estar no mesmo nível, mas em diferentes fases do processo de participação, sendo os diferentes níveis e frases

⁶ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “What is needed, then, are occasions when children, adolescents, and adults can each be alone with their age group, and other occasions when they can be together to help, share, and learn from one another.” (Hart, 1992, p.21).

acompanhados por perguntas para que possa ser de fácil compreensão o nível em que se enquadram.

Existindo três fases de empenho: *abertura*, é dependente da vontade do docente de trabalhar a participação, podendo essa vontade ser diminuída pela falta de oportunidade; a segunda fase, *oportunidade*, quando se possuem os recursos necessários para trabalhar a participação; a terceira e última fase reconhecida e a da obrigação, quando a instituição estipula que a comunidade educativa aja neste nível.

No que diz respeito aos níveis de participação, o primeiro é aquele em que as crianças são ouvidas, sendo que a vontade de partilhar a sua opinião parte da criança e não do adulto, um docente ou instituição que se enquadre neste nível encontra-se na fase de abertura quando está disponível para ouvir as crianças, passando para a fase de oportunidade se o seu trabalho possibilitar momentos oportunos para tal, atingindo a fase de obrigação se for estabelecido pela instituição ou docente que as crianças sejam ouvidas.

O segundo nível apresentado por Shier (2001) é aquele em que as crianças são incentivadas a dar a sua opinião, devendo os docentes estar preparados para ouvir as opiniões das crianças, preparar momentos e atividades que incentivem e auxiliem as crianças a expor as suas ideias, na fase de oportunidade, devendo, na fase de obrigação, ser uma regra que as crianças/alunos sejam incentivadas a expressar as suas opiniões.

No terceiro nível as opiniões das crianças são tidas em conta, devendo os docentes e a instituição estar recetivos a ouvir as ideias das crianças e tê-las em conta nos momentos de tomadas de decisão, passando para a fase de oportunidade quando programam estratégias para que, na hora de tomada de decisões, seja possível ter em conta as ideias das crianças, fazendo parte da fase de obrigação se tal for exigido pela instituição ou docente.

Estes três níveis descritos são identificados, por Shier (2001), como os níveis básicos de participação, devendo ser seguidos para que os direitos das crianças, descritos pela UNICEF, possam ser garantidos.

O quarto nível apresenta as crianças como estando envolvidas no processo de tomada de decisões, identificando uma fase de abertura quando se está preparado para que as

crianças de participem no processo de tomada de decisões, passando para uma fase de oportunidade quando se criam momentos oportunos para essa tomada de decisões conjunta, culminando na fase de obrigação sempre que as crianças devam estar envolvidas nesse processo.

O quinto e último nível é aquele em que as crianças partilham com os adultos a responsabilidade e poder na tomada de decisões, inserindo-se na fase de abertura quando os adultos estão preparados para partilhar o poder da tomada de decisões, passando para a fase de oportunidades quando existe um procedimento que incentive as crianças a partilharem essa responsabilidade, estando na fase de obrigação os docentes e instituições que tenham como regra que as decisões devem ser tomadas em conjunto por adultos e crianças.

Fielding (2012) apresenta também uma proposta de gradação da participação, com seis diferentes níveis de participação, percebendo a forma como “... os adultos ouvem e aprendem com os alunos nas escolas...”⁷ (p.49). Em cada um desses níveis, Fielding (2012) apresenta características específicas para as salas de aulas, que se distinguem daquelas descritas para a equipa pedagógica ou para a escola. Os níveis a seguir apresentados, terão como foco a participação das crianças em sala de atividades/aulas.

O primeiro nível apresentado é aquele em que as *crianças são utilizadas como uma fonte de dados*, sendo que os docentes as observam para avaliar o seu progresso, podendo tal influenciar a planificação das atividades seguintes, dependendo das capacidades já adquiridas ou das dificuldades observadas.

No segundo nível, os *alunos participam nas discussões* sobre os assuntos em questão, sendo as suas opiniões tidas em conta nas decisões tomadas pelos adultos.

No terceiro nível, *as crianças questionam*, sendo os adultos quem desempenha o papel de liderança, tendo a participação das crianças uma maior influência nas decisões tomadas.

⁷ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “...: *how adults listen to and learn with students in schools...*” (Fielding, 2012, p. 49)

No quarto nível, as crianças são *criadoras de conhecimentos*, liderando as discussões, mas estando os adultos presentes e desempenhando ainda um papel fundamental, fazendo parte da escolha dos assuntos a discutir.

Já no quinto nível, as *crianças são autoras conjuntas*, sendo que, como o próprio nome indica, tomam decisões em conjunto com os adultos para a realização de atividades ou projetos.

O sexto e último nível apresentado reflete uma *aprendizagem intergeracional como democracia*, sendo a responsabilidade e o dever partilhados por todos, tendo como objetivo o bem comum.

Após analisar diferentes autores e as suas respetivas perspetivas quanto aos graus/níveis de participação, é possível perceber que tal varia, tanto a nível da quantidade de graus enumerados, como dos graus considerados como participação, assim como se devem ou não ser incluídos os graus de não participação ou participação ilusória.

No entanto, todos têm algo em comum, reconhecem que a participação é um direito das crianças e que é um dever dos adultos que as rodeiam garantir que as mesmas participam ativamente nas decisões que as influenciam diretamente, introduzindo-a em diferentes momentos de forma a culminar no nível de participação mais elevado comum a todos os autores apresentados: a partilha de poder, entre crianças e adultos, na tomada de decisões.

Ao longo deste capítulo foi abordado o tema *participação*, analisando o seu conceito no contexto daqueles que são os direitos das crianças e de como são, muitas vezes, desvalorizados ou esquecidos, explorando a conceção de culturas da infância e da importância de a compreender para poder perceber as crianças e as suas necessidades. O conceito de verdadeira participação foi também analisado, apresentando diferentes autores que trabalham esse tema, apoiados por exemplos a seguir e a evitar, identificando diferentes níveis de participação com base em diversos autores que a caracterizam, como Fielding (2012), Hart (1992), Lansdown (2005) e Shier (2001) tendo os níveis defendidos pelos mesmos sido fundamentais para a construção de uma tabela própria, utilizada como

para registo e identificação dos níveis de participação vivenciados pelas crianças dos grupos a observar.

Todos estes temas são fundamentais para que possam ser analisados momentos de participação, criando espaço para os mesmos quando estes não acontecem no contexto educativo.

CAPÍTULO II- METODOLOGIAS

2.1. Pertinência da temática, pergunta de partida e objetivos

Neste capítulo serão apresentadas propostas metodológicas implementadas com o objetivo de recolher dados que ajudem a perceber os diferentes níveis de participação das crianças na gestão de aprendizagens nas valências de pré-escolar e de 1.º CEB.

Para trabalhar o tema da participação no sentido de recolher dados que permitam responder à pergunta de partida sobre *quais os níveis de qualidade da participação das crianças na gestão de aprendizagens nas valências de pré-escolar e de 1.º CEB e como são implementados?* realizou-se um estudo de caso múltiplo. No sentido de recolher dados de diferentes participantes dos processos, procurou-se perceber: a perspetiva da professora/educadora estagiária sobre o que é a participação da criança, através de um processo de observação participante (utilização de tabelas de observação com diferentes níveis de participação); a perspetiva dos docentes cooperantes através de entrevistas e criar momentos em que a opinião das crianças seja partilhada e valorizada uma vez que as mesmas são a base de toda esta investigação. O principal objetivo desta investigação e intervenção é então criar oportunidades em que as crianças possam demonstrar as suas preferências e dar sugestões para gerir, de forma adequada, as suas aprendizagens, percebendo a sua perspetiva e o que é, para as mesmas, a participação.

2.1.1. Contexto da investigação

Como já referido, a recolha de dados foi realizada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada I em 1.º Ciclo do Ensino Básico, com uma turma de 4.º ano e em Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar II, com um grupo misto de 4/5 anos.

Apesar da previsão inicial de recolha de dados apenas em dois contextos, acabaram por ser recolhidos dados num terceiro contexto, de 1.º CEB, no âmbito da

Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB III, com uma turma de 2.º ano. Esta recolha de dados surgiu uma vez que esta é uma instituição que demonstra preocupação com a participação das crianças, sendo então diversos exemplos que representam uma participação ativa das mesmas.

Primeiramente, são tidos em consideração os dados observados no contexto I, na Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico I, acompanhando uma turma de 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pertencente a um Agrupamento de Escolas localizado no distrito do Porto. Durante esse período de aproximadamente quatro meses, existiram momentos de intervenção e momentos de observação, sendo então possível observar as estratégias utilizadas diariamente no âmbito da participação e implementar novas práticas também nesse âmbito. Além desta observação participante, também se recolheram dados através da realização de um grupo de discussão focalizada com crianças e uma entrevista com a professora titular da turma em questão.

Como termo de comparação, foram recolhidos dados observados no Contexto II, na Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar II, acompanhando um grupo de crianças de 4/5 anos, composto por algumas crianças que ainda não completaram os 4 anos e outras que, durante este período, irão completar os 6 anos. Esta recolha de dados realizou-se num Colégio Privado localizado no distrito do Porto.

Ao longo deste estágio foi possível acompanhar o grupo durante um período de aproximadamente quatro meses, durante os quais se desempenhou um papel de observadora participante, conhecendo as estratégias utilizadas pela educadora e implementando estratégias próprias, conhecendo o grupo, as suas características, dificuldades e necessidades.

Para complementar os registos de observação efetuados foi também realizado um grupo de discussão focalizada com as crianças, assim como uma entrevista com a educadora do grupo.

A recolha de dados no contexto III foi realizada apenas através da realização de um grupo focal com alunos de uma turma de 2.º ano e de uma entrevista à professora dessa mesma turma, com a qual foi realizado o estágio profissional, não sendo

preenchidas tabelas de observação, uma vez que a recolha de dados neste contexto serviu para uma análise de dados comparativos, não sendo analisados de forma individual. Esta é uma Instituição Privada de Solidariedade Social (IPSS), localizada no grande Porto e que dá resposta às valências de creche, pré-escolar e 1.º CEB.

Os documentos orientadores do agrupamento, como o Projeto Educativo, o Plano Anual de Atividades, o Regulamento Interno e o Referencial de Avaliação Pedagógica são também fundamentais para uma melhor compreensão do contexto em que decorre a investigação, uma vez que servem como caracterização das escolas incluídas no agrupamento em questão.

No que diz respeito à Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB I, os documentos analisados são documentos gerais, tendo como base todo o agrupamento e as escolas nele incluídas, sendo que não demonstram especificidades acerca da escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico na qual foram realizados o estágio e a respetiva investigação.

Para que se possa perceber qual a ligação do agrupamento com temática da participação das crianças, foram analisados os documentos previamente referidos, tendo como base a participação das crianças e as referências à mesma nos documentos orientadores.

No Regulamento Interno são referidas as competências esperadas dos docentes titulares das turmas de 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo enumeradas competências que se relacionam à participação dos alunos no que diz respeito a serem observados. Sendo assim, os conhecimentos adquiridos e as atividades e exercícios realizados devem então ser geridos com base nas capacidades e dificuldades dos alunos da turma, com o objetivo de cada aluno conseguir ultrapassar as suas dificuldades e desenvolver diferentes competências, sendo esperado que os professores elaborem atividades e fichas adaptadas e que valorizem as diferentes características dos seus alunos.

Quanto à participação dos alunos em conselhos de turma, a mesma é apenas incluída no 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico, assim como no Ensino Secundário com a presença de dois representantes dos alunos, não estando prevista a participação de alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste documento constam ainda alguns dos deveres dos alunos, constando entre os mesmos o dever de estudar, ser assíduo e empenhado e de respeitar todos os membros da comunidade educativa, estando a participação presente no dever de participar nas atividades desenvolvidas, participando também na eleição dos representantes dos alunos e tendo o direito a estar representados e a realizar assembleias de alunos assim como reuniões de turma que podem ser solicitadas pelo delegado e pelo subdelegado.

É então possível concluir, depois de analisar o Regulamento Interno, que neste documento a participação das crianças é referida ocasionalmente em áreas de realização de atividades ou de representação a nível escolar, estando a representação dos alunos mais presente a partir do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

No documento do Plano Anual de Atividades, no qual são enumeradas e listadas as atividades a realizar ao longo do ano letivo, assim como os responsáveis pela sua organização e execução, é possível perceber que os responsáveis são os docentes titulares, sendo os alunos referidos como destinatários das atividades desenvolvidas, não estando, no documento, especificada a sua participação e envolvimento.

O documento do Projeto Educativo caracteriza o agrupamento e as instituições que o integram, enumerando as escolas que oferecem cada um dos níveis de ensino e referindo os alunos matriculados em cada um dos mesmos, assim como as finalidades educativas, das quais constam a interação entre comunidade, a valorização da língua e cultura portuguesas e o desenvolvimento de uma comunidade educativa voltada para a formação integral dos seus alunos.

Neste documento a participação remete aos Encarregados de Educação, sendo referida como uma área a desenvolver e tendo como principal objetivo a participação dos Encarregados de Educação na vida escolar dos seus educandos.

O Referencial de Avaliação Pedagógica remete, como o próprio nome indica, para a avaliação dos alunos e o formato em que a mesma é realizada. Neste documento, é possível ler que os alunos devem ser incluídos no processo de avaliação, sendo o principal objetivo da avaliação o melhor entendimento, por parte dos alunos, dos conteúdos lecionados, sendo que tal permite ao docente uma melhor perceção das dificuldades dos

alunos da turma. A auto, hétero e coavaliação são referidas continuamente, revelando a importância da sua realização.

Neste documento é ainda possível perceber que as atividades propostas pelo docente e realizadas pelos alunos devem permitir oportunidades para que os alunos participem na sua avaliação, sendo a sua participação nas aulas e em diferentes atividades uma área que é também avaliada.

A leitura e análise destes documentos relativos ao 1.º Ciclo do Ensino Básico foi então fundamental para poder perceber a perceção, no que diz respeito aos documentos escritos do agrupamento, daquela que é a participação dos seus alunos, percebendo que a mesma é ocasionalmente referida nos diferentes documentos, reforçando a participação como um dever, no âmbito de realização das atividades propostas, e como um direito, na área da representação dos alunos, não existindo regras específicas para que os alunos participem no seu processo de aprendizagem ou expressem as suas sugestões e opiniões acerca do mesmo.

Relativamente à Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar II, no âmbito do estágio em pré-escolar, foram também analisados documentos orientadores como o Projeto Educativo, o Regulamento Interno e o Plano Anual de Atividades, sendo os mesmos direcionados para pré-escolar e para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, ambas valências presentes na instituição, analisando os mesmos no âmbito da participação das crianças.

No documento do Regulamento Interno, são referidos os deveres dos alunos, constando o dever de seguir as instruções dos docentes no que se relaciona com as suas aprendizagens, constando ainda o dever de ser assíduo e de respeitar todos os membros da comunidade educativa, sendo a participação em atividades propostas, também mencionada como um dever dos alunos.

Neste documento, a participação é também referida como promotora do sucesso escolar das crianças que frequentam a instituição, promovendo o desenvolvimento pessoal e interpessoal das crianças.

Depois da análise realizada foi possível perceber que a participação das crianças é referida poucas vezes, sendo encarada maioritariamente como um dever das crianças a nível de participação de atividades e não como um direito a nível de influência nas atividades propostas e realizadas.

No documento do Projeto Educativo, que caracteriza a instituição, a participação ativa é referida como um meio para que as crianças se respeitem mutuamente, realçando a importância e valorização da participação criativa, assim como o direito de intervir na tomada de decisões, referindo ainda o direito dos pais de participarem no processo educativo dos seus educandos.

No documento do Plano Anual de Atividades são listadas as atividades programadas para serem realizadas ao longo do ano letivo, identificando os dinamizadores das atividades, estando as crianças identificadas maioritariamente como destinatárias da atividade, sendo identificadas uma vez como dinamizadoras de uma atividade.

É então possível perceber que a participação das crianças é sim uma preocupação da instituição, sendo vista como um direito das mesmas e como uma mais-valia para o processo de aprendizagem das crianças e para a relação da comunidade educativa, sendo tal visível em alguns dos documentos, apesar de estar subentendido nos restantes.

No que diz respeito à análise dos documentos do contexto III, é também fundamental analisar os seus documentos orientadores, no âmbito da participação.

O documento de Regulamento Interno remete ao 1.º CEB, e aborda a entidade gestora da instituição, assim como os seus destinatários e os serviços aos quais dão resposta, enumerando ainda as normas de funcionamento da mesma, assim como os direitos e deveres de toda a comunidade educativa.

Relativamente aos direitos e deveres dos alunos surge o direito a serem respeitados e protegidos, sendo o respeito pelo outro, a assiduidade e pontualidade.

A temática da participação é também abordada, como direito e dever, dos alunos e dos encarregados de educação, em termos de participarem nas atividades da escola e na

organização das mesmas, assim como, no caso dos alunos, participarem no seu processo de avaliação individual.

O Projeto Educativo procura expor as características da instituição em todas as valências e a sua história, enumerando os seus diferentes objetivos em diferentes áreas. No Projeto Educativo desta instituição, a referência à participação é maioritariamente associada à participação das famílias e dos Encarregados de Educação no processo educativo dos seus educandos, referindo a participação das crianças em diferentes experiências e atividades promovidas pela comunidade educativa.

O documento do Plano Anual de Atividades engloba as valências de creche, pré-escolar e 1.º CEB, sendo perceptível que as crianças são os principais recetores das atividades, não estando, de forma explícita, envolvidos na planificação das mesmas.

É então possível perceber, através da análise dos diferentes documentos do Contexto III, que a participação das crianças é uma preocupação da instituição, sendo encarada como direito e dever das mesmas, não só na participação em atividades propostas por adultos, mas também na organização de algumas atividades.

2.1.2. Participantes

Como foi previamente referido, num primeiro momento acompanhou-se uma turma de 1.º Ciclo do Ensino Básico de 4.º ano, composta por vinte alunos, sendo nove do sexo feminino e onze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os nove e os onze anos. É um grupo caracterizado por ser uma turma interessada em realizar as atividades propostas, propondo sugestões e dando a sua opinião, demonstrando facilidade em adaptar-se aos diferentes momentos vividos e às características de cada um, não apresentando, no geral, nenhuma dificuldade específica.

Destes vinte alunos, seis foram convidados a participar num grupo de discussão focalizada para partilha de ideias e opiniões acerca do tema *participação*. Os alunos convidados têm características diferentes, tanto a nível de confiança em comunicar, como de preferências, tendo sido escolhidos de forma a que, uma vez que não era possível que

todos os alunos da turma estivessem presentes, as diferentes características dos alunos da turma estivessem representadas.

Ainda no contexto desta investigação, e com o objetivo de perceber a opinião da professora titular que acompanha a turma desde o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi realizada uma entrevista com a mesma, centrando-se no tema da participação e naquela que é a sua experiência com a mesma, percebendo se a sua opinião e experiência divergem ou coincidem com as dos seus alunos.

Num segundo momento de recolha de dados, acompanhou-se um grupo de 4/5 anos do pré-escolar, composto por vinte e quatro crianças, oito crianças do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino, sendo que a maioria destas crianças completou quatro ou cinco anos durante o ano letivo em que decorreu a recolha de dados, sendo que algumas das crianças completaram seis anos nesse mesmo período de tempo.

Este é um grupo misto, com diferentes idades e características, interessado em diferentes temáticas e empenhado em participar e dar sugestões.

Tal como realizado com os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, teve também lugar um grupo de discussão focalizada com sete crianças com características diferentes, entre elas a idade e a frequência de envolvimento nas atividades da sala, de forma a poder ouvir a opinião das crianças que por vezes se retraíam. Para completar a recolha de dados prévia, foi também realizada uma entrevista com a educadora do grupo, que acompanha a maioria das crianças desde que as mesmas entraram na instituição.

No terceiro contexto, foi acompanhada uma turma de 2.º ano do 1.º CEB, composta por vinte e quatro alunos, dos quais catorze são do sexo feminino e dez do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos.

Esta é uma turma participativa e empenhada, que demonstra interesse nas diferentes áreas trabalhadas, demonstrando criatividade na partilha de opiniões e sugestões e na realização de atividades.

Assim como nos dois contextos anteriores, foi realizado um grupo de discussão focalizada com sete crianças, tendo as mesmas sido escolhidas de forma a representarem os restantes alunos da turma, fazendo parte do mesmo, alunos que frequentaram o pré-escolar na instituição e que se sentiam seguros para partilhar as suas experiências. De

forma a terminar a recolha de dados, foi realizada uma entrevista à professora cooperante, que acompanha a turma desde o 1.º ano do 1.º CEB.

2.2. Procedimentos metodológicos

No contexto deste estudo, foi realizado um estudo de caso múltiplo, em três instituições em que decorreram a prática de ensino supervisionada em ensino do 1.º CEB I e II e em educação pré-escolar II, do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a conseguir observar e refletir acerca de diferentes contextos de aprendizagem, comparando-os no que diz respeito a oportunidades de participação e aos níveis de participação experienciados pelas crianças em ambas as valências.

Através deste estudo de caso múltiplo foi possível observar três realidades diferentes e analisar os dados recolhidos utilizando diferentes estratégias, sendo que como defende Sarmiento (2011, p.3), “Os `estudos de caso´ de escolas são, portanto, um formato metodológico que deve a sua divulgação, antes de mais, ao facto de perspectivarem holisticamente as unidades organizacionais...”, afirmando ainda que “...algumas das mais interessantes investigações da escola como organização são estudos de caso...”.

Para a realização do estudo de caso múltiplo foram recolhidos dados através de observação participante, “...realizada em contacto directo, frequente e prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa.” (Correia, 2009, p.31), sendo a observação participante fundamental para este estudo e para a recolha de informação pois esta observação é “...é dinâmica e envolvente e o investigador é simultaneamente instrumento na recolha de dados e na sua interpretação, como já afirmámos.” (Correia, 2009, p.31).

Para apoiar a recolha de dados na observação participante, e com bases numa revisão da literatura sobre o tema, criou-se uma escala de participação das crianças, construída a partir de propostas de diferentes autores, como Fielding (2012), Hart (1992), Lansdown (2005) e Shier (2001), concretizando-as com exemplos observados num grupo de Educação Pré-escolar e numa turma de 1.º Ciclo do Ensino Básico. No final de ambas as

experiências, analisaram-se os resultados obtidos discutindo e refletindo sobre os níveis e tipos de participação observados em ambas as valências. Igualmente, através da realização de grupo de discussão focalizada e entrevistas, articulam-se os dados registados nos momentos observados com as opiniões das crianças e dos docentes que participaram desses mesmos momentos.

Através da comparação entre os dados recolhidos na observação participante e os dados recolhidos nos grupos de discussão focalizada pretendeu-se perceber se as perceções sobre os momentos mencionados são semelhantes em ambos, ou se são momentos que demonstrem as diferentes perspetivas entre alunos e professora estagiária.

2.2.1. Tabelas com registos de observação

Com base em diferentes escalas de participação propostas por autores como Fielding (2012), Hart (1992), Lansdown (2005) e Shier (2001), foi criada uma nova proposta de gradação de participação que permitisse recolher e sistematizar a informação recolhida através de observação participante, completando cada tabela com exemplos relativos a diferentes áreas de participação naquilo que diz respeito ao ambiente de sala de aula/ atividades, como na gestão do currículo e aprendizagens, na gestão dos espaços e materiais e na gestão da sala de aula, abordando normas e regulamentos.

Com base nas tabelas de Fielding (2012), que distinguem os diferentes espaços da escola, foram criadas tabelas tendo em conta o espaço de sala de aula/atividades, sendo os níveis centrados na mesma, sendo que cada tabela elaborada é direcionada para diferentes aspetos abordados dentro da sala de aula como *gestão do currículo/aprendizagens*, *gestão de espaço e materiais* e *gestão da sala de aula (normas e regulamentos)*.

Assim como na proposta de Hart (1992), nas tabelas elaboradas consta também um nível de não participação, denominado de *ilusão*, no qual as crianças são utilizadas apenas como um adereço, dando a sua opinião, mas vendo a mesma desvalorizada e ignorada.

Lansdown (2005) apresenta três níveis de participação, sendo os mesmos tidos como base para os níveis utilizados, Lansdown (2005) refere os *processos consultivos*, estando os mesmos presentes nos níveis 1 e 2, em que as *crianças são observadas* e naquele em que as *crianças são ouvidas*, o segundo nível definido pelo mesmo é o de *processos participativos*, sendo tal visível nos níveis 3 e 4, em que as *opiniões das crianças são consideradas* e a *tomada de decisões envolve as crianças*, sendo que o nível 5 de *decisões partilhadas* reflete o terceiro e último nível de Lansdown (2005), denominado de *processos autónomos* no qual as crianças gerem o processo de participação sendo o adulto apenas um mediador.

Harry Shier (2001), apresenta níveis de participação tendo em conta diferentes fases de um mesmo processo, assim nas tabelas utilizadas para registos de observação, são tidos em conta três fases pertencentes a cada um dos níveis: a fase de *abertura*, na qual a partilha de opiniões e sugestões parte da mesma mas é ouvida pelo adulto, a fase de *oportunidade*, na qual o adulto cria momentos nos quais as crianças têm a oportunidade de dar a sua opinião e a fase final de *obrigação*, sendo que nesta fase a participação é uma regra da sala de aulas/atividades.

Após uma análise e reflexão sobre cada uma destas propostas, foi criada uma escala de participação que deu origem a tabelas de níveis de participação (ver apêndices A, B e C), para registo dos momentos observados.

Através das tabelas preenchidas com exemplos observados, pretendeu-se refletir acerca da real participação das crianças e dos níveis nos quais a mesma é implementada, de acordo com os dados recolhidos.

2.2.2. Grupo de discussão focalizada

Sendo o tema a *participação das crianças* e a sua implicação naqueles que são os seus processos de aprendizagem, é então fundamental que as mesmas tenham a possibilidade de dar a sua opinião e serem escutadas acerca do tema e daquela que é a sua experiência na gestão das suas aprendizagens e dos ambientes nos quais as mesmas decorrem.

Para partilha de opiniões e para poder perceber qual a perceção e opinião das crianças acerca do tema *participação*, foram realizados grupos de discussão focalizada para compreender qual é, em contexto de sala de aula/atividades, a perceção das crianças quanto a experienciar a verdadeira participação no seu processo de aprendizagens, compreendendo em que níveis se enquadram as suas vivências e comparando-as com os registos presentes nas tabelas de observação.

Como referem Cortesão, Amorim e Menezes (2019, p. 160),

Os grupos focais podem ser definidos como sendo uma técnica de investigação que recolhe dados através das interações de grupo, a partir da discussão de um tópico específico sugerido pelo investigador. Permitem uma interpretação dos dados que vai para além da análise de conteúdo, porque permitem perceber não só o que e que os participantes dizem, mas também oferecem a oportunidade de se observar a coconstrução dos sentidos da ação e observar interações sobre um assunto específico num período curto de tempo.

Através de grupos de discussão focalizada as crianças neles envolvidas partilham ideias entre si, dando continuidade através das “...colocações feitas durante a discussão, estimulados por comentários ou questões levantados por um moderador.” (Schröder & Klerin, 2009, p. 333), sendo então possível perceber a perceção das crianças acerca daquilo que é a participação, mais especificamente na escola e na sala de aula, percebendo se, na sua opinião, os adultos têm um papel de estatuto superior, igualitário ou reduzido nessa participação, quando comparados às crianças (ver apêndices D, E, F, G e H-consentimentos informados e guiões dos grupos de discussão focalizada).

A partilha de experiências é também fundamental para uma melhor compreensão das suas sugestões e opiniões, criando ainda a oportunidade de os mesmos agirem como professores e criarem oportunidades que promovam a participação dos alunos da sua turma.

Para terminar, foi pedido aos alunos que identificassem alguns pontos positivos do momento de discussão focalizada, percebendo a sua perspetiva quanto ao mesmo e às partilhas realizadas.

2.2.3. Entrevista

Tendo em conta que quem pode proporcionar estes momentos de participação das crianças/alunos, é a educadora/professora responsável, é também importante perceber a opinião das mesmas quanto ao tema, realizando uma entrevista para compreender se implementam momentos de participação e a forma e o motivo pelo qual o fazem, ou não.

As entrevistas (ver apêndice I, J, K, L e M- consentimentos informados e guiões das entrevistas) devem “... seguir criteriosamente os objectivos do estudo, de forma a obter consistência e profundidade nos dados.” (Araújo, Cruz e Almeida, 2011, p. 257), sendo então importante, para este estudo, que o foco e a base das perguntas fossem semelhantes aquelas partilhadas com as crianças, de modo que possam ser identificadas semelhanças ou diferenças nas respostas dadas.

Para tal, é também importante perceber, na perspectiva dos docentes, o que estes entendem por participação em sala de aula/atividades, e quem a exerce com mais frequência, conhecendo a sua perspectiva acerca da importância da mesma e se existem momentos em que é propositadamente implementada, percebendo quais são esses momentos e qual é a sua experiência em termos de resultados.

CAPÍTULO III- ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

3.1. Apresentação de dados- Contexto I

3.1.1. Tabela dos níveis de participação- Contexto I

Como previamente referido, no primeiro momento em que este estudo decorreu, foram preenchidas tabelas com base em registos de observação realizados durante o período de intervenção e de observação com uma turma de 4.º ano.

Nas tabelas abaixo apresentadas, constam o número de exemplos observados e realizados pela professora cooperante, ou planificados pela estagiária, no que se relaciona à participação das crianças em diferentes áreas na sala de aula, sendo possível perceber em que níveis existem mais atividades e momentos que proporcionem a participação das crianças.

As tabelas agora apresentadas servem como um resumo, para uma melhor perceção do número de atividades realizadas e observadas em diferentes áreas ao longo do período de estágio (ver apêndices N, O e P).

Na sala de aula/ atividades- gestão do currículo/ aprendizagens							
Níveis de participação ↓		Abertura		Oportunidade		Obrigação	
		Professora	Estagiária	Professora	Estagiária	Professora	Estagiária
5	<i>Decisões partilhadas</i>	0	1	0	4	0	0
4	<i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	0	0	0	0	0	0
3	<i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	0	0	0	2	0	0
2	<i>Crianças são ouvidas</i>	0	0	0	0	0	0
1	<i>Crianças são observadas</i>	1	0	0	1	0	0
	<i>Ilusão</i>	0	0	0	0	0	0

Tabela 1- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão do currículo/ aprendizagens, em 1.º CEB

Primeiramente, será analisada a tabela relativa à gestão, por parte das crianças, do currículo e das suas aprendizagens (ver apêndice N, dados da tabela dos níveis de participação- gestão do currículo/ aprendizagens- Contexto I).

Como é possível observar, nesta tabela, no âmbito de abertura, definida pela participação espontânea por parte da criança, mas aceite pelo docente, existem exemplos de apenas dois momentos, um observado entre professora cooperante e alunos e outro experienciado pela professora estagiária.

O exemplo observado entre a professora cooperante e os alunos representa o primeiro nível da tabela dos níveis de participação, em que *as crianças são observadas*, refletindo-se nos momentos de correção de exercícios e de apoio, durante os quais a

professora observa as necessidades dos alunos e cria momentos em que essas necessidades e dificuldades possam ser trabalhadas, através da realização de mais exercícios, trabalhos e atividades nessa área ou no pedido de realização de exercícios para trabalhos de casa.

No exemplo experienciado pela professora estagiária e pelos alunos, o momento de abertura reflete uma situação associada ao nível 5 de *decisões partilhadas*, sendo que durante a realização de circuitos e de exercícios associados a educação física, os alunos da turma pediram para realizar alguns jogos nesse âmbito, sendo esses jogos considerados e realizados.

No que diz respeito à oportunidade dada aos alunos para darem sugestões, foram experienciados sete momentos proporcionados pela professora estagiária, sendo quatro desses momentos associados ao nível 5 de *decisões partilhadas*, refletidos em momentos de assembleias de turma, realizadas semanalmente e dando aos alunos a oportunidade de darem sugestões e partilharem as suas opiniões, partilhando as atividades que gostavam de fazer e que gostavam de fazer com mais frequência, como a realização de trabalhos de grupo e a realização de um livro final com os registos de todas as assembleias realizadas.

Ainda relacionados com os momentos em que é dada às crianças a *oportunidade* de participação, foram criadas duas atividades associadas ao nível 3 em que as *opiniões das crianças são consideradas*, numa atividade de construção de um friso cronológico em que cada grupo tinha um período de tempo associado, devendo fazer pesquisa e optar pelos momentos mais importantes desse período, registando-os no friso cronológico e numa atividade de construção de um painel representante do m² em que cada aluno construiu diferentes quadrados e decorou os seus quadrados da forma que preferiu, utilizando diferentes materiais.

No nível 1, em que as *crianças são observadas*, foi utilizada uma estratégia constante de tabelas de registo de observação, nas quais foram registadas as dificuldades, facilidades e necessidades de cada aluno tendo em conta os objetivos propostos para a atividade a realizar, de forma a utilizar esses registos aquando da planificação de atividades, trabalhando com mais frequência e utilizando diferentes estratégias para abordar as áreas em que os alunos demonstram mais dificuldade, priorizando os processos em que demonstram mais interesse.

Na sala de aula/ atividades- gestão de espaços e materiais							
Níveis de participação ↓		Abertura		Oportunidade		Obrigação	
		Professora	Estagiária	Professora	Estagiária	Professora	Estagiária
5	<i>Decisões partilhadas</i>	1	0	1	0	0	0
4	<i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	1	0	0	1	0	0
3	<i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	0	0	0	0	0	0
2	<i>Crianças são ouvidas</i>	0	0	0	0	0	0
1	<i>Crianças são observadas</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Ilusão</i>	0	0	0	0	0	0

Tabela 2- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão de espaços e materiais, em 1.º CEB

No que diz respeito à gestão do espaço e de materiais (ver apêndice O- dados da tabela dos níveis de participação- gestão do espaço e materiais- Contexto I), de acordo com os dados recolhidos, foram observados dois exemplos na área de abertura, ambos experienciados pela professora, um no nível 5, de *decisões partilhadas*, em que as crianças deram sugestões acerca de como o espaço de sala de aula poderia ser decorado para o Carnaval, sendo as suas sugestões ouvidas e utilizadas, decorando a sala com serpentinas e com trabalhos associados a essa data festiva. No nível 4. em que a *tomada de decisões envolve as crianças*, foi registado um exemplo associado ao acima descrito, em que as crianças escolheram os trabalhos a realizar para decorar o espaço da sala de aula.

Na área da oportunidade dada às crianças para participarem na gestão dos espaços e materiais existe registo de dois momentos, um realizado pela professora, no nível 5, em que foi criado um momento de diálogo para partilha de decisões acerca de disposição dos trabalhos, e um no nível 4 em que, durante a assembleia semanal, *a tomada de decisões envolve as crianças*, dando sugestões acerca da disposição dos trabalhos realizados e do local de exposição dos registos das assembleias.

Na sala de aula/ atividades- gestão da sala de aula (normas e regulamentos)

Níveis de participação ↓		Abertura		Oportunidade		Obrigação	
		Professora	Estagiária	Professora	Estagiária	Professora	Estagiária
5	<i>Decisões partilhadas</i>	0	0	0	1	0	0
4	<i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	0	0	0	0	0	0
3	<i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	0	0	0	0	0	0
2	<i>Crianças são ouvidas</i>	0	0	0	0	0	0
1	<i>Crianças são observadas</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Ilusão</i>	0	0	0	0	0	0

Tabela 3- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão da sala de aula (normas e regulamentos), em 1.º CEB

Na terceira e última tabela sobre a gestão da sala de aula (normas e regulamentos) (ver apêndice P- dados da tabela dos níveis de participação- gestão da sala de aula [normas e regulamentos]- Contexto I), foi registado apenas um exemplo, proporcionado pela professora estagiária, no nível 5, de *decisões partilhadas*, no âmbito da oportunidade, refletindo-se no momento da assembleia em que foram estabelecidas regras para o decorrer das assembleias de turma, de modo que as mesmas acontecessem de forma harmoniosa e organizada. Este momento proporcionou troca de ideias e partilha de valores, refletindo-se em regras para escolha do secretário, e para participação e partilha de ideias durante as assembleias.

Depois de analisadas as tabelas é então possível perceber que no nível mais baixo, considerado como não participação e denominado de *Ilusão*, não foram observados, em nenhuma das tabelas, momentos que o refletissem, sendo que todos os momentos observados refletem momentos de participação real, ainda que em diferentes níveis.

No nível dois, em que as *crianças são ouvidas*, também não foram registados exemplos em nenhuma das áreas observadas, sendo que exemplos previamente

associados a esse nível foram, depois de analisados, associados a outros níveis presentes nas tabelas.

No âmbito da *obrigação*, designada pelo dever, definido pela escola ou pela professora responsável, de que os alunos participem no seu processo de aprendizagem, não foi observado nenhum momento em que sejam implementadas regras nesse âmbito, em nenhum dos níveis de nenhuma das áreas observadas, sendo os momentos de participação espontâneos e não obrigatórios.

Em todos os outros níveis apresentados existe pelo menos um exemplo, numa das tabelas ou num dos âmbitos abordados, sendo propostas realizadas pela professora cooperante ou pela estagiária.

Através da análise desta tabela é ainda possível concluir que o maior número de exemplos definidos são associados à gestão do currículo ou das aprendizagens, sendo essa a área em que as crianças participam com mais frequência.

3.1.2. Grupo de discussão focalizada- Contexto I

Através da realização do grupo focal, com a participação de sete alunos, quatro do sexo feminino e três do sexo masculino, procurou-se responder a perguntas previamente definidas de modo a perceber a percepção dos alunos acerca do que é a participação, partilhando as suas experiências (ver apêndice Q- transcrição do grupo de discussão focalizada- contexto I), apresentando agora algumas das suas respostas às questões colocadas.

Para começar a partilha de opiniões, foi feita a pergunta “O que é a participação?”, sendo que as crianças definiram como “*Aceitar fazer alguma coisa*” ou “*Ajudar a fazer as coisas...*”, identificando essa participação e entretajuda em momentos de jogos, reforçando também a realização de reuniões e participação nas mesmas, como no grupo de discussão focalizada.

Depois de discutido o que era, para cada um, a participação, essa definição foi então associada à escola, sendo que os participantes associaram à participação nas aulas,

respondendo às questões colocadas e sendo incluídos na realização de brincadeiras, nos jogos e nas atividades, dando o exemplo de uma atividade de apresentação realizada em grupo as crianças participantes do grupo afirmaram que “*Os alunos, professores, auxiliares, cozinheiras, coordenadora, estagiárias...*” participam na escola, sendo os momentos de intervalo aqueles em que os alunos identificam uma participação mais diversificada.

Quando a pergunta da participação foi direcionada para as aulas, os alunos afirmaram que participam nas aulas e que gostam de o fazer para realizarem diferentes atividades e partilharem as suas respostas, sentindo a satisfação de responderem corretamente, vendo o seu empenho valorizado, mas reconhecendo que por vezes não respondem às questões colocadas por receio de errarem, referindo que “*Têm vergonha*” e que “*...têm medo de errar.*”.

Quanto à participação nas aprendizagens as crianças identificam dificuldade, em contexto de turma, em chegar a um consenso, afirmando que essa dificuldade faz com que os momentos em que existe a oportunidade de partilha sejam reduzidos, mas sendo possível identificar atividades em que tiveram a oportunidade de dar sugestões e fazer escolhas relativas à sua realização como na atividade dos 5 R’s em que explicaram que “*[Tinham] ... a cartolina e [tinham]... a liberdade de expressão de poder fazer o que... [quisessem] na cartolina desde que tivesse a ver com o tema.*” ou “*...na atividade do 25 de abril.*” durante a qual puderam escolher o formato em que realizavam e apresentavam o trabalho, referindo ainda uma atividade de partilha de memórias e momentos decorridos durante o estágio em que identificam a participação uma vez que *podiam “...escolher para quem... [queriam] atirar o cordão e o que ... [queriam] dizer.*”.

No que diz respeito à participação na avaliação e aos formatos em que a mesma é realizada, essa decisão cabe aos professores uma vez que “*Os professores têm uma reunião para decidir que vai haver testes e a data*”, concordando que quanto às formas de avaliação não existem momentos para discussão de sugestões, uma vez que essa decisão é tomada pelos professores e referindo que participam na sua avaliação quando realizam “*... fichas, nos testes, nas fichas para casa e no nosso comportamento.*”.

À questão “*Acham que as vossas sugestões são ouvidas?*” as crianças responderam que existem momentos em que sentem que são ouvidas como na

organização da exposição de trabalhos exemplificando que “...para não ficar uns desenhos noutra placard nós perguntamos à professora se podemos juntar os desenhos e a professora diz que se ficar melhor podemos.”. Os alunos referem ainda que na realização de trabalhos em momentos em que não existem atividades planeadas a professora dá aos alunos a oportunidade de optarem entre “... pintar, desenhar ou fazer um jogo.”, podendo cada aluno escolher a atividade que preferir. Como momentos programados para partilha de opiniões as assembleias de turma implementadas e realizadas semanalmente são o único momento identificado, lembrando que durante as mesmas “...dávamos as nossas opiniões sobre o quê que nós achamos positivo, se eu achei uma coisa positiva e ele não, nós tínhamos que concordar para escrever. Também falávamos dos pontos negativos e das sugestões e das dificuldades, para nós depois fazermos um livro e aprendermos sobre os pontos positivos.”, referindo ainda que as sugestões partilhadas e registadas durante as assembleias foram realizadas, mencionando que “Fizemos tudo que sugerimos, os jogos em turma, no computador, o trabalho das nuvens.”, reforçando ainda a realização de diferentes jogos em turma e trabalhos de grupo.

Para terminar a partilha de opiniões quanto à temática da participação, as crianças tiveram a oportunidade de se colocarem em cima de uma cadeira e definirem regras que implementariam caso fossem professores.

As regras implementadas variavam entre diferentes temáticas, sendo referida com frequência a proibição dos “...professores gritarem com as crianças porque senão elas não iam entender, iam ficar com mais medo e com mais vergonha...” sendo que tal as poderia impedir de participarem e aprenderem. Referem também que, na gestão de conteúdos, implementariam mais trabalhos em grupo pois acreditam “que os alunos aprendem melhor em grupo porque se tiverem dúvidas podem perguntar ao colega ou ao professor.”, propondo também mais trabalhos realizados em computador uma vez que “dá para pesquisar e aprendem melhor.” mencionando ainda que realizariam “mais jogos com a matéria que estava a dar com os meus alunos. ... e ia ser divertida só que ia fazer mais jogos com a matéria.”.

Quanto à avaliação e ao formato em que a mesma é realizada, os alunos referiram que avaliariam os conhecimentos adquiridos através de diferentes momentos, referindo

que avaliavam “...*tudo, os testes e as fichas.*”, reconhecendo o esforço dos alunos com melhores resultados, uma vez que “... *quem chegar primeiro esforçou-se para chegar primeiro, quem ganhar e tiver um resultado melhor eu dava um prémio, uma lembrança, um doce.*” reconhecendo o empenho daqueles que tivessem melhores resultados, sendo que através desse prémio os iriam “...*incentivar a estudar mais.*”.

Para concluir o grupo de discussão focalizada foi realizado um último momento de reflexão acerca do mesmo e da sua dinâmica, tendo todas as crianças referido que gostaram de participar do mesmo por diferentes razões, afirmando ser “...*uma boa ideia partilharmos o que nós sentimos, o que achamos dos jogos, qual foi o nosso favorito, como aprendemos melhor, o que fazíamos se fossemos professor...*”, reforçando a importância de “...*dar as opiniões e ouvir a opinião dos outros*” e de “...*ninguém criticar, poder falar livremente das opiniões.*”, apontando também o jogo de quebra-gelo como um momento positivo.

3.1.3. Entrevista- Contexto I

Na entrevista realizada à docente cooperante foram realizadas questões idênticas aquelas colocadas aos alunos, de modo a conseguir identificar as diferentes perspetivas (ver apêndice R- transcrição da entrevista- Contexto I), apresentando agora as questões colocadas, descrevendo as respostas dadas e complementando essa descrição através da transcrição de respostas dadas pela docente.

Para começar a entrevista foi introduzida a questão “O que é a participação?” para compreender, do ponto de vista da docente, o conceito de participação, tendo a docente referido que “*é uma mais-valia quando [as crianças] intervêm... é muito importante*”, explicando no decorrer da entrevista que quando participam as crianças estão mais envolvidas nas suas aprendizagens, efetivando os conhecimentos de forma mais segura, partilhando conhecimentos prévios e procurando fazer novas descobertas.

Quanto à participação no âmbito da escola e da sala de aula, a professora entrevistada menciona que os alunos são “*participativos em todas as áreas, gostam de intervir quando há um tema novo, são muito participativos.*”, referindo que “*No estudo*

do meio são mais curiosos, gostam de saber muito mais coisas, fazem mais perguntas e respondem porque são mais do dia-a-dia.” sendo que os alunos demonstram mais interesse uma vez que estão mais familiarizados e têm mais exemplos para partilhar.

Do ponto de vista da professora cooperante, tanto professores como alunos participam na escola, sendo tal visível em diferentes atividades, assim como no “*...projeto da horta em que toda a escola interagiu, todos os meninos foram plantar e hoje fomos colher alguns produtos da horta e andamos a tratar da horta.*”. Neste projeto, toda a comunidade educativa cooperou, “*Na parte das plantações foi toda a turma e todos os professores.*” e todos demonstram entusiasmo em participar e orgulho no trabalho realizado, “*Eles gostam muito da atividade.*”.

A participação das crianças é então vista como parte importante da aprendizagem uma vez que os ajuda “*...a desenvolver e a dar conhecimentos aos outros porque eles aprendem muito uns com os outros. É uma partilha de conhecimentos que eles vão depois adquirindo, é uma partilha mesmo.*”, sendo fundamentais para trabalharem o respeito pelas sugestões dos outros, “*...há um debate de ideias, uns pensam de uma maneira, outros pensam de outra e têm de chegar a um consenso.*” trabalhando para chegar a um acordo, respeitando todas as opiniões.

Segundo esta docente, ao longo do ano letivo existem ainda diferentes situações e oportunidades para que as crianças participem nas suas aprendizagens, através da escolha do formato a realizar diferentes trabalhos e a recolha de dados para a realização dos mesmos, através de trabalhos realizados em casa e apresentados à turma como o trabalho acerca do 25 de abril ou da visita ao Oceanário de Lisboa, sendo que, nesses trabalhos, os alunos tiveram a oportunidade de escolher entre a realização de textos, recursos digitais, trabalhos realizados em cartolina, entre outras sugestões.

No formato de avaliação, as crianças não participam, sendo que “*A avaliação é escolhida em conselho de docentes, eles não intervêm nisso.*” tendo, neste ano letivo, incluído “*a questão de aula, passamos muito por aí. Ainda demos os testes finais, mas já passamos muito para a parte da questão aula, a avaliação deles foi um bocado por aí este ano.*”.

Como previamente referido, os momentos para partilha de opiniões e sugestões acontecem de forma ocasional, *“sempre que surge um tema novo eles têm opiniões a dar, não há data, surgem na hora, no dia a dia.”*, tendo as crianças a oportunidade de partilhar exemplos, conhecimentos e vivências.

Na participação efetiva em contexto de escolha de formato de avaliação, a docente acredita que a escolha a nível de agrupamento não é a mais adequada, sendo viável a participação dos alunos e sendo mais eficaz as decisões serem tomadas por cada professor ou a nível de escola, *“...porque há meninos, em todas as escolas, que têm níveis diferentes de aprendizagem, e eu acho que cada escola, cada turma, deveria fazer essa avaliação entre si.”*. Sendo assim, os professores, que conhecem as necessidades dos seus alunos, devem adaptar os momentos de avaliação, *“...no dia a dia já fazemos, fichas adaptadas, acabamos por fazer os testes adaptados para todos estes meninos porque eles não conseguem, apesar de ter um nível elevado na turma de «muitos bons» também tenho os meninos que têm «suficiente» e que têm que ter provas adaptadas, pronto, e eu acho que essas provas poderiam ser feitas a nível de escola porque era muito mais viável.”*. É então possível perceber que as adaptações dos testes e das fichas de trabalho são realizadas pelos professores com base na observação dos seus alunos, não estando os mesmos diretamente envolvidos na realização dessas adaptações ou na forma como ocorrem.

Relativamente à gestão de conteúdos a participação dos alunos, para esta docente, é mais recorrente, sendo os conteúdos trabalhados com base nos manuais utilizados, mas sendo trabalhados ao ritmo dos alunos e com base naquilo que a professora observa *“...quando eu preciso de saltar eu salto e vou buscar outra vez se for preciso, vou buscar atrás, vou de acordo com o que eu pretendo fazer naquele dia.”*, existindo momentos em que os alunos escolhem as atividades a realizar como *“Na parte dos filmes, dos jogos, escolhem muito eles, eu deixo escolher...”*. Os trabalhos de grupo são reduzido uma vez que a professora acredita que, *“...apesar de ser um trabalho enriquecedor... depois não entram em consenso e acabam por se chatear uns com os outros...”*, reforçando que esses desentendimentos resultam do facto de existir *“...sempre um líder e tem que ser tudo à maneira do líder...”* causando momentos em que *“...a turma fica ali um bocadinho barulhenta, sem ritmo de trabalho e demora mais tempo, ficam mais perdidos, porque é a discussão de ideias que nunca vão ao encontro do líder, porque o líder dá aquela*

opinião e eles têm que ir todos atrás do líder e perdem muito tempo a fazer o trabalho.”, identificando então uma falta de capacidade, por parte dos alunos, para trabalhar em grupo, sendo que essa capacidade é trabalhada com pouca frequência, dificultando a sua evolução.

Através desta entrevista foi então possível perceber que, de acordo com o discurso da docente titular da turma, a participação das crianças é uma área que considera importante e facilitadora de aprendizagens, referindo com frequência a sua importância e demonstrando, através de exemplos, momentos em que a mesma é, ou não, considerada sendo que esses exemplos refletem diferentes níveis de participação.

3.2. Discussão dos resultados- Contexto I

Através da análise dos dados recolhidos com as tabelas dos níveis de participação, com o grupo de discussão focalizada com alunos e com a entrevista à professora cooperante, foi possível analisar o conceito participação tendo em conta diferentes perspetivas, para que seja possível comparar os exemplos recolhidos.

Através de três diferentes métodos de recolha de dados foi possível perceber que a participação é ocasional, não sendo uma obrigação em nenhuma das áreas, embora seja referida por todos os participantes como algo fundamental para o processo de aprendizagem dos alunos. Isto parece ser apoiado pelos dados recolhidos através da observação participante, uma vez que os registos mostram que os alunos demonstravam mais entusiasmo e empenho quando realizavam atividades propostas por si, uma vez que eram do seu interesse.

O preenchimento das tabelas realizadas através da observação participante incluiu exemplos que não foram identificados pelas crianças como participação, com exceção das assembleias de turma, identificadas nas tabelas e identificadas pelos alunos em grupo focal.

Os dados sugerem que tanto a professora como os alunos identificam participação nos momentos de partilha de vivências ou de conhecimentos acerca de diferentes temáticas, assim como nos momentos de resposta às questões colocadas em que os alunos

afirmam que participar é quando “...a professora diz uma pergunta e a pessoa participa, tipo, responde.”, mas que muitos alunos não participam nesse aspeto, sendo tal um exemplo de participação num nível baixo, em que os alunos são ouvidos mas apenas quando são colocadas questões diretamente, não sendo consideradas as suas opiniões.

Apesar da resposta a questões colocadas e da partilha de experiências serem consideradas pelos alunos e pela professora como participação, nas tabelas dos níveis de participação tal é refletido nos níveis mais baixos, uma vez que tal representa que *as crianças são observadas e as crianças são ouvidas*. “Em grande parte das escolas, a filosofia escolhida vê as crianças como participantes ativos no seu currículo - fazendo perguntas e dando respostas.”⁸ (Hart, 1992, p.2), mas essa participação não é aquela que se procura incentivar, uma vez que as crianças não estão a participar diretamente nas suas aprendizagens, estão apenas a ser ouvidas, mas as suas opiniões não são consideradas uma vez que as respostas esperadas são respostas modelo, previamente trabalhadas. Deste modo, não são aceites respostas que demonstrem opiniões diferentes daquelas lecionadas e tomadas como certas, não tendo as crianças liberdade nas respostas que partilham.

Ao longo do grupo de discussão focalizada é referido o exemplo do trabalho de grupo realizado acerca dos 5 R’s em que os elementos do grupo focal identificaram participação na liberdade de recolha e utilização de informação, assim como na participação de todos os elementos que fazem parte do grupo.

A realização de trabalhos de grupo foi referida, pelas crianças, em diferentes exemplos, sendo mencionados sempre como um ponto positivo, sendo resposta a diferentes perguntas e referindo que se fossem professores implementariam mais trabalhos de grupo, sendo que os trabalhos de grupo constam também nas tabelas de observação, como sugestão dos alunos.

Em relação aos trabalhos de grupo, através da análise de dados é possível perceber que as opiniões são opostas uma vez que a professora refere que os mesmos são pouco frequentes pois acredita que quando são realizados proporcionam momentos de trabalho

⁸ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “In a large proportion of schools the chosen philosophy sees children as active participants in their curriculum - asking questions as well as giving answers.” (Hart, 1992, p. 2)

demorado, com barulho e em que existe um dos elementos do grupo que acaba por se destacar e tomar as decisões pelo grupo.

Por seu lado, os alunos referem que todos participam nos trabalhos de grupo, referindo a sua realização como um momento de participação e identificando-os como algo que implementariam se fossem professores.

Apesar das opiniões opostas acerca da realização dos trabalhos de grupo, tanto a docente como os alunos concordam que os conhecimentos adquiridos são mais efetivos quando discutidos em grupo, trocando ideias e opiniões. No entanto, apesar de identificar os benefícios da realização de trabalhos de grupo a professora reconhece também os obstáculos associados aos mesmos, optando por não trabalhar para ultrapassar esses obstáculos, escolhendo então reduzir o número de trabalhos de grupo.

Ao longo do período de estágio de intervenção foi possível criar diferentes atividades para a realização de trabalhos de grupo, muitas vezes sugeridos pelos alunos, percebendo que o empenho dos alunos aumenta quando têm colegas com quem partilhar ideias e dividir tarefas, sendo, por vezes, visível que alguns alunos do grupo assumem um papel de liderança, mas sendo essa liderança bem recebida pelo grupo como forma de orientação, não impossibilitando a partilha de ideias por parte dos colegas e sendo desempenhada por diferentes alunos em diferentes momentos. A realização destes trabalhos de grupo foi muitas vezes sugerida pelos alunos, que demonstravam entusiasmo e empenho.

Durante os diferentes momentos de observação e de avaliação das atividades realizadas foi possível concluir que no âmbito da participação e do empenho a avaliação dos alunos dependia das atividades a realizar, sendo que, no geral, todos os alunos participavam e demonstravam empenho na realização dos diferentes trabalhos.

Através da análise dos dados recolhidos foi possível perceber que a perceção daquilo que é a participação por parte dos alunos é semelhante à perceção da docente, sendo que os exemplos referidos das atividades realizadas pela docente em que a participação é implementada são também semelhantes, sendo referido pelos alunos e pela professora a escolha, por parte dos alunos, dos jogos a realizar e do formato de realização de alguns trabalhos individuais realizados em casa.

Tendo em conta os exemplos observados e registados nas tabelas dos níveis de participação, é possível perceber que os exemplos registados são associados maioritariamente a níveis de participação mais elevados, uma vez que a maioria dos exemplos referidos pelos alunos e pela docente não são considerados como momentos de verdadeira participação das crianças, não sendo então valorizados. O contraste entre os exemplos mencionados poderá então ter como base aquilo que cada participante assume como sendo a participação das crianças, sendo os exemplos referidos por cada participante apoiados naquilo que, para si, é a participação das crianças, sendo que a relação entre o conceito e os exemplos apresentados será retomada posteriormente.

3.3. Apresentação de dados- Contexto II

3.3.1. Tabela dos níveis de participação

Assim como previamente referido, foram preenchidas tabelas de níveis de participação, tendo como base os registos de observação realizados ao longo do estágio com um grupo misto de pré-escolar com crianças de 4 e 5 anos.

Nas tabelas a seguir apresentadas são enumerados os exemplos observados e realizados/planificados tanto pela educadora cooperante como pela educadora estagiária, relativamente à participação das crianças na sala de atividades, na gestão do currículo/aprendizagens, dos espaços e materiais e na gestão da sala de atividades, percebendo a sua participação nas diferentes áreas.

As tabelas a analisar têm como objetivo resumir a quantidade de momentos observados em que as crianças participam ativamente (ver apêndices S, T e U).

Na sala de aula/ atividades- gestão do currículo/ aprendizagens							
Níveis de participação ↓		Abertura		Oportunidade		Obrigação	
		Educadora	Estagiária	Educadora	Estagiária	Educadora	Estagiária
5	<i>Decisões partilhadas</i>	0	3	1	6	1	0
4	<i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	0	1	0	0	0	0
3	<i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	0	0	0	0	0	0
2	<i>Crianças são ouvidas</i>	0	0	0	0	0	0
1	<i>Crianças são observadas</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Ilusão</i>	0	0	0	0	0	0

Tabela 4- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão do currículo/ aprendizagens, em pré-escolar

Para dar início à análise dos dados recolhidos, será analisada a tabela relativa à gestão do currículo e das aprendizagens e a forma como as crianças participam nas mesmas (ver apêndice S- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do currículo/ aprendizagens- Contexto II).

Neste âmbito, existe o registo de doze momentos, no total, nos quais as crianças participam de forma ativa.

No âmbito da abertura, em que as crianças tomam a iniciativa de participar e são ouvidas pela educadora, existem 6 momentos, todos experienciados pela educadora estagiária no nível de *decisões partilhadas* em que as crianças sugeriram a realização de diferentes atividades ou de técnicas a utilizar, tendo sido dada a possibilidade às crianças de realizarem os jogos sugeridos e de utilizarem as técnicas que pretendessem.

Relativamente à oportunidade, em que existem momentos estruturados para que as crianças partilhem as suas opiniões, existem sete exemplos, um deles experienciado

pela educadora, na realização semanal de assembleias de grupo, e os restantes experienciados pela educadora estagiária que realizou as sugestões partilhadas pelas crianças durante essas assembleias, como a realização de jogos, de atividades de construção de origami, ou as diferentes sugestões de atividades relativas ao projeto lúdico.

Ainda no âmbito da oportunidade, mas relativamente ao nível 4, existe o registo de um momento no qual durante a brincadeira livre, as crianças pediram à educadora estagiária para realizar uma atividade relativa ao projeto lúdico, tendo a sua opinião sido ouvida e colocada em prática.

No âmbito da obrigação, foi observado um exemplo, proporcionado pela educadora, que tem como regra da sala serem as crianças a escolher a área em que vão brincar, gerindo os espaços disponíveis, o tempo de utilização e os materiais disponíveis na área.

Na sala de aula/ atividades- gestão de espaços e materiais							
Níveis de participação ↓		Abertura		Oportunidade		Obrigação	
		Educadora	Estagiária	Educadora	Estagiária	Educadora	Estagiária
5	<i>Decisões partilhadas</i>	0	0	0	1	0	0
4	<i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	1	0	1	0	0	0
3	<i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	0	0	0	0	0	0
2	<i>Crianças são ouvidas</i>	0	0	0	0	0	0
1	<i>Crianças são observadas</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Ilusão</i>	0	0	0	0	0	0

Tabela 5- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão de espaços e materiais, em pré-escolar

Relativamente à gestão de espaço e de materiais (ver apêndice T- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do espaço e materiais- Contexto II), existem dois registos no âmbito da oportunidade.

Um desses registos, no nível 5, de *decisões partilhadas*, foi experienciado durante a assembleia semanal, em que as crianças demonstraram interesse em alterar e adaptar os espaços da sala para que fosse criada uma selva, temática do projeto lúdico, tendo sido adaptado o espaço de acordo com as sugestões das crianças de modo a adaptar a sala de atividades para criar um ambiente de selva, com a exposição de diferentes trabalhos realizados e sugeridos pelas crianças.

O registo apresentado no nível 4, em que *a tomada de decisões envolve as crianças*, foi experienciado pela educadora que pediu a opinião das crianças acerca da forma como os dias da semana seriam representados nas tabelas de presença, tendo as mesmas dado diferentes sugestões, que foram depois aplicadas.

Na sala de aula/ atividades- gestão da sala de atividades (normas e regulamentos)							
Níveis de participação ↓		Abertura		Oportunidade		Obrigação	
		Educadora	Estagiária	Educadora	Estagiária	Educadora	Estagiária
5	<i>Decisões partilhadas</i>	0	0	0	0	0	0
4	<i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	0	0	0	0	0	0
3	<i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	0	0	0	0	0	0
2	<i>Crianças são ouvidas</i>	0	0	0	0	0	0
1	<i>Crianças são observadas</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Ilusão</i>	0	0	0	0		0

Tabela 6- Tabela resumo dos níveis de participação na gestão da sala de atividades (normas e regulamentos), em pré-escolar

Na tabela de gestão da sala de atividades (normas e regulamentos) (ver apêndice U- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão da sala de aula (normas e regulamentos) - Contexto II), não existem registos de observação que demonstrem a participação das crianças nesta área.

Após a análise das tabelas com dados relativos a um grupo de pré-escolar, é visível que os níveis mais frequentes são aquele em que *a tomada de decisões envolve as crianças* e o aquele em que se observam *decisões partilhadas* entre crianças e adultos, sendo o âmbito de abertura e de oportunidade aqueles que incluem exemplos, não existindo exemplos em que a participação das crianças seja, a nenhum nível, uma *obrigação*, não existindo também exemplos de participação nos níveis mais baixos.

Relativamente às diferentes tabelas apresentadas é possível concluir que a gestão do currículo/aprendizagens é a área em que as crianças mais participam, sendo os exemplos reduzidos na gestão de espaços e materiais e inexistentes na gestão de normas e regulamentos.

3.3.2. Grupo de discussão focalizada- Contexto II

A realização do grupo de discussão focalizada contou com a participação de sete crianças, quatro do sexo masculino e três do sexo feminino, tendo as mesmas respondido às questões colocadas relativamente à participação e à forma como a mesma é implementada na sala de atividades, partilhando a sua opinião acerca da temática (ver apêndice V- Transcrição do Grupo de Discussão Focalizada- Contexto II).

De forma a dar início à temática foi questionado às crianças “O que é a participação?”, tendo as mesmas identificado a participação como “... *todos os amigos participarem.*” ou “... *irem participar nos jogos.*”, lembrando que “*A participação não é querer ganhar, é participar, não importa ganhar ou perder.*”.

Quanto a participar na escola, e a quem o faz, as crianças mencionam novamente a realização de jogos e a participação nos mesmos, identificando como participantes “*as estagiárias, as educadoras, as auxiliares, as professoras, os alunos, participamos todos.*”.

Quando questionados se gostam de participar nas atividades, as crianças referem que sim, referindo que gostam de escolher as atividades e que o fazem maioritariamente durante a assembleia de grupo e que gostam de o fazer “... *porque elas [atividades] são*

divertidas.”, referindo a sua preferência por trabalharem em equipa e em conjunto com os adultos para a escolha das atividades a realizar, votando, quando necessário.

Posteriormente, é explorado novamente este tema, tendo a maioria das crianças referido que preferem participar apenas na sugestão da atividade, sendo a planificação realizada pela docente, uma vez que se participassem “...*gastamos a nossa energia.*”, mas gostando de participar na realização das atividades pois “...*isso já é divertido*”.

Relativamente a exemplos de atividades em que tenham participado de forma ativa, as crianças afirmaram não se recordar, tendo sido pedido que fechassem os olhos e relembassem, visualizando a sala de atividades e alguns dos trabalhos expostos na mesma. Uma das crianças começou por descrever a área dedicada ao projeto lúdico “*Temos a selva, os crocodilos.*”, tendo as restantes crianças lembrado outras atividades realizadas e associadas também ao projeto como “*Os papagaios.*”, “*Uma árvore, um sapo.*”, afirmando inicialmente que tinham sido atividades sugeridas pela estagiária e pela educadora, mas sendo corrigidos por outra criança que lembrou ter sido “... *o nosso amigo, nós gostamos da ideia. E fizemos uma selva.*”.

Depois de identificadas as atividades realizadas para a construção de uma selva, as crianças identificaram momentos em que participaram na elaboração da mesma “*Nós fizemos a árvore e pintamos.*”, “*E fizemos o elefante, usamos 7 rolos na tromba, experimentamos em equipa.*”.

À pergunta “A educadora costuma pedir a vossa opinião sobre as atividades?”, as crianças referiram que não ou que “*às vezes.*”, sendo que quando questionados se o faziam durante as assembleias de grupo referiram que sim, identificando que “*Dizemos a favorita.*”.

As crianças referiram ainda que as sugestões são ouvidas, mas que a decisão final era da docente, afirmando que quando dão sugestões de atividades as mesmas são ouvidas e “*Na semana a seguir fazemos.*”.

De forma a responder à última pergunta presente no guião, daquilo que fariam diferente se fossem educadores, as crianças referiram que se fossem educadores deixariam as crianças participar na realização de atividades e que existiriam mais momentos de atividades ao ar livre, referindo que fariam disso uma regra, sendo definida

pelos mesmos e não podendo ser quebrada pelas crianças do grupo, mesmo que as mesma não quisessem brincar no exterior, teriam que o fazer, tendo liberdade na realização de atividades mas não a tendo no momento de definição de regras.

3.3.3. Entrevista- Contexto II

Durante a entrevista realizada com a educadora cooperante (ver apêndice W- Transcrição da entrevista- Contexto II) foram realizadas questões semelhantes às colocadas às crianças e aos alunos e professora de 1.º CEB, de forma que seja possível refletir sobre diferentes perspetivas.

De forma a dar início à entrevista, foi colocada a questão “O que é a participação?”, tendo a docente partilhado que “*A participação das crianças é realmente dar-lhes voz para que eles possam transmitir tudo o que pensam, tudo o que sentem, e nós podemos integrar no nosso dia-a-dia, na construção do seu desenvolvimento.*”, identificando, ao longo da entrevista, formas de implementação das opiniões e sugestões das crianças.

Relativamente às perguntas “O que é participar na escola?” e “Quem participa na escola?”, a educadora acredita que participar na escola é “*Ter voz ativa, dizerem o que querem fazer, o que gostavam de fazer, participar dando ideias...*” identificando as crianças, a educadora, a auxiliar, a estagiária e os professores de atividades complementares como participantes na escola e no processo de aprendizagem das crianças.

A participação das crianças é então identificada como importante uma vez que a participação “*Motiva-os muito mais. Implica-os...*” ressaltando a sua importância a nível de auto-estima, uma vez que percebem “*...que as suas próprias vontades fazem sentido e que são tidas em conta...*”.

Segundo a educadora entrevistada, as crianças participam em diversos momentos e de formas distintas, tanto em momentos mais estruturados como “*Quando escolhem, quando dizem que querem fazer determinadas atividades e definem quais são as atividades que querem fazer e essas são tidas em conta na planificação para que depois*

se possa dar seguimento e se possam realizar... ”, como em momentos do quotidiano em que escolhem as áreas em que vão brincar ou partilham ideias que vão surgindo.

Quanto à avaliação das atividades e à forma como essa avaliação influencia a realização das atividades seguintes, a educadora afirma que as crianças têm liberdade para dizerem “...*se gostaram ou se não gostaram e como é que se sentiram a fazer as atividades em si e depois se querem repeti-las ou não.*”, identificando ainda a assembleia semanal como um momento dedicado a essa partilha de opiniões acerca das atividades realizadas, reforçando que “... *é algo flexível e nunca é em definitivo aquele dia...*”.

Relativamente à participação das crianças em todo o seu processo de aprendizagem, a educadora reforça a sua importância uma vez que acredita que “*Isso leva a que tenham uma maior consciência de qual é o processo da construção de uma atividade e qual a sua própria sequência, portanto interiorizam melhor e têm noção daquilo que estão a fazer.*”. Ainda relativamente ao envolvimento das crianças no processo de planificação de atividades, a educadora refere que é fundamental que as crianças sejam inseridas nesse processo de forma gradual, sendo que “... *inicialmente eles não têm essa noção, mas à medida que os vamos ajudando a definir os passos que temos que dar, eles próprios começam a perceber...*” concluindo que “... *isso só os ajuda a evoluir e a crescer ainda mais, a tomarem consciência.*”.

Quando questionada relativamente a exemplos que demonstrem a participação das crianças, a educadora identifica atividades desportivas ou realizadas no exterior, que despertam o interesse das crianças, lembrando ainda atividades realizadas no âmbito do projeto lúdico, durante o qual “... *eles foram escolhendo alguns dos animais que gostavam de fazer e nós fomos dando sequência a isso mesmo.*”.

Através da análise desta entrevista é perceptível que, para a educadora, a participação das crianças é importante e traduz-se em consequências positivas, sendo implementada e trabalhada no quotidiano, de forma que esteja em constante evolução.

3.4. Discussão dos resultados- Contexto II

Depois de recolhidos os dados através de diferentes métodos, é agora possível realizar a análise dos mesmos e compará-los, comparando opiniões e pontos de vista.

De forma geral, os exemplos apresentados nas tabelas são semelhantes aqueles referidos tanto na entrevista como no grupo focal.

Relativamente ao conceito daquilo que é a participação, a educadora indica que *“A participação das crianças é realmente dar-lhes voz para que eles possam transmitir tudo o que pensam...”* enquanto as crianças começam por identificar a participação em jogos e atividades, concluindo depois que *“Nós ajudamos a fazer muitas coisas.”* e identificando que participam na escolha de atividades, uma vez que referem que têm *“...que concordar, com votos.”*, participando assim como *“As estagiárias, as educadoras, as auxiliares, as professoras, os alunos, participamos todos. Como os do 1.º ciclo.”*. Nas tabelas de níveis de participação é possível observar o registo de momentos em que foram tomadas decisões através de votação, como a confeção de bolachas de Natal ou a realização de jogos como atividade de despedida.

Analisando todos os dados recolhidos é possível perceber a constante referência a atividades relacionadas com o projeto lúdico, que surge como sendo um espaço privilegiado de participação das crianças, durante o qual as crianças participaram de forma ativa, sugerindo a temática a trabalhar e as atividades realizadas e associadas ao mesmo. Tal foi possível observar e registar nas tabelas de níveis de participação (ver apêndices S e T) durante a construção de diferentes animais e organização da sala para exposição dos mesmos. Durante o grupo de discussão focalizada (ver apêndice V) as crianças identificam então que *“...fizemos a árvore e pintamos.”*, *“fizemos o elefante...”* relembrando que durante a sua realização *“...experimentamos em equipa.”*. A participação das crianças no projeto foi também referida pela educadora (ver apêndice W) que afirma que *“Quando começamos com os próprios animais, no projeto, eles foram escolhendo alguns dos animais que gostavam de fazer e nós fomos dando sequência a isso mesmo.”*.

Relativamente à avaliação de atividades, a educadora afirma que as crianças “vão dizendo se gostaram ou não e como é que se sentiram a fazer as atividades em si e depois se querem repeti-las ou não.” sendo a assembleias de grupo um momento no qual a avaliação é realizada, sendo “...algo que é flexível e nunca é em definitivo aquele dia...”. As assembleias são também referidas pelas crianças como o momento em que as atividades são avaliadas e em que “...dizemos a [atividade] favorita.”, estando tal refletido nas tabelas de níveis de participação, em que são vários os exemplos de participação das crianças durante as assembleias.

As crianças referem ainda que as suas sugestões são ouvidas, mas sendo partilhadas com a educadora uma vez que a decisão final costuma ser dos adultos que “...também têm que concordar.”, acreditando que as assembleias são o momento em que são partilhadas mais sugestões e opiniões. Através de momentos de observação participante, foi então possível perceber as decisões são realmente partilhadas com as crianças, existindo abertura para que as mesmas comuniquem livremente, sendo as sugestões ponderadas e analisadas em grupo, para que possam ser identificadas imprecisões e possam ser corrigidas, adaptando as atividades de forma benéfica para todos.

A realização de atividades propostas pelas crianças contava sempre com entusiasmo por parte das mesmas, sendo realizadas com grande dedicação e empenho.

Quanto à participação na planificação das atividades, a educadora acredita que tal é importante e “...leva a que tenham uma maior consciência de qual é o processo da construção de uma atividade e qual a sua própria sequência, portanto interiorizam melhor e têm noção daquilo que estão a fazer.”, já algumas crianças afirmam que preferem sugerir “Só a ideia.” pois se participarem em todo o processo “gastamos a nossa energia.”, sendo então capazes de identificar que existe um processo de planificação e que não é apenas dar sugestões e realizar o produto final, que afirmam ser a parte em que “...já é divertido.”. A preferência pela estruturação da atividade por parte dos adultos foi algo visível ao longo do período de estágio, durante o qual existiram diferentes atividades em que as crianças poderiam escolher as técnicas a utilizar, como na decoração de sacos para o magusto ou na construção de esquilos, mas tendo as crianças

optado por utilizar as técnicas e materiais sugeridos ou aquelas que viam os colegas a usar, não testando novos conceitos, apesar de lhes ser dada essa liberdade.

Analisando os dados recolhidos, é possível perceber que a participação é um conceito trabalhado com o grupo, sendo reconhecido pela educadora que valoriza a opinião das crianças e demonstra perceber que “A autoestima é provavelmente a variável mais crítica que afeta a participação bem-sucedida de uma criança com outras pessoas num projeto.”⁹ (Hart, 1992, p.7). Ao longo da entrevista e do grupo focal foram referidos diferentes exemplos que o comprovam e que demonstram a confiança das crianças neste âmbito sendo tal perceptível na naturalidade com que partilham sugestões e opiniões em diferentes momentos do quotidiano.

3.5. Discussão de dados comparativos

Depois de recolhidos os dados através de diferentes métodos, foi possível perceber as diferenças entre os mesmos, comparando-os e relacionando-os com diferentes níveis de participação.

Esta análise é fundamental, uma vez que nos focamos em incentivar as crianças a participar de forma ativa e “As escolas, como parte integrante da comunidade, deveriam ser um local óbvio para fomentar a compreensão e participação democrática dos jovens.”¹⁰ (Hart, 1992, p.9), sendo então fundamental perceber em que níveis é que as diferentes escolas incentivam essa participação.

Através das tabelas de níveis de observação, é possível perceber que, em pré-escolar, existem mais momentos de participação ativa, sendo os mesmos reduzidos em 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo perceptível que, apesar de as crianças de 1.º Ciclo serem mais velhas e terem tido mais tempo para trabalhar a capacidade de participar, são-lhes

⁹ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “Self esteem is perhaps the most critical variable affecting a child’s successful participation with others in a project.” (Hart, 1992, p.31)

¹⁰ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “Schools, as an integral part of the community, should be an obvious venue for fostering young people’s understanding and experience of democratic participation.” (Hart, 1992, p.37)

dados menos momentos para o fazerem, sendo tal trabalhado de forma ativa com o grupo de pré-escolar.

Assim sendo percebemos que, na prática, as oportunidades de participação vão diminuindo à medida que o nível de escolaridade aumenta, contrariando a crença do senso comum de que a oportunidade de dar sugestões e opiniões deve ir aumentando conforme a maturidade das crianças.

É então fundamental comparar os dados recolhidos para que possamos compreender a origem desta disparidade entre resultados, percebendo se a mesma assenta somente na idade das crianças ou se está relacionada com as normas das instituições que as mesmas frequentam.

Para esta discussão de dados comparativos serão também utilizados os dados recolhidos através do grupo focal realizado com alunos (ver apêndice X) e da entrevista realizada à professora do contexto III (ver apêndice Y).

No que diz respeito à entrevista à professora do contexto I e à educadora do contexto II, foi possível perceber que ambas as docentes acreditam que a participação das crianças é algo positivo e que deve ser implementado no quotidiano, tendo, no entanto, perspetivas diferentes daquilo que é a participação.

Essas perspetivas refletem-se naquela que é a interpretação das crianças acerca daquilo que é a participação.

Os alunos e a professora do contexto I identificam maioritariamente momentos de participação em que são colocadas perguntas às quais são depois respondidas. Já as crianças e a educadora do contexto II identificam a participação na realização de jogos e em momentos de partilha de opiniões e sugestões de ambas as partes. Enquanto no contexto III a participação é identificada como sendo a resposta a questões, a realização de exercícios, mas sendo também referida pelos alunos a participação em projetos “...no nosso livro nós participamos em conjunto, alguns participaram muito, alguns participaram pouco.”, identificando que a participação também implica “...dar ideias...”.

É então possível perceber que aquilo que as crianças entendem por participação está diretamente relacionado com aquela que é a perceção do adulto acerca desse tema,

uma vez que os exemplos referidos pelas docentes e pelos alunos são semelhantes, apesar de, através da observação e do preenchimento de tabelas, terem sido observados outros momentos em que a participação está presente, mas que não é inicialmente identificada nem pelos alunos nem pelas docentes, como as assembleias ou conselhos de turma, que são mencionados apenas quando são colocadas perguntas mais direcionadas.

Relativamente aos elementos que participam na escola, a resposta parece ser unânime entre os docentes e alunos dos diferentes contextos que identificam toda a comunidade educativa, usando como exemplo a resposta da docente do contexto III, quem participa na escola são *“Todos os envolvidos na comunidade escolar. A participação na escola acaba por ser não só da parte da criança, mas também dos adultos que constituem a escola. Podem ser os docentes, não docentes, pode ser a família também, pode ser os parceiros que vêm à escola fazer visitas e que têm o seu contributo também, a participação eu acho que é da comunidade, no fundo.”*. Através da resposta a esta pergunta é também possível perceber que, independentemente da resposta às restantes questões e daquilo que interpretam como participação, todos referem as crianças como sendo dos principais intervenientes naquela que é a participação a nível escolar, reconhecendo como algo importante e que está presente, ainda que em diferentes níveis.

Independentemente do contexto, todas as docentes referem que acreditam que a participação é importante, mas justificando essa importância de formas diferentes.

No contexto I, a professora refere que a participação é importante porque ajuda a *“...a desenvolver e a dar conhecimentos aos outros porque eles aprendem muito uns com os outros. É uma partilha de conhecimentos que eles vão depois adquirindo, é uma partilha mesmo.”*. Já a educadora do contexto II acredita que a participação é motivadora pois *“...implica-os em todos os processos, têm consciência de que são ouvidos, que é uma coisa muito importante, é sentirem-se ouvidos por todos nós, e perceberem que as suas próprias vontades fazem sentido e que são tidas em conta para que possamos todos crescer em conjunto, além de que os responsabiliza também nas decisões que tomam.”*. Sendo que a professora do contexto III acredita que a participação é também orientadora para os docentes pois *“Na participação deles, eles conseguem dar-nos uma série de indícios, se os conteúdos estão a ser abordados ou não, da melhor forma, que chegue a todos, porque nem todos aprendem com o mesmo ritmo, nem todos têm a mesma forma*

de aprender. E ao participarem eu também consigo perceber...”. A professora do contexto III acrescenta ainda que a participação espontânea é também importante e benéfica pois “...tudo aquilo que eles dizem, tudo aquilo que acontece na sala de aula, é participação, e para nós é importantíssimo avaliar todos esses aspetos.”.

Quando questionadas se gostam de participar, todas as crianças responderam que sim, dando exemplos de momentos em que o fazem.

Um desses exemplos, comuns a todas as crianças, é a participação em brincadeiras e atividades, sendo que, no caso de ambos os contextos de 1.º CEB, as crianças referem ainda a participação nas aulas através da resposta às questões colocadas ou na resolução de exercícios.

Às crianças do contexto II, em pré-escolar, foi questionado se gostavam de participar na planificação da atividade ou apenas na sua realização, sendo que, de forma geral, as crianças optaram por participar na partilha de sugestões e escolha das atividades a realizar, mas referindo que gostam de o fazer em conjunto como o adulto, que deve ser o responsável pela planificação dos detalhes das atividades. Esta resposta por parte das crianças aponta para que as crianças deste grupo percebem que as opiniões delas são ouvidas, mas que são adaptadas e estruturadas pela docente antes de serem realizadas com o grupo, sendo que referem ainda que ao participar na planificação das atividades “...nós gastamos a nossa energia.”, o que demonstra que é algo em que já participaram, de forma a perceberem o empenho que é colocado nessa ação.

De forma a comparar as respostas das crianças com as das docentes, foi perguntado a ambas se as crianças participam nas suas aprendizagens, obtendo uma resposta positiva de todas as docentes e de todas crianças, e especificando a pergunta de forma a obter exemplos.

A professora do Contexto I, em 1.º CEB, referiu essa participação apenas na escolha ocasional do formato de realização de trabalhos, sendo que através da observação participante foram observados outros três exemplos em que a professora promoveu a participação dos alunos, sendo esses momentos associados à decoração da sala para a celebração do Carnaval. Quando a pergunta foi colocada aos alunos deste contexto os

mesmos referem o mesmo exemplo dado pela professora, assim como atividades realizadas pela professora estagiária (investigadora).

No Contexto II, a docente refere os momentos de brincadeira livre e, assim como as crianças, referem participação em assembleias, durante as quais dão sugestões de atividades a realizar, sendo ambos exemplos que estão de acordo com aqueles registados nas tabelas dos níveis de participação, durante a observação participante.

Já no Contexto III a docente identifica a participação como algo constante, sendo tal uma reflexão daquela que é a política da instituição uma vez que, assim como refere a docente, *“A participação aqui, de um modo geral, na escola e no contexto de turma é sempre muito democrática. Nós tentamos ao máximo que a participação deles seja ativa e voluntária, isto quer dizer que, o lado positivo é que eles participam a toda a hora, nos trabalhos de grupo, nos trabalhos individuais, acabam por também participar fazendo perguntas e dando a opinião, trabalhos de grupo fazemos imensas vezes, a própria disposição da sala também é uma disposição que apela à comunicação e à participação.”*.

Apesar da participação ser algo presente neste contexto, a docente afirma que tal também pode acarretar algumas desvantagens uma vez que *“...como a participação deles é democrática eles acabam por também falar, às vezes, de forma não tão oportuna, não tanto como nós queremos, no sentido de que queremos também alguma tranquilidade e, às vezes, eles também nem sempre conseguem perceber os limites.”*, afirmando que, apesar desses obstáculos, *“...nós queremos esse caminho, ainda assim, porque acaba por ser mais produtivo para nós, a todos os níveis.”*, escolhendo ultrapassar as dificuldades e adaptar-se, uma vez que reconhece os benefícios da participação.

Quando questionadas se existem momentos para darem a opinião, as crianças do contexto I referem, assim como a docente, alguns momentos ocasionais, acrescentando as assembleias que eram promovidas pela professora estagiária (investigadora).

Nos contextos II e III as respostas são semelhantes, sendo referidas as assembleias/conselhos de turma e os momentos ocasionais em que a docente pede sugestões ou opiniões relativamente a um tema específico.

A maioria das crianças refere que acredita que as suas opiniões são ouvidas “*De vez em quando*”, uma vez que a palavra final é sempre das docentes.

Durante a observação e o grupo de discussão focalizada do Contexto I os trabalhos de grupo foram várias vezes sugeridos pelos alunos, sendo realizadas algumas dessas propostas pela professora estagiária (investigadora), uma vez que a docente da turma evitava os trabalhos de grupo porque o “*...trabalho em grupo é muito barulho e eu não gosto muito de barulho, apesar de ser um trabalho enriquecedor, só que depois não entram em consenso e acabam por se chatear uns com os outros e há sempre um líder e tem que ser tudo à maneira do líder e fica ali a turma um bocadinho barulhenta, sem ritmo de trabalho e demora mais tempo, ficam mais perdidos, porque é a discussão de ideias que nunca vão ao encontro do líder, porque o líder dá aquela opinião e eles têm que ir todos atrás do líder e perdem muito tempo a fazer o trabalho.*”.

Uma vez que a docente do contexto I, com uma turma de 4.º ano, reconhecia os benefícios do trabalho de grupo, mas não os realizava com frequência pois encontrava desafios durante a sua realização, foi feita uma questão relativamente à realização de trabalhos de grupo, aos alunos e à docente do Contexto III, uma turma do 2.º ano do 1.º CEB, de forma a tentar perceber se as opiniões, tanto dos alunos como das docentes, eram semelhantes.

No contexto III, a docente acredita também que os trabalhos de grupo são benéficos e facilitam a aprendizagem, reconhecendo que “*A gestão também por parte do professor acaba por ter que ser um bocadinho maior, porque são muitas pessoas a dar opinião e a querer participar, mas sem dúvida que facilita.*”, acrescentando que “*...cada vez mais, à medida que vão avançando na escolaridade eles começam a perceber o grau de responsabilidade deles...*”. Os alunos deste contexto demonstram opiniões diferentes quanto à frequência da realização de trabalhos de grupo sendo que todos os participantes do grupo focal referiram que gostam de fazer trabalhos de grupo, mas, dos setes alunos, quatro referem que preferem a realização de trabalho individual justificando a sua escolha com a afirmação de que assim “*...não nos temos de atrapalhar. Porque há pessoas que têm tantas ideias boas e depois fica tudo atrapalhado, e no fim terminou o tempo e nós não fizemos nada...*”.

É então perceptível a dissemelhança de opiniões acerca da realização de trabalhos de grupo, uma vez que a docente do Contexto I acredita que as dificuldades agregadas à sua realização são superiores às suas vantagens, enquanto a docente do Contexto III identifica também dificuldades, mas procura encontrar estratégias para as contornar, pois reconhece que as vantagens dos trabalhos de grupo são superiores, apontando ainda que esses obstáculos, quando trabalhados com frequência, vão diminuindo com o aumento do nível de escolaridade.

Relativamente aos alunos, aqueles que realizam poucas vezes trabalhos de grupo demonstram vontade em realizá-los com mais frequência, enquanto os alunos que fazem vários trabalhos de grupo admitem que gostavam de trabalhar mais vezes de forma individual.

Através desta comparação de dados, em que vemos duas situações opostas, uma em que os trabalhos de grupo são raros e outra em que os mesmos são algo contante, percebemos que nenhum dos grupos estava satisfeito com essa gestão, percebendo então que a resposta nestes contextos seria efetivamente a troca de ideias e opiniões com os alunos de forma a chegar a acordo quanto à frequência dos mesmos, algo que estava a começar a acontecer no Contexto I, durante as assembleias em que os alunos referiam com frequência a vontade em fazer trabalhos de grupo.

Também de forma a esclarecer dúvidas que surgiram durante a análise dos dados dos Contextos I e II, foi, no Contexto III, questionado se o nível de desenvolvimento dos alunos seria ou não um fator que influencia a participação, perguntado aos alunos se participam mais em 1.º CEB ou se participavam mais quando frequentaram o pré-escolar, na mesma instituição.

Relativamente a essa questão, a docente considera que “...quanto mais crescidos são, mais consciência têm, há mais metacognição, eles conseguem perceber que o participar vai ajudar, expor as dúvidas vai-me ajudar, ajudar o colega não é no sentido de o colega não saber, é «eu ao explicar ao colega vou aprender também.» E eu acho que eles quanto mais velhos são mais noção têm disso, não quer dizer que desde o 1.º ano isso não possa ser trabalhado, ajustado à idade deles.”, sendo que a maioria dos alunos acreditam que em pré-escolar tinham mais oportunidades, reconhecendo que tal acontecia porque em pré-escolar tinham “...mais tempo livre.”, algo que reduziu em 1.º

CEB, o que dificulta, na interpretação, a organização de tempo para que sejam realizadas atividades que os mesmos sugerem.

É então possível perceber que apesar de a docente acreditar que a participação das crianças é algo mais constante em 1.º CEB, os alunos não identificam essas intervenções, uma vez que interpretam a participação como sugestão de atividades e jogos e justificam que em 1.º CEB esses momentos são mais escassos porque são ocupados por aulas.

De forma a terminar o grupo focal acerca da participação, todas as crianças foram incentivadas a se colocarem no papel das suas professoras/ educadoras, e a elaborar regras para os seus grupos, relativamente à participação.

Quando comparamos estes dados é possível perceber que as crianças, a representarem um papel de adulto, reconheceriam as opiniões das crianças e ouviriam as suas sugestões, sendo mais frequentes os trabalhos de grupo e os momentos de brincadeira no exterior, permitindo que os alunos participassem aquando da definição de regras, mas a palavra final seria sua pois, acreditam que os alunos não chegariam a acordo quanto a uma regra final e então “...*essa regra tinha que ser dada por mim.*”.

Quando questionadas acerca da sua participação no grupo de discussão focalizada, todas as crianças responderam que gostaram de participar, identificando como mais importante quando puderam “...*dar as opiniões e ouvir a opinião dos outros.*”, reforçando a importância da participação e do respeito pelas opiniões das crianças, essa “... forma reiterada como as crianças valorizam a existência de espaços e tempos em que de facto os adultos escutam as suas vozes reforça a ideia de que, nos contextos educativos, esta escuta habitualmente não acontece...” (Cortesão & Jesus, 2022, p. 30), comprovando que quando as ouvimos e valorizamos, as mesmas reconhecem e apreciam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desta análise de dados comparativos é fundamental fazer um balanço final acerca de todos os dados recolhidos, de forma a perceber conclusões que podem ser retiradas desta investigação.

Percebemos então que os níveis de participação, de forma geral, são mais altos em contexto de pré-escolar, contando também com mais exemplos.

No entanto, tais dados contrariam o que seria de esperar, uma vez que a participação pode e deve estar presente em grupos de todas as faixas etárias, mas deve também ser algo trabalhado de forma evolutiva, pois “...a criança é dotada de competências de acordo com o seu desenvolvimento...” (Pacheco, 2022, p. 13), adaptando sempre as estratégias utilizadas às capacidades de cada criança/grupo.

Apesar dos dados acima referidos, é perceptível a diminuição de momentos em que as crianças participam, em 1.º CEB sendo que, segundo os alunos do contexto III, e tendo também como base a observação em contextos desta valência. Isto pode dever-se à crença de que não existe tempo para tal uma vez que existem mais conteúdos para lecionar, Tomás e Gama (2011, p.8) também apontam esse como sendo um dos principais motivos que os professores e alunos apontam como inibidores da participação, afirmando que

A radicalização das exigências da instituição escolar face às crianças, que vão desde os conteúdos programáticos, o número de disciplinas, os exames, a uma tendência de escolarização precoce da infância pequena até ao número de horas que as crianças passam na escola, torna-se um inibidor à participação. (Tomás & Gama, 2011, p.8)

Nos diferentes contextos, foi possível perceber que, muitas vezes, os adultos acreditam que são os mesmos que devem tomar as decisões consideradas mais importantes, uma vez que essa não é uma tarefa para as crianças. Mas, como defende Hart (1992, p.6), “A participação das crianças não significa suplantar adultos.”¹¹, assim sendo, uma participação ativa das crianças assenta no equilíbrio entre as sugestões das crianças e dos adultos, pois cabe aos adultos “...aprender a ouvir, apoiar e orientar; e de saber

¹¹ Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “Children’s participation does not mean supplanting adults.” (Hart, 1992, p.6)

quando falar e quando não falar.”¹² (Hart, 1992, p.6), guiando as crianças no processo de participação efetiva.

Durante este processo de investigação foi também possível intervir, como professora/ educadora estagiária, percebendo as formas como poderia ser implementada a participação nos diferentes contextos. Nos dois primeiros contextos foram realizadas assembleias de grupo/turma que permitiram um momento estruturado para a partilha de opiniões e sugestões, registando-as e, em 1.º CEB, registando se as atividades sugeridas foram ou não implementadas.

Tais assembleias fomentaram momentos de partilha em que as crianças sabiam que as suas sugestões seriam ouvidas, participando na tomada de decisões e partilhando essa responsabilidade com os docentes.

A análise dos dados recolhidos permite ainda perceber que, relativamente os níveis de participação, não se registaram exemplos que reflitam *Ilusão*, estando a maioria dos exemplos presentes no âmbito da oportunidade, em diferentes níveis, sendo muitos desses exemplos associados a momentos ocorridos durante as assembleias semanais, refletindo a sua importância.

Relativamente ao âmbito da *Obrigação*, regista-se apenas um exemplo, em pré-escolar, no qual a participação se apresenta como uma regra da sala de atividades, sendo tal um avanço relativamente a 1.º CEB, no qual não encontramos nenhum exemplo em que a participação seja uma regra.

Quanto às áreas presentes nas tabelas, a *gestão do currículo/aprendizagens* é então a que apresenta mais exemplos, maioritariamente de momentos em que as crianças deram sugestões para a realização de determinadas atividades. Assim sendo, percebemos que esta é a área em que a participação das crianças tem mais qualidade e em que as suas opiniões são mais valorizadas e solicitadas.

A área da *gestão de espaços e materiais* possui um menor número de exemplos, constando da mesma exemplos em que as crianças puderam participar na partilha de sugestões para organização da sala. Esta área apresenta-se então como uma área na qual

¹² Tradução realizada pela autora, tendo como base a citação original: “... need to learn to listen, support, and guide; and to know when and when not to speak.” (Hart, 1992, p.6)

a participação das crianças não é valorizada, sendo escassos os exemplos em que a sua opinião é requisitada e implementada. Apesar de os exemplos nesta área serem escassos, integram os dois níveis de participação mais elevados, representando uma participação diminuta, mas de qualidade.

Na tabela da *gestão da sala de atividades/aula (normas e regulamentos)* é importante refletir acerca da ausência de exemplos em pré-escolar e da presença de apenas um exemplo em 1.º CEB, transmitindo a mensagem de que a participação é desvalorizada no momento de elaboração de regras, algo que é, normalmente, função do adulto. Tendo em conta estes dados, é importante ressaltar “...a necessidade de uma mudança do «papel dos alunos» no sentido da assunção de um envolvimento mais ativo no seu processo de aprendizagem...” (Cortesão & Jesus, 2022, pp. 9-10), uma vez que essa é a única forma de desenvolver “...competências que permitam a aprendizagem profunda e o sentido de agência perante a realidade.” (Cortesão & Jesus, 2022, p. 10).

Ainda tendo por base a análise das tabelas de níveis de participação, é importante referir que os exemplos recolhidos em pré-escolar assentam exclusivamente nos dois níveis mais elevados das tabelas, enquanto os exemplos de 1.º CEB estão distribuídos entre o nível mais elevado e os níveis 1 e 2.

Esta análise revela então que a participação das crianças em pré-escolar, apresenta níveis mais elevados de participação concreta, sendo as crianças dos principais agentes na tomada de decisões, enquanto a participação em 1.º CEB é distribuída pelos diferentes níveis, sendo muitas das vezes limitada pelas decisões previamente tomadas pelos adultos.

Tal pode dever-se ao facto de, como indicaram os alunos e a docente do Contexto III, no 1.º CEB existir um programa previamente definido que deve ser cumprido, com Aprendizagens Essenciais específicas para diferentes áreas, que devem ser avaliadas através de diferentes métodos e trabalhadas de forma sequencial. Assim sendo, a gestão de conteúdos é programada e deve ser cumprida pela docente, tornando mais difícil a gestão de tempo para a implementação de momentos de participação.

Já em pré-escolar, existem Orientações Curriculares, que se apresentam, como o próprio nome indica, como orientações para a realização de atividades, sendo as mesmas

mais abrangentes e interdisciplinares, podendo ser trabalhadas de forma mais ampla e continuada, permitindo que a gestão de tempo seja da responsabilidade da docente, e das crianças, quando lhes é dada essa oportunidade.

Assim sendo, nesta investigação foram considerados 5 níveis de participação, para diferentes áreas, percebendo que o nível 5, de *decisões partilhadas*, é aquele que apresenta mais exemplos, sendo a maioria dos mesmos de atividades realizadas pela professora/educadora estagiária (investigadora).

Com isto podemos perceber que a implementação de momentos de participação é possível se essa for uma preocupação do adulto. A implementação de momentos de participação no quotidiano deve então começar por ser uma escolha consciente, para que possa passar a ser algo constante e inerente à turma/escola.

De forma a concluir este relatório, torna-se fundamental procurar responder à questão que o originou: *quais os níveis de qualidade da participação das crianças na gestão de aprendizagens nas valências de pré-escolar e de 1.º CEB e como são implementados?*

Depois da análise de dados é então possível perceber que nem todos os níveis que constam da escala de participação construída contam com exemplos naquela que é a prática e a implementação da participação em pré-escolar e 1.º CEB.

No entanto, uma leitura atenta demonstra-nos que os níveis que não possuem exemplos, e aqueles que possuem poucos, são o nível de não participação, denominado de *ilusão*, e os níveis de participação considerados mais baixos.

Respondendo à questão de partida, e relativamente aos dados recolhidos nos contextos em que esta investigação foi realizada, os níveis de qualidade de participação das crianças estão no nível 4, em que *a tomada de decisões envolve as crianças* e o nível 5, de *decisões partilhadas* entre crianças e adultos em qua as opiniões das crianças são realmente valorizadas e requisitadas.

É então possível verificar que os níveis mais elevados, e que demonstram mais qualidade de participação, são aqueles que contam com mais exemplos, no entanto, tal não significa que os momentos de participação das crianças em contexto de pré-escolar e de 1.º CEB sejam já suficientes e que a participação seja já a ideal.

O ideal da participação só será alcançado quando a quantidade de exemplos verificados for mais ampla e constante em todos os contextos, nas diferentes áreas e em todos os âmbitos, demonstrando que o conceito de participação é compreendido, valorizado e implementado por todos.

Porém, estes dados refletem a esperança de que a importância da participação das crianças possa ser reconhecida e respeitada por todos, dando voz às crianças naquele que é o seu processo de aprendizagem, permitindo que sejam as mesmas a liderar esse processo, com o apoio consciente do adulto.

Este trabalho permitiu então perceber que, de forma geral, a participação apresenta-se, na prática, como algo pouco explorado e vivido, percebendo que o seu conceito não é reconhecido por todos naquela que é toda a sua potencialidade, assim sendo, “Torna-se evidente que promover e garantir a participação das crianças implica um intenso trabalho de articulação de diversos actores e de múltiplos saberes, reconfigurando uma outra forma de pensar a infância e a escola.” (Tomás & Gama, 2011, p.18).

Este trabalho reforça assim a ideia de que é fundamental a reflexão individual, enquanto adultos, acerca da forma como encaramos as crianças e as suas opiniões, fazendo sempre com que se sintam valorizadas e guiando-as no processo de serem, desde pequenas, cidadãos ativos e participativos na construção de um mundo mais justo e democrático.

REFERÊNCIAS

Araújo, L. S., Cruz, J. F., & Almeida, L. S. (2010). *A entrevista no estudo da Excelência: Uma proposta*. *Psychologia* (nº52, vol.1, pp. 253-279).

Correia, M. D. C. B. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem | Journal of Nursing*, 13 (2), 30-36.
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23968/1/2009_13_2_30-36.pdf

Corsaro, W. A. (2012). *Sociologia da Infância*. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. *Revista Brasileira de Educação*, 17 (50), 483-490

Cortesão, I., Amorim, E., & Menezes, I. (2019). «O coro torna-nos pessoas diferentes e melhores!...»: Visões de crianças do 1º ciclo sobre a experiência de um projeto de música comunitária. *Educação Sociedade & Culturas*, 54, 153-174.

Cortesão, I., & Jesus, P. (2022). À-Participação ou participação das crianças? Experiências de inovação educacional vistas pelas próprias. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, (23), 1-34.
<https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2022.10729>

Fielding, M. (2012). *Beyond Student Voice: Patterns of Partnership and the Demands of Deep Democracy*. University of London.

Hart, R. *Children's participation: from tokenism to citizenship*. Florence: Unicef; International Child Development Centre, 4, 1992.

Schröder, C. & Klerin, L. (2009). On-line focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. *Cadernos EBAPE.BR*, 7 (2), 333-348.

Lansdown, G. (2005) ¿Me haces caso? El derecho de los niños pequeños a participar en las decisiones que los afectan. *Cuadernos sobre Desarrollo Infantil Temprano*, <https://www.observatoriodelainfancia.es/oia/esp/descargar.aspx?id=1930&tipo=documento>

Lasala-Navarro, I., & Etxebarria-Kortabarria, I. (2020). Participación en la escuela: Una utopía no tan lejana. Una propuesta enmarcada en el sistema educativo español. *Revista Electrónica Educare*, 24(1), 213-230, <https://www.redalyc.org/journal/1941/194162217012/html/>

Lino, D. L. (2008). *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*.

Pacheco, A. (2022) *Participação das crianças em contexto escolar: Representações de professores e alunos*. (Dissertação de mestrado em Intervenção Comunitária) Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/3218>

Porvir. (2017). Participação dos Estudantes na Escola. *Guia Especial do Porvir*.

Sarmiento, M. J. (2004). As Culturas da infância nas encruzilhadas da 2.^a modernidade. *Crianças e miúdos: perspetivas sócio-pedagógicas da infância e educação*. Instituto de Estudos da Criança Universidade do Minho.

Sarmiento, M. J. (2011). O estudo de caso etnográfico em educação. *Itinerários de pesquisa: perspetivas qualitativas em sociologia da educação*, 137-179.

Shier, H. (2001), Pathways to participation: Openings, Opportunities and Obligations. *Children & Society*, 15, 107-117

UNICEF. (2019). Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos. *Comité Português para a UNICEF: Edição Revista*

Tomás, C. (2007). Participação não tem idade. *Participação das crianças e cidadania na Infância. Contexto & Educação* 22 (78), 45-68.

Tomás, C. & Gama, A. (2011). *Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Tomás, C. (2014). As culturas da infância na educação de infância: um olhar a partir dos direitos das crianças. *Revista Interações*, (32), 129-144.

Wall, K., Cassidy, C., Arnot, L., Beaton, M., Blaisdell, C., Hall, E., Kanyal, M., McKernan, G., Mitra, D., Pramling & I., Robinson, C. (2018). *Look who's talking: Factors for considering the facilitation of very young children's voice*.
<https://www.researchgate.net/publication/324648079>

APÊNDICES

Apêndice A- Tabelas dos níveis de participação- gestão do currículo/ aprendizagens

Na sala de aula/ atividades- gestão do currículo/ aprendizagens			
Níveis de participação ↓	Abertura	Oportunidade	Obrigaçào
5 <i>Decisões partilhadas</i>	Estamos preparados para partilhar a tomada de decisões com as crianças?	São criados momentos de discussão e partilha de opiniões entre adultos e crianças?	É regra da sala que as decisões sejam tomadas em conjunto e que as opiniões das crianças tenham o mesmo valor que as dos adultos?
4 <i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	Estamos preparados para envolver as crianças e as suas opiniões nos momentos de tomada de decisões?	Existem momentos destinados a ouvir a opinião das crianças quanto às decisões a tomar?	É regra da sala que a tomada de decisões seja em conjunto com as crianças?
3 <i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	Estamos preparados para considerar a opinião das crianças quando tomamos decisões?	Existem estratégias e oportunidades para ter em conta as sugestões das crianças?	É regra da sala que as opiniões e sugestões das crianças sejam consideradas no momento de tomada de decisões, influenciando as mesmas?
2 <i>Crianças são ouvidas</i>	Estamos preparados para ouvir as crianças e as suas opiniões?	Existem oportunidades para ouvir as crianças?	É regra da sala que as crianças sejam escutadas?
1 <i>Crianças são observadas</i>	Estamos preparados para observar o comportamento das crianças e responder às suas dificuldades?	Existem momentos que possibilitam a observação dos comportamentos das crianças?	É regra da sala que os comportamentos das crianças sejam observados e considerados?
<i>Ilusão</i>	As crianças são usadas como um adereço, sendo que as suas opiniões e sugestões são ignoradas.		

Apêndice B- Tabelas dos níveis de participação- gestão de espaços e materiais

Na sala de aula/ atividades- gestão de espaços e materiais			
Níveis de participação ↓	Abertura	Oportunidade	Obrigaçào
5 <i>Decisões partilhadas</i>	Estamos preparados para alterar o espaço tendo em conta a opinião das crianças?	São criados momentos de trabalho de equipa para alterar o espaço da sala?	É regra da sala que as alterações do espaço sejam sempre realizadas em conjunto e que as sugestões das crianças tenham o mesmo valor que as dos adultos?
4 <i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	Estamos preparados para envolver as crianças e as suas opiniões nos momentos de reorganização da sala ou aquisição de materiais?	Existem momentos destinados a ouvir a opinião das crianças quanto a sala?	É regra da sala que a tomada de decisões e a organização da sala seja realizada em conjunto com as crianças?
3 <i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	Estamos preparados para considerar a opinião das crianças quando alteramos os espaços da sala?	Existem estratégias e oportunidades para ter em conta as sugestões das crianças quanto à organização da sala?	É regra da sala que as opiniões e sugestões das crianças sejam consideradas no momento de tomada de decisões, influenciando as mesmas?
2 <i>Crianças são ouvidas</i>	Estamos preparados para ouvir as crianças e as suas opiniões quanto à disposição dos materiais e espaços da sala?	Existem oportunidades para ouvir as ideias e opiniões das crianças?	É regra da sala que a opinião das crianças quanto à disposição dos materiais seja ouvida?
1 <i>Crianças são observadas</i>	Estamos preparados para observar os materiais e espaços que as crianças utilizam?	Existem momentos que possibilitam a observação da forma como as crianças utilizam os materiais da sala?	É regra da sala que as crianças sejam observadas enquanto utilizam os materiais disponíveis?
<i>Ilusão</i>	As crianças são usadas como um adereço, sendo que as suas opiniões e sugestões são ignoradas.		

Apêndice C- Tabelas dos níveis de participação gestão da sala de aula (normas e regulamentos)

Na sala de aula/ atividades- gestão da sala de aula (normas e regulamentos)			
Níveis de participação	Abertura	Oportunidade	Obrigação
5 ↓ <i>Decisões partilhadas</i>	Estamos preparados para criar regras em conjunto com as crianças?	São criados momentos de discussão e elaboração de regras?	É regra da sala que as decisões sejam tomadas em conjunto e que as opiniões das crianças tenham o mesmo valor que as dos adultos aquando da implementação de regras?
4 <i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	Estamos preparados para envolver as crianças e as suas opiniões nos momentos de tomada de decisões relativas às normas da sala?	Existem momentos destinados a ouvir a opinião das crianças quanto às regras a implementar?	É regra da sala que a tomada de decisões seja em conjunto com as crianças?
3 <i>Opiniões das crianças são consideradas</i>	Estamos preparados para considerar a opinião das crianças quando criamos regras?	Existem estratégias e oportunidades para ter em conta as sugestões das crianças?	É regra da sala que as opiniões e sugestões das crianças sejam consideradas no momento de tomada de realização das regras da sala, influenciando as mesmas?
2 <i>Crianças são ouvidas</i>	Estamos preparados para ouvir as crianças e as suas opiniões quanto às normas impostas?	Existem oportunidades para ouvir as sugestões das crianças para adaptar/ alterar as regras da sala?	É regra da sala que as crianças sejam escutadas?
1 <i>Crianças são observadas</i>	Estamos preparados para observar o comportamento das crianças quanto às regras da sala?	Existem momentos que possibilitam a observação dos comportamentos das crianças e as dificuldades demonstradas em cumprir as regras, tendo em conta a sua relevância?	É regra da sala que os comportamentos das crianças sejam observados e considerados?
<i>Ilusão</i>	As crianças são usadas como um adereço, sendo que as suas opiniões e sugestões são ignoradas.		

Apêndice D- Guião do Grupo de Discussão Focalizada- Contexto I

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo perceber a vossa opinião sobre a participação na sala de aula, ouvindo o que têm para partilhar. Todos podem partilhar as vossas opiniões de forma livre e respeitosa, sendo que irei fazer algumas perguntas para nos guiarmos, mas essas perguntas não têm respostas certas nem erradas. As respostas devem ser baseadas naquilo que experienciam e como todos temos experiências diferentes é normal que as nossas opiniões sejam também diferentes, sendo isso também muito importante porque quero ouvir tudo o que têm a dizer.

Este momento vai ser gravado com o telemóvel para que eu consiga lembrar-me de todas as vossas opiniões e sugestões.

- **Quebra-gelo:**

- Construções humanas: Será pedido aos alunos que retirem um papel de uma caixa e que, em grupo, representem com o seu corpo o objeto representado nesse papel. Os alunos não devem falar entre si.

- **Perguntas:**

- O que é a participação?
- O que é participar na escola?
- Quem participa na escola?
- Gostam de participar nas aulas? Porquê?
- Vocês participam nas vossas aprendizagens? Em que situações?
- Participam na vossa avaliação?
- A professora costuma pedir a vossa opinião sobre a avaliação?
- Acham que as vossas sugestões são ouvidas?
- Existem momentos para darem a vossa opinião?
- Se fossem professores, o que fariam de diferente quanto à participação dos alunos? (Formas de avaliação e de gestão de conteúdos) (Será pedido aos alunos que se coloquem em cima de uma cadeira e ajam como se fossem professores, explicando o que fariam)

Agradecimentos

- O que acharam deste momento e o que foi mais importante para cada um de vocês?

Obrigada por terem partilhado comigo as vossas opiniões e momentos que viveram, gostei muito de as poder ouvir.

Apêndice E- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Contextos I e III

Consentimento informado participação em grupo focal

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, estou a realizar um Relatório de Estágio, acerca do tema “participação”.

Para tal, será realizado um grupo de discussão focalizada de forma a compreender a perceção e opinião dos alunos acerca do tema. A participação do seu educando será fulcral para a realização do relatório previamente referido, expressando a sua opinião através de um momento de discussão entre alunos e professora estagiária, sendo esse momento registado através da gravação de áudio e imagem. Estes dados serão utilizados apenas para investigação científica e serão destruídos depois de serem analisados, prevendo que estes sejam destruídos após um período de aproximadamente quatro meses.

É ainda importante salientar que a participação do seu educando é voluntária e pode, a qualquer momento, desistir sem que sofra qualquer consequência.

A privacidade e a proteção dos dados recolhidos estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

Declaro que eu, _____, autorizo o meu educando, _____, a participar no grupo de discussão focalizada, autorizando a gravação de imagem e som para fins de investigação académica.

Data: _____ Assinatura: _____

Apêndice F- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Contexto II

Consentimento informado participação em grupo focal

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, estou a realizar um Relatório de Estágio, acerca do tema “participação”.

Para tal, será realizado um grupo de discussão focalizada de forma a compreender a perceção e opinião das crianças acerca do tema. A participação do seu educando será fulcral para a realização do relatório previamente referido, expressando a sua opinião através de um momento de discussão entre crianças e educadora estagiária, sendo esse momento registado através da gravação de áudio e imagem. Estes dados serão utilizados apenas para investigação científica e serão destruídos depois de serem analisados, prevendo que estes sejam destruídos após um período de aproximadamente quatro meses.

A privacidade e a proteção dos dados recolhidos estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

É ainda importante salientar que a participação do seu educando é voluntária e pode, a qualquer momento, desistir sem que sofra qualquer consequência.

Declaro que eu, _____, autorizo o meu educando, _____, a participar no grupo de discussão focalizada, autorizando a gravação de imagem e som para fins de investigação académica.

Data: _____

Assinatura: _____

Apêndice G- Guião do Grupo de Discussão focalizada- Contexto II

Guião de grupo discussão focalizada com alunos

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo perceber a vossa opinião sobre a participação na sala de atividades, ouvindo o que têm para partilhar. Todos podem partilhar as vossas opiniões de forma livre e respeitosa.

Eu irei fazer algumas perguntas para nos guiarmos, mas essas perguntas não têm respostas certas nem erradas. Para responderem devem pensar nos momentos da sala e como todos somos diferentes é normal que as nossas respostas sejam também diferentes e isso é muito importante porque quero ouvir tudo o que têm a dizer.

Este momento vai ser gravado com o telemóvel para que eu consiga lembrar-me de todas as vossas opiniões e sugestões.

- **Quebra-gelo:**

Eu prefiro...: Serão apresentadas diferentes opções, sendo pedido às crianças que optem por umas das opções apresentadas.

Opções:

Chuva ou sol

Livros ou vídeos

Cão ou gato

Noite ou dia

Verão ou inverno



- **Perguntas:**

- O que é a participação?
- O que é participar no Colégio?
- Quem participa no Colégio?
- Gostam de participar nas atividades? Porquê?
- Vocês participam nas vossas aprendizagens? Em que situações?
- A educadora costuma pedir a vossa opinião sobre as atividades?
- Acham que as vossas sugestões são ouvidas?
- Existem momentos para darem a vossa opinião?
- Se fossem educadores, o que fariam de diferente quanto à participação das crianças? (Formas de avaliação e de gestão de conteúdos) (Será pedido às crianças que se coloquem em cima de uma cadeira e ajam como se fossem educadores, explicando o que fariam)

Agradecimentos

- O que acharam deste momento e o que foi mais importante para cada um de vocês?

Obrigada por terem partilhado comigo as vossas opiniões e os momentos que viveram, gostei muito de as poder ouvir.

Apêndice H- Guião do grupo de discussão focalizada- Contexto III

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo perceber a vossa opinião sobre a participação na sala de aula, ouvindo o que têm para partilhar. Todos podem partilhar as vossas opiniões de forma livre e respeitosa, sendo que irei fazer algumas perguntas para nos guiarmos, mas essas perguntas não têm respostas certas nem erradas. As respostas devem ser baseadas naquilo que experienciam e como todos temos experiências diferentes é

normal que as nossas opiniões sejam também diferentes, sendo isso também muito importante porque quero ouvir tudo o que têm a dizer.

Este momento vai ser gravado com o telemóvel para que eu consiga lembrar-me de todas as vossas opiniões e sugestões.

- **Quebra-gelo:**

- Bola do lazer: Será utilizada uma bola com diferentes perguntas de resposta pessoal, passando entre os alunos, que devem partilhar a sua resposta a uma das perguntas presentes na bola.

- **Perguntas:**

- O que é a participação?
- O que é participar na escola?
- Quem participa na escola?
- Gostam de participar nas aulas? Porquê?
- Vocês participam nas vossas aprendizagens? Em que situações?
- Costumam fazer trabalhos de grupo? Gostam?
- Participam na vossa avaliação?
- A professora costuma pedir a vossa opinião sobre a avaliação?
- Existem momentos para darem a vossa opinião? Achem que as vossas sugestões são ouvidas?
- Quando andavam em pré-escolar, também participavam nas atividades? Achem que agora participam mais ou menos? Porquê?
- Se fossem professores, o que fariam de diferente quanto à participação dos alunos? (Formas de avaliação e de gestão de conteúdos) (Será pedido aos alunos que se coloquem em cima de uma cadeira e ajam como se fossem professores, explicando o que fariam)

Agradecimentos

- O que acharam deste momento e o que foi mais importante para cada um de vocês?

Obrigada por terem partilhado comigo as vossas opiniões e momentos que viveram, gostei muito de as poder ouvir.

Apêndice I- Guião da Entrevista- Contexto I

Contextualização e explicação

Bom dia, obrigada por ter aceitado fazer parte desta entrevista acerca daquilo que é a participação dos alunos e da sua importância.

Nesta entrevista farei algumas perguntas acerca da participação dos alunos, sendo as respostas baseadas na sua opinião e naquela que é a sua experiência como professora.

Este momento vai ser gravado para que os dados recolhidos possam depois ser analisados.

- **Perguntas para a professora:**

- O que é a participação?
- O que é participar na escola?
- Quem participa na escola?
- Acha importante a participação das crianças? Porquê?
- Os alunos participam nas suas aprendizagens? Em que situações?
- Os alunos participam na avaliação?
- Existem momentos para os alunos darem a opinião?
- Qual a sua opinião acerca dos alunos participarem na escolha das formas de avaliação e de gestão de conteúdos?

Apêndice J- Consentimento Informado Entrevista- Contextos I e III

Consentimento Informado Entrevista

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, estou a realizar um Relatório de Estágio, acerca do tema “participação”.

Para tal, será realizada uma entrevista de forma a compreender a perceção e opinião da professora acerca deste tema. A sua participação nesta entrevista será fulcral para a realização do relatório previamente referido, sendo a sua opinião e partilha de experiências fundamentais. Esse momento será registado através da gravação de áudio e imagem e estes dados serão utilizados apenas para investigação científica, sendo destruídos depois de serem analisados, prevendo que estes sejam destruídos após um período de aproximadamente quatro meses.

É ainda importante salientar que a sua participação é voluntária e pode, a qualquer momento, recusar responder às perguntas colocadas ou desistir sem que sofra qualquer consequência.

A privacidade e a proteção dos dados recolhidos estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

Declaro que eu, _____, conheço as condições para esta entrevista e autorizo a gravação de imagem e som para fins de investigação académica.

Data: _____ Assinatura: _____

Apêndice K- Consentimento Informado Entrevista- Contexto II

Consentimento informado participação em entrevista

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, estou a realizar um Relatório de Estágio, acerca do tema “participação”.

Para tal, será realizada uma entrevista de forma a compreender a perceção e opinião da educadora acerca deste tema. A sua participação nesta entrevista será fulcral para a realização do relatório previamente referido, sendo a sua opinião e partilha de experiências fundamentais. Esse momento será registado através da gravação de áudio e imagem e estes dados serão utilizados apenas para investigação científica, sendo destruídos depois de serem analisados, prevendo que estes sejam destruídos após um período de aproximadamente quatro meses.

É ainda importante salientar que a sua participação é voluntária e pode, a qualquer momento, recusar responder às perguntas colocadas ou desistir sem que sofra qualquer consequência.

A privacidade e a proteção dos dados recolhidos estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

Declaro que eu, _____, conheço as condições para esta entrevista e autorizo a gravação de imagem e som para fins de investigação académica.

Data: _____

Assinatura: _____

Apêndice L- Guião da Entrevista- Contexto II

Guião de entrevista à educadora

Contextualização e explicação

Bom dia, obrigada por ter aceitado fazer parte desta entrevista acerca daquilo que é a participação dos alunos e da sua importância.

Nesta entrevista farei algumas perguntas acerca da participação das crianças, sendo as respostas baseadas na sua opinião e naquela que é a sua experiência como educadora.

Este momento vai ser gravado para que os dados recolhidos possam depois ser analisados.

• Perguntas para a educadora:

- O que é a participação?
- O que é participar na escola?
- Quem participa na escola?
- Acha importante a participação das crianças? Porquê?
- As crianças participam nas suas aprendizagens? Em que situações?
- As crianças participam na avaliação das atividades?
- Existem momentos para as crianças darem a opinião?
- Qual a sua opinião acerca das crianças participarem na escolha das formas de gestão de conteúdos, das atividades, de estarem incluídas em todo o processo?

Apêndice M- Guião da entrevista à professora- Contexto III

Guião de entrevista à professora

Contextualização e explicação

Bom dia, obrigada por ter aceitado participar nesta entrevista sobre a participação dos alunos nas suas aprendizagens.

Nesta entrevista farei algumas perguntas acerca da participação dos alunos, sendo as respostas baseadas na sua opinião e naquela que é a sua experiência como professora.

Este momento vai ser gravado para que os dados recolhidos possam depois ser analisados.

• Perguntas para a professora:

- O que é a participação?
- Quem participa na escola?
- O que é participar na escola?
- Acha importante a participação das crianças?
- No contexto das suas aulas, os alunos participam nas suas aprendizagens? Em que situações?
- Costumam fazer trabalhos de grupo? Acha que facilitam a aprendizagem?
- Existem momentos programados para os alunos darem a opinião?
- Os alunos participam nas avaliações? Na escolha do tipo de avaliação? Fazem autoavaliações?
- Qual a sua opinião acerca dos alunos participarem na gestão de conteúdos?
- Acredita que a idade/nível de desenvolvimento dos alunos influencia o nível de participação? Porquê? Acha importante adotar diferentes estratégias para que todas as crianças possam participar? Se sim, pode dar alguns exemplos de estratégias que utiliza?

Apêndice O- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do espaço e materiais- Contexto I

Propostas realizadas pela professora cooperante

Propostas realizadas pela professora estagiária

Na sala de aula/ atividades- gestão de espaços e materiais			
Níveis de participação ↓	Abertura	Oportunidade	Obrigações
5 <i>Decisões partilhadas</i>	Para a decoração do Carnaval foram ouvidas e utilizadas as sugestões dos alunos de decorar a sala com serpentinas e com os trabalhos realizados para a festividade.	Ocasionalmente são criados momentos de decisões partilhadas como na decisão na decoração do espaço de sala de aula para o Carnaval.	
4 <i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	Para decoração da sala para o Carnaval- foi perguntado aos alunos o que gostariam de fazer e que materiais gostariam de utilizar.	Durante a assembleia semanal é criada a oportunidade das crianças darem a sua opinião acerca da disposição do espaço da sala.	
3 <i>Opiniões das crianças são consideradas</i>			
2 <i>Crianças são ouvidas</i>			
1 <i>Crianças são observadas</i>			
<i>Ilusão</i>			

Apêndice P- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão da sala de aula (normas e regulamentos) – Contexto I

Propostas realizadas pela professora cooperante

Propostas realizadas pela professora estagiária

Na sala de aula/ atividades- gestão da sala de aula (normas e regulamentos)			
Níveis de participação ↓	Abertura	Oportunidade	Obrigações
5 <i>Decisões partilhadas</i>		São realizadas assembleias semanais para discussão de diferentes temáticas, englobando a gestão da sala e das suas regras, criando regras para a realização dessa mesma assembleia como “não falar quando estão a falar”, “não sair do lugar”, “esperar pela nossa vez de falar”.	
4 <i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>			
3 <i>Opiniões das crianças são consideradas</i>			
2 <i>Crianças são ouvidas</i>			
1 <i>Crianças são observadas</i>			
<i>Ilusão</i>			

Apêndice Q- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada- Contexto I

Bom dia, sejam bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento para partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo perceber a vossa opinião sobre a participação na sala de aula, e quero ouvir tudo o que têm para partilhar comigo e com os vossos colegas. Todos podem partilhar as vossas opiniões de forma livre e respeitosa, portanto todas as opiniões vão ser respeitadas porque são as nossas opiniões e não há opiniões certas nem opiniões erradas. Eu irei fazer algumas perguntas para nos guiarmos, mas essas perguntas não têm respostas certas nem erradas, cada um dá a sua opinião e respeita a opinião dos outros. As vossas respostas devem ser baseadas naquilo que experienciam e como todos temos experiências diferentes, é passaram por diferentes turmas, é normal que as nossas opiniões sejam também diferentes, e eu quero ouvir todas as opiniões e experiências.

Este momento vai ser gravado com o telemóvel para que eu consiga lembrar-me de todas as vossas opiniões e sugestões e com outro telemóvel para que consiga perceber quem está a falar.

Já fizemos um jogo lá fora e percebemos que todos tiveram que participar para resultar, sendo que existiam diferentes perspetivas acerca da visão dos objetos, alguns meninos imaginavam os objetos vistos de cima, outros de lado e é isso que eu agora quero perceber, as diferentes perspetivas e opiniões acerca de experiências semelhantes.

- **Quebra-gelo:**

- Construções humanas: Será pedido aos alunos que retirem um papel de uma caixa e que, em grupo, representem com o seu corpo o objeto representado nesse papel. Os alunos não devem falar entre si.

Durante a realização do jogo de quebra-gelo as crianças demonstraram trabalho de equipa, existindo uma criança a liderar, mas tendo todas participado, utilizando gestos para darem sugestões. Alguns dos objetos propostos não foram realizados

uma vez que as crianças tinham diferentes perspectivas de como seria visualizado esse objeto.

- **Perguntas:**

- **O que é a participação?**

Entrevistadora: Conhecem esta palavra? O que significa para vocês?

Criança 2: Participar é...

Criança 1 (F): É aceitar fazer alguma coisa.

Criança 2 (M): Quando alguém chama e você vai para participar junto.

Criança 1 (F): Por exemplo num jogo ou numa reunião.

Entrevistadora: Vocês aceitaram participar nesta reunião.

Criança 7 (M): Ajudar.

Criança 1 (F): Mas ajudar seria mais ajuda.

Criança 2 (M): Nas brincadeiras, a jogar à bola.

Criança 7 (M): Ajudar as fazer as coisas, as reuniões, fichas.

Criança 1 (F): Participar é tipo estar presente a fazer qualquer coisa e participar num jogo.

- **O que é participar na escola?**

Entrevistador: Agora que já falámos acerca do que é participar, o que é então participar na escola?

Criança 7 (M): Participar na escola é participar.

Criança 1 (F): É participar para aprender, participar para resolver problemas, participar para participar.

Entrevistadora: E exemplos?

Criança 1 (F): Tipo participar em jogos, por exemplo, a professora põe uma música para nós dançar mos só que há colegas que estão sentados e a professora manda-os participar.

Criança 2 (M): Tipo tem algumas meninas que estão brincando juntas e as outras não e a professora manda participar na brincadeira.

Entrevistadora: Mas e participar na escola? Participar na sala?

Criança 4 (M): É participar na aula, tipo a professora diz uma pergunta e a pessoa participa, tipo, responde.

Criança 1 (F): Não tipo ficar ali tipo parada.

Criança 3 (F): Por exemplo um trabalho.

Criança 5 (F): Era isso que eu ia dizer.

Criança 1 (F): Participar no trabalho dos 5 R's tipo um trabalho tipo como estamos a fazer de trabalho de grupo ou como estivemos a fazer o trabalho de grupo dos 5 R's, nós participamos no trabalho de grupo.

Criança 2 (M): Quando você tem dúvida em um trabalho e alguém te ajuda.

Entrevistadora: Como já tinham dito, participar também é ajudar.

o **Quem participa na escola?**

Criança 7 (M): Alunos.

Criança 1 (F): Os alunos, professores, auxiliares, cozinheiras, a coordenadora, estagiárias, as meninas da pré (educadoras e auxiliares).

Entrevistadora: E essas pessoas participam todas da mesma forma?

Criança 7 (M): Diferentes.

Criança 1 (F): Eu acho que são diferentes.

Criança 7 (M): Nas aulas.

Criança 1 (F): Os professores e os alunos. E nos recreios participam as auxiliares, os alunos, às vezes os professores, muita gente, eu acho que toda a gente participa nos recreios.

Vocês participam nas aulas?

o **Gostas de participar nas aulas? Porquê?**

Criança 7 (M): Lógico.

Criança 1 (F): Sim, há muitas pessoas que não participam, mas tipo se a professora faz uma pergunta e a pessoa põe o dedo no ar para responder, isso é participar no trabalho que estamos a fazer com a professora.

Criança 2 (M): Sim, era isso que eu ia dizer. Mas há pessoas que não levantam o dedo para responder.



Criança 7 (M): Porque têm vergonha.

Criança 2 (M): Porque têm medo de errar.

Todos: Sim.

Criança 7 (M): Com perguntas não gosto. Mas gosto de participar noutras coisas, nos desenhos e pinturas.

Criança 2 (M): Eu gosto de levantar o dedo para falar porque é legal. Quando acerto, quando erro fico triste, mas pronto.

Criança 3 (F): Eu gosto de participar porque gosto de conhecer coisas novas.

Criança 5 (F): Eu gosto de participar porque gosto de dizer a coisa certa só que se errarmos também não faz mal porque nós aprendemos com os nossos erros.

Criança 6 (F): Eu gosto de participar porque acho fixe.

Criança 1 (F): Eu gosto de participar em tudo porque acho que é fixe e eu gosto de conversar e tipo eu gosto de brincar. Quando estamos a brincar eu peço para participar nas brincadeiras.

o **Vocês participam nas vossas aprendizagens? Em que situações?**

Criança 1 (F): Como assim?

Entrevistadora: Participam e dão a vossa opinião acerca da forma como vão aprender?

Criança 1 (F): A nossa turma tem um problema porque cada um diz uma coisa e depois a professora chateiam-se.

Criança 7 (M): Participamos de vez em quando.

Criança 5 (F): Participamos.

Criança 6 (F): Sim.

Criança 4 (M): Eu participo até demais.

Criança 3 (F): Sim.

Criança 2 (M): Também acho que sim.

Entrevistadora: E têm algum exemplo?

Criança 1 (F): Sim, os 5 R's. Tínhamos a cartolina e tínhamos a liberdade de expressão de poder fazer o que nós quiséssemos na cartolina desde que tivesse a ver com o tema.

Criança 7 (M): O pedipaper também foi fixe.

Criança 2 (M): Sim, no pedipaper participamos em tudo.

Criança 4 (M): No computador, na atividade do 25 de abril.

Entrevistadora: Foste tu que escolheste fazer no computador?

Criança 7 (M): Também podia ser em cartolina, texto.

Criança 4 (M): Havia outras opções e eu escolhi computador.

Criança 5 (F): Eu também gostei dos 5 R's.

Criança 6 (F): Em todas.

Criança 1 (F): Na atividade que fizemos no teu último dia, podíamos escolher para quem queríamos atirar o cordão e o que queríamos dizer.

○ **Participam na vossa avaliação?**

Criança 2 (M): Eu acho que participo em parte. A minha mãe pergunta se correu bem e se acho que vou ter boa nota e eu digo.

Entrevistadora: E na escola?

Criança 1 (F): Eu acho que participo. Na nossa autoavaliação, eu pergunto à professora e a professora ajuda.

Criança 2 (M): Eu acho que participo porque peço ajuda à professora quando tenho uma dúvida.

Entrevistadora: Mas e na vossa avaliação, na forma acham que devem ser avaliados, vocês participam?

Criança 1 (F): Nós podemos ser avaliados nas fichas, nos testes, nas fichas para casa e no nosso comportamento. Nós participamos quando fazemos as fichas e em jogos.

○ **A professora costuma pedir a vossa opinião sobre a avaliação?**

Todos: Não.

Criança 1 (F): Eu acho que concordamos todos que não, a professora nunca nos pergunta “acham que devemos fazer um teste?”, fazemos um teste e ponto final. Os professores têm uma reunião para decidir que vai haver testes e a data.

○ **Acham que as vossas sugestões são ouvidas?**

Criança 1 (F): Sim, às vezes.

Criança 2 (M): Às vezes.

Criança 1 (F): Por exemplo, no placard tem os desenhos e tem espaço de sobra. Nós às vezes para não ficar uns desenhos noutra placard nós perguntamos à professora se podemos juntar os desenhos e a professora diz que se ficar melhor podemos.

Criança 2 (M): Quando nós estamos a pintar um desenho e pedimos à professora para juntar as mesas às vezes a professora deixa e às vezes não.

Criança 1 (F): A professora normalmente deixa quando estamos mais calminhos.

Criança 3 (F): A professora pede a nossa opinião algumas vezes quando vamos desenhar ou colar.

Criança 1 (F): Eu concordo. A professora pergunta se nós queremos pintar um desenho ou desenhar e nós escolhemos e se for para pintar o desenho a professora diz para nós irmos imprimir. Por exemplo, na capa de finalistas nós não sabíamos o que por e demos o exemplo que podíamos por um finalista, um menino com uma cartola e um diploma e a professora fez isso.

Crianças 4 (M): E quando a professora diz assim “vocês preferem pintar ou fazer um desenho livre ou um jogo?”, imagina que nós escolhemos o jogo, a professora deixa.

Criança 7 (M): Às vezes a professora distribui desenhos.

Criança 1 (F): Imagina que estamos num dia à tarde sem nada para fazer, a professora pergunta se queremos pintar, desenhar ou fazer um jogo. Imagina que alguns escolhem desenhar, então a professora deixa-os desenhar, outros escolhem pintar, outros escolhem jogar e a professora deixa ou então se quiserem ler um livro a professora deixa ler um livro.

Criança 6 (F): Já deram os exemplos.

○ **Existem momentos para darem a vossa opinião?**

Criança 2 (M): De vez em quando.

Criança 1 (F): Imagina que estamos sem nada para fazer, a professora diz para cada um dar a sua opinião.

Criança 3 (F): Sim.

Criança 4 (M): De vez em quando podemos dizer.

Criança 5 (F): Quando não temos nada para fazer podemos dar a nossa opinião, ou no apoio ao estudo e na ginástica com a professora também escolhemos os jogos e o que queremos fazer.

Criança 1 (F): Quando fizemos a assembleia de turma nós podíamos dar as nossas opiniões e tu deixaste-nos escolher, porque nós fizemos uma votação que podíamos escolher quem é que ia escrever na assembleia, nós votávamos no secretário e ninguém obrigava a votar numa pessoa. Nós dávamos as nossas opiniões sobre o quê que nós achamos positivo, se eu achei uma coisa positiva e ele não, nós tínhamos que concordar para escrever. Também falávamos dos pontos negativos e das sugestões e das dificuldades, para nós depois fazermos um livro e aprendermos sobre os pontos positivos. Quando eu dei a opinião de fazer a nuvem dos superpoderes dos professores todos concordaram comigo e fizemos. Fizemos tudo que sugerimos, os jogos em turma, no computador, o trabalho das nuvens.

Criança 3 (F): Os jogos em turma.

Criança 6 (F): Os trabalhos em grupo.

- **Se fossem professores, o que fariam de diferente quanto à participação dos alunos? (Formas de avaliação e de gestão de conteúdos) (Será pedido aos alunos que se coloquem em cima de uma cadeira e ajam como se fossem professores, explicando o que fariam)**

Criança 1 (F): Se fosse professora não deixava os professores gritarem com as crianças porque senão elas não iam entender, iam ficar com mais medo e com mais vergonha e nós temos que ter calma para falar com as crianças e elas connosco. Se nós gritarmos as crianças podem ficar com medo e não prestam atenção ao que estamos a dizer. Porque eu acho que os professores gritam demasiado e depois as crianças ficam com medo, não prestam atenção e ficam para trás. E para os alunos tinha a regra de não poderem andar de pé, podiam, mas eu tinha que dar permissão, por exemplo para fazerem um trabalho, aí podiam.

Criança 2 (M): Eu fazia igual, também não queria muito barulho, mas podiam conversar e fazer trabalhos de grupo. Eu queria ser professor de música. Eu acho

que os alunos aprendem melhor em grupo porque se tiverem dúvidas podem perguntar ao colega ou ao professor.

Criança 4 (M): Eu dava mais trabalhos em grupo e não gritava muito, era mais divertido porque se eu fosse mais chato eles não iam querer participar e não iam aprender nada, iam só ficar calados.

Criança 2 (M): Eles não iam gostar do professor se o professor gritasse.

Criança 5 (F): Então, eu fazia mais jogos com a matéria que estava a dar com os meus alunos. E concordo que não ia gritar muito para eles não terem medo de participar e ia ser divertida só que ia fazer mais jogos com a matéria.

Criança 6 (F): Se fosse professora eu não deixava que os meus alunos lutassem, mas podiam brincar.

Criança 7 (M): Eu fazia mais trabalhos no computador e de grupo porque dá para pesquisar e aprendem melhor. Mas também não queria muito barulho nem gritava.

Criança 3 (F): Eu não gritava porque eles podiam ter medo e podiam não querer estudar e ia ser uma professora muito divertida.

Entrevistadora: E na avaliação, mudavam alguma coisa?

Criança 7 (M): Eu dava pontos a cada pergunta e depois somava para dar a nota, avaliava tudo, os testes e as fichas.

Criança 5 (F): Eu dava um prémio aos meninos que se esforçavam mais, quem chegar primeiro esforçou-se para chegar primeiro, quem ganhar e tiver um resultado melhor eu dava um prémio, uma lembrança, um doce.

Criança 2 (M): Eu ia dar uma lembrança aos alunos que tivessem muito bom no teste para os incentivar a estudar mais.

Criança 7 (M): Eu não colocava bom, muito bom, suficiente, acho que não é necessário, escrevia só a percentagem.

Agradecimentos

- **O que acharam deste momento e o que foi mais importante para cada um de vocês?**

Criança 1 (F): O que achei mais importante foi poder dar as minhas opiniões.

Criança 7 (M): Eu gostei dos jogos e desta conversa que tivemos.

Criança 6 (F): Eu gostei porque nós conversamos uns com os outros e fizemos perguntas.

Criança 5 (F): Eu gostei porque achei que foi uma boa ideia partilharmos o que nós sentimos o que achamos dos jogos, qual foi o nosso favorito, como aprendemos melhor, o que fazíamos se fossemos professor, eu gostei muito.

Criança 4 (M): Eu gostei porque podemos dar as nossas opiniões sem ninguém criticar, poder falar livremente das opiniões.

Criança 3 (F): Eu gostei porque podíamos dar as opiniões e ouvir a opinião dos outros.

Criança 2 (M): Eu gostei por causa do jogo e porque podemos dar a nossa opinião sobre o que gostamos.

Obrigada por terem partilhado comigo as vossas opiniões e momentos que viveram, gostei muito de as poder ouvir e de poder conversar com vocês.

Apêndice R- Transcrição da Entrevista- Contexto I

Boa tarde, obrigada por ter aceitado fazer parte desta entrevista para responder a algumas perguntas acerca da sua experiência e da sua opinião acerca daquilo que é a participação dos alunos.

Este momento vai ser gravado para que os dados recolhidos possam depois ser analisados.

- **Perguntas para a professora:**

- **O que é a participação?**

Professora: A participação das crianças é uma mais-valia quando elas intervêm há participações boas, outras menos boas, mas é muito importante.

○ **O que é participar na escola?**

Professora: Eles são participativos em todas as áreas, gostam de intervir quando há um tema novo, são muito participativos. No estudo do meio são mais curiosos, gostam de saber muito mais coisas, fazem mais perguntas e respondem porque são mais do dia-a-dia.

○ **Quem participa na escola?**

Professora: Os professores e os alunos, participam todos, procuramos colaborar todos uns com os outros, tando docentes como alunos.

Entrevistadora: Tem algum exemplo em que se consiga perceber essa participação conjunta?

Professora: Sim, temos o projeto da horta em que toda a escola interagiu, todos os meninos foram plantar e hoje fomos colher alguns produtos da horta e andamos a tratar da horta. Na parte das plantações foi toda a turma e todos os professores. Eles gostam muito da atividade.

○ **Acha importante a participação das crianças? Porquê?**

Professora: Ajuda-os muito a desenvolver e a dar conhecimentos aos outros porque eles aprendem muito uns com os outros. É uma partilha de conhecimentos que eles vão depois adquirindo, é uma partilha mesmo. Há uma interação, interagem muito uns com os outros, e depois há um debate de ideias, quando isso acontece há um debate de ideias, uns pensam de uma maneira, outros pensam de outra e têm de chegar a um consenso.

○ **Os alunos participam nas suas aprendizagens? Em que situações?**

Professora: Foram feitos alguns trabalhos de grupo para casa e foi interessante. Quando eu estipulei a data do trabalho, de alguns trabalhos que foram feitos, todos eles traziam o papel, ou em cartolinas ou em pens, para apresentar aos colegas o PowerPoint, que eles fizeram esse trabalho em casa, é obvio que com a ajuda dos pais, mas trouxeram trabalhos muito engraçados, foi muito gratificante essa parte dos meninos fazerem esses trabalhos e essa recolha de dados, foi muito bom.

Entrevistadora: Então podiam escolher o formato?

Professora: Sim, eu dei à escolha de cada um, isso foi livre. Ou faziam em PowerPoint na pen e traziam para apresentar, outros em cartolinas, outros escreveram um texto. Fiz alguns trabalhos, fiz o de 25 de abril, um dos museus e o da viagem ao Oceanário de Lisboa.

○ **Os alunos participam na avaliação?**

Professora: Não A avaliação é escolhida em conselho de docentes, eles não intervêm nisso. Apesar de que nós este ano já partimos muito, na avaliação dos meninos, para a questão de aula, passamos muito por aí. Ainda demos os testes finais, mas já passamos muito para a parte da questão aula, a avaliação deles foi um bocado por aí este ano.

○ **Existem momentos para os alunos darem a opinião?**

Professora: São ocasionais, sempre que surge um tema novo eles têm opiniões a dar, não há data, surgem na hora, no dia a dia.

○ **Qual a sua opinião acerca dos alunos participarem na escolha das formas de avaliação e de gestão de conteúdos?**

Professora: Na avaliação é viável participarem, mas quanto à avaliação fazemos ainda uma avaliação final a nível de agrupamento e acho que no meu ver não é muito positivo porque há meninos, em todas as escolas, que têm níveis diferentes de aprendizagem, e eu acho que cada escola, cada turma, deveria fazer essa avaliação entre si. Neste momento cada vez temos mais meninos com ritmos de aprendizagens diferentes o que nos está a pôr constantemente a fazer, no dia a dia já fazemos, fichas adaptadas, acabamos por fazer os testes adaptados para todos estes meninos porque eles não conseguem, apesar de ter um nível elevado na turma de “muitos bons” também tenho os meninos que têm “suficiente” e que têm que ter provas adaptadas, pronto, e eu acho que essas provas poderiam ser feitas a nível de escola porque era muito mais viável.

Entrevistadora: E em termos da gestão de conteúdos?

Professora: Nós tentamos seguir sempre a ordem dos livros, apesar de que este ano estavam desadequados e nós tivemos mesmo que fazer muitas alterações porque

os nossos manuais já estavam desatualizados e então tivemos que mudar muitos conteúdos e fazer muitas alterações. Até nós andamos um bocadinho perdidas porque tínhamos que andar sempre a ver o que tínhamos dado e a alterar. Mas correu bem, já vinham com conteúdos de trás que deu para este ano.

Entrevistadora: Mas tentam seguir essa ordem?

Professora: Não, eu às vezes salto, quando eu preciso de saltar eu salto e vou buscar outra vez se for preciso, vou buscar atrás, vou de acordo com o que eu pretendo fazer naquele dia.

Entrevistadora: E quanto aos trabalhos, existe essa opção de escolherem o tema que vão trabalhar e como o vão fazer?

Professora: Eu quando trabalho em grupo é muito barulho e eu não gosto muito de barulho, apesar de ser um trabalho enriquecedor, só que depois não entram em consenso e acabam por se chatear uns com os outros e há sempre um líder e tem que ser tudo à maneira do líder e fica ali a turma um bocadinho barulhenta, sem ritmo de trabalho e demora mais tempo, ficam mais perdidos, porque é a discussão de ideias que nunca vão ao encontro do líder, porque o líder dá aquela opinião e eles têm que ir todos atrás do líder e perdem muito tempo a fazer o trabalho.

Na parte dos filmes, dos jogos, escolhem muito eles, eu deixo escolher, é obvio que muitas vezes eles ficam um bocadinho enciumados, porque hoje escolhe um, amanhã se voltar ao mesmo eles não gostam, mas eles normalmente lembram-se de quem é.

Apêndice S- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do currículo/ aprendizagens- Contexto II

Propostas realizadas pela educadora cooperante

Propostas realizadas pela educadora estagiária

Na sala de aula/ atividades- gestão do currículo/ aprendizagens			
Níveis de participação ↓	Abertura	Oportunidade	Obrigação
5 <i>Decisões partilhadas</i>	<p>Na atividade de construção de esquilos, cada criança pode escolher a técnica que queria utilizar para os pintar e decorar.</p> <p>Durante a realização de um jogo, sugerido previamente pelas crianças, algumas crianças demonstraram vontade em realizar um outro jogo, tendo o restante grupo demonstrando entusiasmo e sendo a o jogo realizado.</p> <p>Para celebração do São Martinho foram decorados sacos para utilização durante o magusto.</p> <p>Para decorar os sacos, foi dada a oportunidade às crianças de escolher a técnica a utilizar, tendo sido sugeridas algumas mas dando liberdade às crianças de usarem a sua imaginação e utilizarem técnicas novas.</p>	<p>É realizada uma assembleia semanal, na qual as crianças referem as atividades que gostavam de realizar na semana seguinte.</p> <p>Na atividade de construção de origamis, sugerida pelas crianças, as mesmas tiveram a oportunidade de escolherem o papel a utilizar, assim como as características do animal que construíram.</p> <p>Como pedido em assembleia, foram realizados diferentes jogos propostos pelas crianças do grupo.</p> <p>“Quero o jogo das cadeiras.” “Jogar o jogo das estátuas.”</p> <p>Em assembleia foi referido por uma das crianças a vontade de fazer uma árvore na sala, tendo as restantes crianças mostrado entusiasmo e demonstrando vontade</p>	<p>Durante os momentos de brincadeira livre, a crianças têm a liberdade de escolher a área na qual irão brincar, gerindo os materiais e espaço disponível.</p>
		<p>Em assembleia de grupo foi pedido pelas crianças que fosse lida uma história de Natal.</p> <p>Durante a assembleia de grupo, uma criança pediu para fazer bolachas de Natal, tendo as restantes crianças demonstrado interesse e sugerindo a confeção de um bolo.</p> <p>Foi então realizada uma votação para que fosse decidido qual das atividades realizar, tendo ganho a confeção de bolachas de Natal.</p> <p>Para a realização de uma atividade final conjunta com todos os grupos de pré-escolar, foram lembradas as atividades já realizadas e, durante a assembleia semanal, foi realizada uma votação para que fosse decidido qual a atividade que seria realizada.</p>	
4 <i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>	<p>Tendo em conta o projeto lúdico, foi pedido pelas crianças que construíssemos macacos para pendurar em diferentes locais da sala.</p>		
3 <i>Opiniões das crianças são consideradas</i>			
2 <i>Crianças são ouvidas</i>			
1 <i>Crianças são observadas</i>			
<i>Ilusão</i>			

Apêndice T- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão do espaço e materiais- Contexto II

Propostas realizadas pela educadora cooperante

Propostas realizadas pela educadora estagiária

Na sala de aula/ atividades- gestão de espaços e materiais			
Níveis de participação ↓	Abertura	Oportunidade	Obrigaçao
5 <i>Decisões partilhadas</i>		Durante a assembleia foi referido que “Podíamos fazer animais para colocar na árvore.”, demonstrando vontade em adaptar os espaços da sala para que representem a temática do projeto lúdico a desenvolver.	
4 <i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>		Durante a introdução do quadro de presenças foi perguntado às crianças como gostariam de representar os dias da semana, tendo as mesmas optado por representar os dias com símbolos correspondentes às atividades realizadas.	
3 <i>Opiniões das crianças são consideradas</i>			
2 <i>Crianças são ouvidas</i>			
1 <i>Crianças são observadas</i>			
<i>Ilusão</i>			

Apêndice U- Dados da tabela dos níveis de participação- gestão da sala de aula (normas e regulamentos) - Contexto II

Propostas realizadas pela educadora cooperante

Propostas realizadas pela educadora estagiária

Na sala de aula/ atividades- gestão da sala de atividades (normas e regulamentos)			
Níveis de participação ↓	Abertura	Oportunidade	Obrigaçao
5 <i>Decisões partilhadas</i>			
4 <i>A tomada de decisões envolve as crianças</i>			
3 <i>Opiniões das crianças são consideradas</i>			
2 <i>Crianças são ouvidas</i>			
1 <i>Crianças são observadas</i>			
<i>Ilusão</i>			



Apêndice V- Transcrição do Grupo de Discussão Focalizada- Contexto II

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo perceber a vossa opinião sobre a participação na sala de atividades, ouvindo o que têm para partilhar. Todos podem partilhar as vossas opiniões de forma livre e respeitosa.

Eu irei fazer algumas perguntas para nos guiarmos, mas essas perguntas não têm respostas certas nem erradas. Para responderem devem pensar nos momentos da sala e como todos somos diferentes é normal que as nossas respostas sejam também diferentes e isso é muito importante porque quero ouvir tudo o que têm a dizer.

Este momento vai ser gravado com o telemóvel para que eu consiga lembrar-me de todas as vossas opiniões e sugestões.

No jogo que realizamos já pudemos partilhar as nossas opiniões e preferências, e respeitamos a opinião dos outros, mesmo quando era diferente da nossa, e é isso que temos que fazer agora também, partilhar a nossa opinião e ouvir a opinião dos colegas e respeitar, porque não há respostas certas nem erradas.

- **Quebra-gelo:**

Eu prefiro...: Serão apresentadas diferentes opções, sendo pedido às crianças que optem por umas das opções apresentadas.

Durante a atividade do quebra-gelo, as crianças demonstraram respeito pela opinião dos colegas, exprimindo as suas opiniões pessoais.

- **Perguntas:**

- **O que é a participação?**

Criança 1 (M, 5 anos): A participação é quando nós começamos a fazer qualquer coisa de ... estou baralhado.

Criança 3 (M, 6 anos): A participação não é querer ganhar, é participar, não importa ganhar ou perder.

Estagiária: E porquê que é importante participar?

Criança 1 (M, 5 anos): É importante porque se nós perdermos não há problema, nós podemos perder ou ganhar.

Entrevistadora: Porque já participamos.

Criança 6 (M, 5 anos): É participar.

Criança 2 (F, 5 anos): É todos os amigos participarem.

Criança 4 (M, 4 anos): Não quero dizer.

Criança 5 (F, 4 anos): Não sei.

Criança 7 (F, 5 anos): é os outros irem participar nos jogos.

Criança 2 (F, 5 anos): Foi isso que eu disse.

○ **O que é participar no Colégio?**

Criança 1 (M, 5 anos): Nós participamos porque tu fazes jogos e nós participamos no jogo cada um. Em cada um jogo nós perdemos e se perdermos não há problema, o que importa é divertir-nos.

Criança 7 (F, 5 anos): Participar é participar nos jogos.

Criança 6 (M, 5 anos): É fazer todos juntos os jogos.

○ **Quem participa no Colégio?**

Estagiária: É só nos jogos? Quem é que escolhe esses jogos que vocês falaram?

Criança 3 (M, 6 anos): Não.

Criança 2 (F, 5 anos): Não.

Criança 1 (M, 5 anos): És tu.

Criança 3 (M, 6 anos): Nas brincadeiras, também participamos. Nas brincadeiras que nós fazemos no parque.

Estagiária: E quem é que escolhe os jogos? As atividades?

Criança 1 (M, 5 anos): Tu e as estagiárias. Nós também ajudamos.

Entrevistadora: E como é que ajudam?

Criança 2 (F, 5 anos): Eu sei lá.



Criança 1 (M, 5 anos): Eu sei. Nós ajudamos a fazer muitas coisas.

Criança 3 (M, 6 anos): Nós temos que concordar, com votos.

Criança 1 (M, 5 anos): As estagiárias, as educadoras, as auxiliares, as professoras, os alunos, participamos todos. Como os do 1.º ciclo.

o **Gostam de participar nas atividades? Porquê?**

Criança 1 (M, 5 anos): Sim.

Entrevistadora: E gostam só de fazer as atividades ou de escolher?

Criança 3 (M, 6 anos): Escolher.

Entrevistadora: E como é que vocês escolhem?

Criança 3 (M, 6 anos): Votando. É na assembleia. Para escolhermos atividades.

Mas porquê que já não temos assembleia?

Entrevistadora: Já não têm? Não têm feito?

Criança 2 (F, 5 anos): Não.

Criança 1 (M, 5 anos): É porque tu já não andas aqui.

Entrevistadora: E como é que vocês escolhem as atividades?

Criança 3 (M, 6 anos): Na assembleia.

Criança 1 (M, 5 anos): A pensar.

Criança 3 (M, 6 anos): Nós dizemos o que queremos fazer para a semana.

Entrevistadora: E vocês gostam de escolher?

Criança 4 (M, 4 anos): Sim.

Criança 5 (F, 4 anos): Sim.

Criança 7 (F, 5 anos): Sim, porque elas são divertidas.

Entrevistadora: E acham que é mais divertido quando são vocês a escolher ou quando somos nós?

Criança 2 (F, 5 anos): Todos.

Entrevistadora: Quando escolhemos em conjunto?

Criança 5 (F, 4 anos): Sim.

Criança 3 (M, 6 anos): Trabalhamos em conjunto.

Criança 2 (F, 5 anos): Em equipa.

Entrevistadora: E como é que escolhemos?

Criança 3 (M, 6 anos): Nós damos ideias e vocês veem quem é que tem mais votos e quem tiver mais votos é essa coisa que vamos fazer.

○ **Vocês participam nas vossas aprendizagens? Em que situações?**

Entrevistadora: Vocês participam nas atividades? Em como se escolhem as atividades?

Criança 1 (M, 5 anos): Sim.

Entrevistadora: Mas participam só a escolher ou decidem como vamos fazer?

Criança 2 (F, 5 anos): Como fazemos.

Entrevistadora: Consegues dar um exemplo?

Criança 2 (F, 5 anos): Não me lembro.

Entrevistadora: Vamos fechar os olhos e imaginar as atividades que fizemos, a nossa sala.

Criança 1 (M, 5 anos): Temos a selva, os crocodilos.

Criança 2 (F, 5 anos): Os papagaios.

Criança 4 (F, 4 anos): Uma árvore, um sapo.

Entrevistadora: E quem é que decidiu fazer essas atividades?

Criança 2 (F, 5 anos): Tu e a educadora.

Criança 3 (F, 6 anos): Não, fomos nós. Foi o nosso amigo, nós gostamos da ideia. E fizemos uma selva.

Criança 2 (F, 5 anos): Nós fizemos a árvore e pintamos.

Criança 3 (F, 6 anos): E fizemos o elefante, usamos 7 rolos na tromba, experimentamos em equipa.

○ **A educadora costuma pedir a vossa opinião sobre as atividades?**

Entrevistadora: Costuma perguntar? Dizem se gostaram? Se querem repetir?

Criança 5 (F, 4 anos): Não.

Criança 6 (M, 5 anos): Às vezes.

Entrevistadora: E na assembleia? Falam das atividades?

Criança 3 (M, 6 anos): Sim, falamos. Dizemos a favorita.

Criança 6 (M, 5 anos): Não.

Criança 1 (M, 5 anos): Pergunta.



○ **Acham que as vossas sugestões são ouvidas?**

Criança 3 (M, 6 anos): Não.

Criança 2 (F, 5 anos): Sim.

Entrevistadora: Porquê?

Criança 3 (M, 6 anos): Porque vocês também têm que concordar.

Criança 1 (M, 5 anos): Já sei. Vocês escolhem e quando já está pronto e nós já acabamos nós dizemos e depois vocês escolhem.

Entrevistadora: Vocês dão as sugestões e nós depois decidimos?

Criança 1 (M, 5 anos): Sim.

Entrevistadora: Mas ouvimos as vossas sugestões?

Criança 1 (M, 5 anos): Sim, ouvem.

○ **Existem momentos para darem a vossa opinião?**

Criança 3 (M, 6 anos): Na assembleia.

Entrevistadora: E se vocês disserem o que querem fazer, nós fazemos?

Criança 6 (M, 5 anos): Na semana a seguir fazemos.

Criança 3 (M, 6 anos): Sim.

○ **Se fossem educadores, o que fariam de diferente quanto à participação das crianças? (Formas de avaliação e de gestão de conteúdos) (Será pedido às crianças que se coloquem em cima de uma cadeira e ajam como se fossem educadores, explicando o que fariam)**

Entrevistadora: Deixavam escolher mais atividades ou menos? Deixavam escolher onde faziam as atividades? Onde íamos colocá-los?

Criança 6 (M, 5 anos): Mais.

Criança 2 (F, 5 anos): Podem escolher.

Criança 3 (M, 6 anos): Hoje podem ir à mata, mas amanhã não.

Entrevistadora: Decidias os dias que podiam brincar lá fora?

Criança 3 (M, 6 anos): Decidia os dias que podiam ir brincar para a mata, nos outros dias podiam ir brincar lá para fora.

Entrevistadora: E se eles pedissem para irem brincar para a mata, o que dizias?



Criança 3 (M, 6 anos): Se se portarem bem, sim. Eles iam gostar de brincar na mata.

Criança 2 (F, 5 anos): Até porque nós não brincamos lá.

Entrevistadora: Vocês gostavam, de brincar lá mais vezes?

Criança 3 (M, 6 anos): Sim.

Criança 4 (M, 4 anos): Não quero dizer.

Criança 7 (F, 5 anos): Deixava ir ao parque quase todos os dias.

Entrevistadora: E quem é que escolhia esses dias?

Criança 7 (F, 5 anos): Eu escolhia.

Entrevistadora: E se eles não quisessem ir?

Criança 7 (F, 5 anos): Temos de ir.

Criança 1 (M, 5 anos): Deixava ir ao parque 6 dias por mês.

Entrevistadora: E nas atividades? Podiam escolher?

Criança 1 (M, 5 anos): Sim. Eles gostam muito de fazer atividades e adoram fazer atividades por causa de eles estarem a fazer, a pintar as caixas.

Criança 6 (M, 5 anos): Eu deixo ir 5 dias ao campo de jogos.

Entrevistadora: E quem escolhe?

Criança 6 (M, 5 anos): Eu.

Entrevistadora: E nas atividades? Podem escolher?

Criança 6 (M, 5 anos): Sim.

Criança 3 (M, 6 anos): És um bom professor.

Criança 5 (F, 4 anos): Escolhiam as atividades.

Entrevistadora: E escolhiam como fazer? Ou eras tu que escolhias?

Criança 5 (F, 4 anos): Eles podiam fazer como quiserem.

Entrevistadora: Vocês gostam mais das atividades que escolhem ou das que nós escolhemos?

Criança 5 (F, 4 anos): Menos.

Entrevistadora: Porquê?

Criança 5 (F, 4 anos): Porque eu gosto das vossas.

Entrevistadora: E vocês, o que preferem?

Criança 3 (M, 6 anos): Vocês.

Criança 1 (M, 5 anos): Não, as nossas.



Criança 2 (F, 5 anos): Todos nós.

Criança 1 (M, 5 anos): As nossas todos juntos.

Agradecimentos

- **O que acharam deste momento e o que foi mais importante para cada um de vocês?**

Criança 3 (M, 6 anos): Eu gostei mais foi daquele jogo.

Criança 1 (M, 5 anos): O que eu gostei foi, era de tudo. Adorei tudo.

Criança 2 (F, 5 anos): Gostei de tudo também.

Criança 4 (M, 4 anos): Adorei tudo.

Criança 7 (F, 5 anos): Tudo.

Criança 6 (M, 5 anos): Tudo.

Criança 5 (F, 4 anos): Da conversa e daquele jogo.

Criança 2 (F, 5 anos): Eu também, podemos jogar outra vez?

Criança 3 (M, 6 anos): O jogo outra vez.

A pedido das crianças foi realizado novamente o jogo, dado opções de cores ou brincadeiras, e fazendo também perguntas relativas à participação como:

Vocês preferem escolher vocês a atividade ou quando sou eu e a educadora?

Criança 2 (F, 5 anos): Todos.

Criança 6 e 4: Nós.

Criança 2, 3, 5 e 6: Vocês.

Criança 1 (M, 5 anos): Todos.

Vocês preferem dizer só a ideia da atividade ou participar e dar sugestões de como vamos fazer?

Criança 1, 3, 4 e 6: Só a ideia.

Criança 7 (F, 5 anos): Tudo.

Criança 2, 5 e 7: Sugestões de como vamos fazer.



Criança 3 (M, 6 anos): Nós decidimos só o que fazer.

Entrevistadora: Porquê?

Criança 3 (M, 6 anos): Porque assim nós gastamos a nossa energia.

Entrevistadora: Se escolherem como fazer gastam energia?

Criança 3 (M, 6 anos): Sim.

Entrevistadora: Então preferem que eu traga as coisas já feitas? Ou preferem ajudar?

(Todas as crianças preferem participar na atividade.)

Criança 2 (F, 5 anos): Ajudar.

Criança 3 (M, 6 anos): Ajudar, isso já é divertido.

Obrigada por terem partilhado comigo as vossas opiniões e os momentos que viveram, gostei muito de as poder ouvir.

Apêndice W- Transcrição da entrevista- Contexto II

Bom dia, primeiramente obrigada por ter aceitado fazer parte desta entrevista acerca daquilo que é a participação dos alunos e da sua importância.

Nesta entrevista farei algumas perguntas acerca da participação das crianças, sendo as respostas baseadas na sua opinião e naquela que é a sua experiência como educadora.

Este momento vai ser gravado para que os dados recolhidos possam depois ser transcritos e analisados.

- **Perguntas para a educadora:**

- **O que é a participação?**

Educadora: A participação das crianças é realmente dar-lhes voz para que eles possam transmitir tudo o que pensam, tudo o que sentem, e nós podermos integrar no nosso dia-a-dia, na construção do seu desenvolvimento.



○ **O que é participar na escola?**

Educadora: Ter voz ativa, dizerem o que querem fazer, o que gostavam de fazer, participar dando ideias e integrar todas essas ideias na própria planificação para construirmos depois uma rede que nos permita efetivamente trabalhar com eles e ir de encontro aos seus interesses.

○ **Quem participa na escola?**

Educadora: Participamos todos, acabamos por participar todos. Participam os meninos, participam os adultos, tanto eu como a auxiliar, a estagiária quando está, tu, neste caso, e participam todos os professores que estão associados à turma.

○ **Acha importante a participação das crianças? Porquê?**

Educadora: Motiva-os muito mais. Implica-os, implica-os em todos os processos, têm consciência de que são ouvidos, que é uma coisa muito importante, é sentirem-se ouvidos por todos nós, e perceberem que as suas próprias vontades fazem sentido e que são tidas em conta para que possamos todos crescer em conjunto, além de que os responsabiliza também nas decisões que tomam.

○ **As crianças participam nas suas aprendizagens? Em que situações?**

Educadora: Quando escolhem, quando dizem que querem fazer determinadas atividades e definem quais são as atividades que querem fazer e essas são tidas em conta na planificação para que depois se possa dar seguimento e se possam realizar, quando fazem escolhas durante o dia nas áreas também que querem usar para brincar, quando são tidas em conta as suas próprias opiniões. E respeitando também a forma como estão naquele momento.

○ **As crianças participam na avaliação das atividades?**

Educadora: Participam. Vão dizendo se gostaram ou se não gostaram e como é que se sentiram a fazer as atividades em si e depois se querem repeti-las ou não.

○ **Existem momentos para as crianças darem a opinião?**

Entrevistadora: Existem momentos definidos para as crianças partilharem essa opinião? Ou são momentos espontâneos?

Educadora: Maior parte das vezes poderão ser momentos espontâneos, como também à sexta-feira, quando fazemos assembleia de grupo, também tento, mas é algo que é flexível e nunca é em definitivo aquele dia, por norma será, mas não tem que ser sempre, até porque pode acontecer que logo a seguir à própria atividade em si, pode ser na sequência de uma conversa, de algo espontâneo.

Entrevistadora: E é considerada mesmo que a opinião seja dada fora de momentos de assembleia?

Educadora: Claro, claro que sim.

○ **Qual a sua opinião acerca das crianças participarem na escolha das formas de gestão de conteúdos, das atividades, de estarem incluídas em todo o processo?**

Educadora: Isso leva a que tenham uma maior consciência de qual é o processo da construção de uma atividade e qual a sua própria sequência, portanto interiorizam melhor e têm noção daquilo que estão a fazer.

Entrevistadora: Muitas vezes as crianças sugerem, mas esperam que sejamos nós a estruturar.

Educadora: Tudo, exatamente. E se lhes devolvermos as perguntas e como é que vamos fazer isto, temos que os ajudar, porque inicialmente eles não têm essa noção, mas à medida que os vamos ajudando a definir os passos que temos que dar, eles próprios começam a perceber e quando dão a sua opinião e sugerem outras coisas também já têm essa noção, e, portanto, isso só os ajuda a evoluir e a crescer ainda mais, a tomarem consciência.

Entrevistadora: E consegue identificar algum exemplo?

Educadora: Se for uma atividade desportiva, se for uma atividade realizada no exterior, eles conseguem dizer se pode-se fazer ou não consoante esteja o tempo, a hora, sabendo qual é a sequência do dia, quais são os momentos em que podemos ir e que não podemos ir para determinados espaços no exterior também, o campo de jogos, por exemplo, porque pode estar a ser utilizado com outros professores,

portanto, esta noção permite-lhes realmente ter uma cadência de como decorrem os dias e qual a sequência das próprias atividades e onde é que elas se pode operacionalizar ou não, onde é que se podem fazer com é que se podem fazer, quais os materiais que precisamos para as realizar, fazer essa elencagem, tudo isso os ajuda a estruturar também o próprio pensamento e a sequência.

Entrevistadora: Tudo aquilo que implica a realização da atividade e não apenas a ideia inicial.

Educadora: Exatamente.

Entrevistadora: E em termos de atividades na sala, consegue identificar algum exemplo que tenha sido sugerido pelas crianças?

Educadora: Quando começamos com os próprios animais, no projeto, eles foram escolhendo alguns dos animais que gostavam de fazer e nós fomos dando sequência a isso mesmo.

Apêndice X- Transcrição do grupo de discussão focalizada- Contexto III

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo perceber a vossa opinião sobre a participação na sala de aula, ouvindo o que têm para partilhar. Todos podem partilhar as vossas opiniões de forma livre e respeitosa, sendo que irei fazer algumas perguntas para nos guiarmos, mas essas perguntas não têm respostas certas nem erradas, e devem ser respeitadas. As respostas devem ser baseadas naquilo que experienciam e como todos temos experiências diferentes é normal que as nossas opiniões sejam também diferentes, sendo isso também muito importante porque quero ouvir tudo o que têm a dizer.

Este momento vai ser gravado com o telemóvel para que eu consiga lembrar-me de todas as vossas opiniões e sugestões.

No jogo que estivemos a fazer também partilhamos opiniões diferentes e conseguimos respeitar os gostos de cada um, e é também isso que eu espero que façam agora.

- **Quebra-gelo:**

- Bola do lazer: Será utilizada uma bola com diferentes perguntas de resposta pessoal, passando entre os alunos, que devem partilhar a sua resposta a uma das perguntas presentes na bola.

- **Perguntas:**

- **O que é a participação?**

Criança 3 (F): Para mim significa que eu posso ter uma espécie, tipo, consigo entrar em coisas que eu nunca experimentei, tipo isto, este ...

Entrevistadora- Grupo focal

Criança 4 (F): Para mim participação é participar numa coisa, tipo, eu estou por exemplo a participar nisto, estou a fazer parte disto.

Criança 2 (F): Para mim poder fazer parte de participar em alguma coisa é como poder participar numa coisa em que eu nunca experimentei. Por exemplo, eu não gosto de estar sempre a comer as mesmas coisas, eu gosto de provar coisas novas, e também gosto de, por exemplo, brincar a brincadeiras novas, não gosto de estar sempre a brincar às mesmas, e gosto que as pessoas me deixem participar nessas brincadeiras novas.

Entrevistadora: Mas participar é só em coisas novas?

Criança 3 (F): Não.

Criança 2 (F): Não, também pode ser em coisas antigas.

Criança 3 (F): Eu já participei tipo numa excursão, e eu quero participar outra vez.

Criança 5 (F): Para mim participar é tipo tu poderes dizer o quê que tu, eu não sei muito bem explicar esta parte, mas para mim é fazer parte de alguma coisa, poderes fazer coisas novas, poderes fazer as mesmas coisas que tu já fizeste.

Entrevistadora: É poderes dizer o que queres fazer?

Criança 5 (F): Sim, é tipo isso.

Entrevistadora: Mais alguém quer responder?

Criança 6 (M): Não.

Criança 7 (M): Participar é alegria para mim. É a única coisa que eu me sinto bem no dia.

Criança 1 (M): Não quero dizer.

○ **O que é participar na escola?**

Criança 2 (F): Participar na escola é como participar nas aulas, participar nas atividades que a escola faz.

Entrevistadora: E como é que tu participas nas aulas e nas atividades?

Criança 2 (F): Eu participo de uma maneira... eu estou lá e estou a ouvir, mas também faço as coisas, algumas tarefas que a professora dá, eu estou a fazer, estou a participar nas tarefas.

Criança 4 (F): Para mim participar na escola é tipo, a professora pede uma coisa, tipo a página 23 do manual, estamos a participar na página 23 do manual, tipo pede uma coisa e estamos a participar na coisa que a professora pediu. Não é só a professora, as auxiliares, tu.

Criança 2 (F): Tu mesma.

Criança 5 (F): Para mim participar na escola é, há atividades, é tipo a professora pede-nos para responder a alguma pergunta, nós participamos, nós levantamos o dedo, a professora chama-nos e nós podemos dizer qual é a resposta, estamos a participar nisso, nas atividades que a escola faz também podemos participar.

Criança 7 (M): Para mim participar é aprender na escola.

Criança 3 (F): Para mim participar na escola é participar em quase tudo.

Entrevistadora: Podes dar exemplos?

Criança 3 (F): Posso ir para a escola, estou a participar na escola.

Criança 2 (F): Aulas, recreios.

Entrevistadora: E nas aulas como participam?

Criança 2 (F): Nós fazemos, por exemplo, PowerPoints, também vamos lá à frente dizer coisas.

Criança 6 (M): Eu concordo.

○ **Quem participa na escola?**

Todos: Nós.

Criança 2 (F): As professoras.

Criança 5 (F): Nós, as professoras, a nossa professora, as auxiliares, muitas pessoas.

Criança 3 (F): Os pais também.

Criança 2 (F): A diretoria, as estagiárias.

Criança 5 (F): Todos que andam aqui na escola.

○ **Gostam de participar nas aulas? Porquê?**

Todos: Sim.

Criança 2 (F): Porque participar nas aulas, por exemplo, se não fôssemos às aulas não conseguíamos aprender nem a ler nem a escrever nem coisas do género.

Criança 3 (F): Também concordo.

Criança 2 (F): Porque as aulas é muito importante, há pessoas que acham as aulas uma seca e que até choram porque não querem ir para as aulas, mas não é verdade, as aulas é uma coisa muito bom, nós vamos aprender coisas novas e nunca é negativo.

Entrevistadora: Está bem, gostas de vir às aulas, mas participar, porquê que gostas de participar?

Criança 2 (F): Por exemplo, participar num texto para ler. Eu gosto der ler porque, por exemplo, os livros é como se nós fôssemos mergulhar num sonho, nosso ou de outra pessoa, os livros são um universo...

Criança 3 (F): É inspiração.

Criança 2 (F): Exatamente. É um universo maluco.

Criança 5 (F): Para mim, eu gosto de participar nas aulas porque eu posso dizer o quê que eu acho, eu também posso participar porque eu posso participar a dize o quê que eu acho das coisas, qual é que eu acho que é a resposta da pergunta. A professora pode me fazer uma pergunta e eu achar que é essa a resposta e pode estar errado ou certo.

Criança 4 (F): Eu gosto de participar nas aulas porque posso aprender várias coisas, e também posso tirar as minhas dúvidas. E aprendemos muito, se nós não formos às aulas não aprendemos muito.

Criança 6 (M): Eu gosto de participar nas aulas porque às vezes também podemos fazer jogos.



○ **Vocês participam nas vossas aprendizagens? Em que situações?**

Todos: Sim, claro.

Entrevistadora: Como? Têm exemplos?

Criança 2 (F): Sim, um exemplo eu sei. Por exemplo, a minha aprendizagem é ser uma aluna, uma aluna que ouve as aulas, que dá as opiniões na sua vez, que não é coisa que acontece muitas vezes, mas pronto.

Criança 4 (F): Eu participo nas aulas por exemplo na matemática, no português, no estudo do meio.

○ **Costumam fazer trabalhos de grupo? Gostam?**

Todos: Sim, projetos.

Criança 2 (F): Por exemplo, os projetos que há, de produtos há PowerPoint, há cartaz, livro.

Criança 3 (F): Maquete.

Criança 2 (F): E também já houve um semestre que podíamos fazer maquetes, exatamente.

cartaz, livro.

Criança 3 (F): E também já houve um período que podíamos fazer um tríptico.

Criança 2 (F): Exato, o tríptico ainda fazemos, e também podíamos fazer um teatrinho que já vi projetos com teatros. E mais coisas.

Entrevistadora: E é só nos projetos que há trabalho de grupo?

Criança 3 (F): Não.

Criança 6 (M): Não, nas atividades, às vezes. Eu lembro-me que quando estávamos a fazer aquela atividade de que estava ali aquele problema e nós tínhamos que desenhar como resolver esse problema.

Criança 4 (F): Por exemplo, no nosso livro nós participamos em conjunto, alguns participaram muito, alguns participaram pouco.

Entrevistadora: E como é que participavam?

Criança 4 (F): Participávamos bem.

Entrevistadora: Mas de que forma? O que faziam para participar?

Criança 4 (F): Dávamos ideias.

Criança 2 (F): Dávamos ideias, ajudávamos a corrigir os erros que a professora dava no computador.

Criança 3 (F): Nos participamos também na semana da matemática, era em grupos e nós íamos em grupos contigo procurar as pistas.

Criança 5 (F): Para nós trabalharmos em grupo também nós podemos participar um bocado, também participamos às vezes, podemos participar na educação física, em projetos como disseram, e noutras coisa também que há na escola.

Criança 7 (M): Na educação literária.

Criança 5 (F): No nosso livro nós também participamos nas gravações, participamos a dar ideias, a professora também nos deu ideias e nós também participamos a continuar essas ideias, no nosso prefácio nós também lemos e participamos dessa gravação.

Entrevistadora: E gostaram dos trabalhos de grupo?

Todos: Sim.

Entrevistadora: Preferem trabalhos de grupo ou individuais?

Crianças 1 (M): Grupo, não, individuais.

Crianças 4 (F): Grupo.

Criança 3 (F): Individuais.

Criança 2 (F): Individuais.

Criança 5 (F): É diferente, mas individuais.

Criança 4 (F): Individuais, porque podemos ter as nossa próprias ideias e também não temos de passar o tempo todo a dizer assim “é isto, isto, isto”.

Criança 2 (F): E também não nos temos de atrapalhar. Porque há pessoas que têm tantas ideias boas e depois fica tudo atrapalhado, e no fim terminou o tempo e nós não fizemos nada e depois fica tipo uma seca infernal.

○ **Participam na vossa avaliação?**

Todos: Sim.

Criança 3 (F): Mais ou menos.

Criança 4 (F): Participamos bem, fazemos as perguntas, a maior parte delas certas.

Entrevistadora: Participam em decidir quando vai ser o teste? Se vão ter teste ou não?

Criança 4 (F): Não, isso é a professora.

Criança 5 (F): Não, a professora é que participa nisso. Mas participamos nas avaliações a responder às perguntas, escrever os textos.

Entrevistadora: E fazem autoavaliação?

Criança 2 (F): Uma vez a professora deu-nos uma folhinha onde havia perguntas que nós podíamos responder, que era se nós tínhamos dificuldade em alguma coisa, se nós eramos pontuais, que notas é que nós achávamos que devíamos ter no teste e também não é só descrever o que nós achamos, também é dizer pessoalmente, também isso é importante, porque dar as opiniões só a escrever também não é sempre o melhor. Porque às vezes nós escrevemos e não somos assim tão específicos, e a professora quer coisas mais específicas.

Criança 5 (F): Mas se nós não dissermos se entendemos ou não nós depois não sabemos direito como é que é.

Criança 3 (F): Nas tuas fichas há um certo e a dizer “não compreendi” e “compreendi”.

○ **A professora costuma pedir a vossa opinião sobre a avaliação?**

Criança 2 (F): Nem sempre.

Criança 3 (F): Nem sempre, eu concordo.

Criança 4 (F): Pergunta, por exemplo, quando a professora explicou o que era a moda perguntou se perceberam e quando disseram que não ela explicou novamente.

○ **Existem momentos para darem a vossa opinião? Acham que as vossas sugestões são ouvidas?**

Todos: Sim.

Criança 5 (F): Às vezes não

Criança 3 (F): Às vezes não.

Criança 2 (F): Às vezes a professora está a dar, por exemplo, um recado e nós queremos fazer perguntas a meio ou queremos dizer coisas a meio e não podemos porque a professora quer terminar de dar o recado e as perguntas são no fim. Mas às vezes pede especificamente a nossa opinião. Por exemplo, às vezes a professora

fazia o desafio do dia e ela pedia a opinião de algumas pessoas, normalmente escolhia uma pessoa para responder, mas imagina que a pessoa não sabia responder ou respondeu mal, a professora pode pedir, e deve, a opinião de outras pessoas que estão com o dedo no ar e que sabem responder porque nem sempre as pessoas que são muito inteligentes sabem responder todas as perguntas do mundo.

Criança 4 (F): Às vezes pergunta se gostamos dos projetos.

Criança 3 (F): Temos o Conselho de Turma.

Criança 2 (F): Por exemplo, às vezes a professora dá um sermão sobre alguma coisa que nós fazemos, nós podemos dar a nossa opinião, se esse sermão foi bem dado ou também se a pessoa que fez a coisa mal tem de melhorar, podemos dar a nossa opinião, ou também no conselho de turma podemos escrever as nossas opiniões, o que gostei, não gostei, o sugerimos e o fizemos. No sugerimos é que podemos mesmo dizer as nossas opiniões.

Criança 3 (F): Nós queríamos ter animais.

Entrevistadora: E vocês vão escrevendo ao longo da semana?

Todos: Sim.

Criança 5 (F): No conselho de turma às vezes há várias pessoas a falar ao mesmo tempo e não somos ouvidos tão bem.

- **Quando andavam em pré-escolar, também participavam nas atividades? Acham que agora participam mais ou menos? Porquê?**

Criança 3 (F): Isso era incrível

Crianças 1, 3, 4 e 7: Mais.

Criança 6 (M): Menos.

Criança 7 (M): Cem vezes mais.

Criança 6 (M): Das outras vezes participava muito mais.

Entrevistadora: Mas porque querias participar mais ou porque tinhas mais oportunidades?

Criança 6 (M): Davam-me mais oportunidades.

Criança 5 (F): Eu concordo, porque agora temos mais aulas.

Criança 1 (M): E mais coisas.



Criança 2 (F): Mais ou menos, na verdade, nós antes no pré-escolar, eu sempre gostei muito porque havia muitas coisas divertidas e não tínhamos aulas, mas no pré-escolar normalmente a nossa professora lia-nos uma história. Na verdade eu acho que participamos menos agora, porque antes nós fazíamos um milhão de coisas, fazíamos coisas sobre o planeta, íamos pegar em bichos, eu acho que participamos menos agora. No pré-escolar era muito melhor, eu divertia-me muito e participávamos. No pré-escolar dava muitas mais vezes a minha opinião.

Criança 4 (F): Eu acho que nós participamos mais no segundo ano e no primeiro porque temos mais aulas e há mais exercícios e mais páginas para fazer, e no pré-escolar só brincávamos e fazíamos os projetos.

Entrevistadora: E quanto às vossas opiniões, acham que ouviam mais no pré-escolar ou agora?

Criança 4 (F): Acho que agora.

Criança 3 (F): Eu acho que temos menos participação porque antes nós podíamos participar nas histórias e dar as opiniões nas histórias.

Entrevistadora: E em pré-escolar tinham assembleias?

Criança 3 (F): Sim, nós fazíamos uma roda às vezes e dizíamos as coisas que não gostávamos e o que queríamos fazer.

Criança 2 (F): Sim, e a nossa professora dava opiniões sobre isso, dizia “Pode ser, mas como estás a pensar fazer isso?” e tentava envolver todas as pessoas.

Entrevistadora: E acham que isso acontece porquê?

Criança 3 (F): Porque tínhamos mais tempo livre.

Criança 2 (F): Porque no pré-escolar como não tínhamos aulas, como agora temos, então não podíamos estar lá só a brincar, então a nossa professora, às vezes brincávamos, outras vezes nós fazíamos uma rodinha e fazíamos trabalhos sobre o que queríamos fazer, coisas para mudar a sala.

Criança 5 (F): Eu acho que nós participamos mais agora, nós temos mais coisas para fazer.

- **Se fossem professores, o que fariam de diferente quanto à participação dos alunos? (Formas de avaliação e de gestão de conteúdos) (Será pedido aos alunos que se coloquem em cima de uma cadeira e ajam como se fossem professores, explicando o que fariam)**

Criança 4 (F): Para mim nós usávamos na mesma os cadernos e as regras era não se corria dentro da sala, no início da aula pegavam logo nos materiais, não iam pegar só a meio da aula.

Entrevistadora: E quanto à participação?

Criança 4 (F): A participação eu, tipo, primeiro, imagina, eu faço uma pergunta e depois pergunto a um, depois a outro, até ficar certo, se a primeira for certo vamos ver se o resto da turma concorda.

Entrevistadora: E quanto à opinião? Pedias a opinião dos alunos?

Criança 4 (F): Eu perguntava tipo se a turma concordava. Tipo, já estávamos quase no final da matemática e estávamos no início do português, e perguntava o quê que eles queriam fazer, fazia uma votação e que ganhasse fazíamos. Mas só de vez em quando, não íamos fazer todos os dias senão gastávamos imenso tempo do dia a fazer a votação.

Entrevistadora: E nos outros dias, quem decidia?

Criança 4 (F): Eu, no mínimo uma vez por semana.

Criança 1 (M): As regras era não se podia correr na sala.

Entrevistadora: E quanto à participação? Os alunos participavam na escolha das regras?

Criança 1 (M): Não, era eu que escolhia. Mais, por exemplo, se forem à casa de banho não podem voltar a ir passados 10 minutos. Os alunos podiam dar sempre a opinião e também se algum aluno errasse mais eu ajudava-o mais, como a nossa professora faz e assim ele vai saber mais.

Criança 2 (F): Eu se fosse professora as regras eram, não podiam comer comida de casa dentro da sala, mas se fosse o lanche da manhã podiam, não podiam ter brinquedos, eu deixava-os participar, por exemplo, se eu estivesse a fazer uma regra e eles não estavam muito de acordo, podiam dizer isso e tentava melhorar essa regra. Por exemplo, eu não deixava trazer comida de casa e eles não gostavam disso, ok, podemos melhorar, mas também não era passar fora das marcas, como



por exemplo trazer todos os dias hambúrgueres e batatas fritas para comer no meio da aula.

Entrevistadora: Então eles podiam participar, mas a palavra final era tua, é isso?

Criança 2 (F): Exatamente, eles podiam participar no início, no meio, mas para finalizar tínhamos que dar uma regra final que eles provavelmente não teriam e essa regra tinha que ser dada por mim.

Entrevistadora: Mas ouvias a opinião deles?

Criança 2 (F): Claro que ouvia. E também tinham de perceber se eles estavam bem com o ambiente, imagina que eles não estavam muito bem com o ambiente, imagina, eu estava com a porta aberta para refrescar a aula, mas um aluno estava mesmo à beira da porta e estava a apanhar bastante frio, ele podia levantar o dedo, dizer que estava com frio e eu fechava a porta.

Criança 3 (F): Eu deixava os meus alunos fazerem quase o que eles querem. Eu deixava raramente trazerem comida de casa, tipo em algumas das nossas saídas eu dizia aos pais e quem quisesse trazia. Também os deixava, tipo, eu fazia uma questão e eles não gostavam muito, por exemplo não se podia correr dentro da sala, eles não gostavam muito, por isso eles faziam uma questão que é tipo “Podemos brincar dentro da sala?”, e eu dizia a regra final, podem brincar dentro da sala, mas não correr.

Criança 5 (F): A minha turma eu ouvia tudo o que eles queriam dar a opinião, eu perguntava sempre se eles queriam dar a opinião deles e se eles quisessem eu deixava-os dar a opinião, se eles não quisessem eles não davam. Eu deixava-os trazer comida de casa, mas só se eles não pudessem comer alguma coisa que davam na escola. Eu deixava-os dizer as coisas, se eles errassem a pergunta eu ia perguntando a todos os alunos da turma, mas se a primeira fosse certa eu ia ver os outros alunos se tinham a mesma resposta ou uma resposta diferente.

Entrevistadora: E quanto às regras, deixavas escolher?

Criança 5 (F): Deixava, mas se eu não concordasse eu dizia que não e se eu estivesse a pensar eu dizia que ia pensar, e que só precisava de algum tempo para poder pensar e decidir.

Criança 6 (M): Eu concordo em tudo, na minha opinião eu daria todas as ideias juntas.

Criança 7 (M): Eu não quero dizer.

Agradecimentos

- **O que acharam deste momento e o que foi mais importante para cada um de vocês?**

Criança 1 (M): Eu gostei muito do momento e o que eu achei mais importante foi quando todos puderam participar.

Criança 2 (F): Eu gostei muito deste momento, fez-me sentir boas energias, e o que eu achei mais importante foi todos podermos todos participar e dar a nossa opinião, como estávamos todos a explicar.

Criança 3 (F): Eu também acho o mesmo, eu também gostei muito da parte da participação deste momento que estivemos aqui.

Criança 4 (F): Eu adorei este momento e eu acho que a parte mais importante foi todos termos participado e darmos a nossa opinião e também a parte de dizermos aquela coisa de dizermos se fomos professoras a participação que fazíamos.

Criança 5 (F): Para mim o mais importante foi que todos pudéssemos participar e todos pudéssemos estar felizes e o mais importante também foi tudo o que nós fizemos, eu gostei muito de estar aqui, eu fiquei muito feliz e também gostei muito da parte em que fomos ali dizer o que fazíamos se fossemos professoras, foi muito fixe este grupo focal.

Criança 6 (M): Eu adorei isto e para mim o mais importante foi não ter havido muita confusão, e também podermos todos participar.

Criança 7 (M): Gostei, não tenho mais nada para dizer.

Obrigada por terem partilhado comigo as vossas opiniões e momentos que viveram, gostei muito de as poder ouvir.

Apêndice Y- Transcrição da entrevista à professora- Contexto III

Bom dia, obrigada por ter aceitado participar nesta entrevista sobre a participação dos alunos nas suas aprendizagens.

Nesta entrevista farei algumas perguntas acerca da participação dos alunos, sendo as respostas baseadas na sua opinião e naquela que é a sua experiência como professora.

Este momento vai ser gravado para que os dados recolhidos possam depois ser analisados.

- **Perguntas:**

- **O que é a participação?**

Professora: A participação da criança em contexto de sala de aula, é isso?

Entrevistadora: Sim, de forma geral, para já.

Professora: A participação é o envolvimento da criança nas dinâmicas de sala de aula e também no sentido de dar resposta a algumas questões que são feitas, questionar, dar a opinião sobre. A participação no fundo pode ser mais transversal no sentido de participar autonomamente, de querer sempre que a criança sinta necessidade de intervir, porque a participação também pode ser no sentido de intervenção. E também pode ser uma participação um bocadinho mais orientada, e solicitada, digamos assim, quando são questões mais específicas de sala de aula e de conteúdos em que a criança participa e dá a sua resposta.

- **Quem participa na escola?**

Professora: Todos os envolvidos na comunidade escolar. A participação na escola acaba por ser não só da parte da criança, mas também dos adultos que constituem a escola. Podem ser os docentes, não docentes, pode ser a família também, podem ser os parceiros que vêm à escola fazer visitas e que têm o seu contributo também, a participação eu acho que é da comunidade, no fundo.

- **O que é participar na escola?**

Entrevistadora: Esta questão acabou por já ir respondendo.

Professora: Sim, sim. É participar nos exercícios, mas também dar a opinião, é intervir.

○ **Acha importante a participação das crianças?**

Professora: Muito importante, porque é através da participação das crianças que nós também conseguimos orientar um bocadinho do nosso trabalho como docentes. Na participação deles, eles conseguem dar-nos uma série de indícios, se os conteúdos estão a ser abordados ou não, da melhor forma, que chegue a todos, porque nem todos aprendem com o mesmo ritmo, nem todos têm a mesma forma de aprender. E ao participarem eu também consigo perceber, há muita coisa que nós nos apercebemos na participação que não é só oral, nós às vezes conseguimos perceber a participação deles através de uma resposta física, de um olhar deles, tudo, toda a postura do aluno nos indica se está participativo ou não. E é muito importante, porque não é só quando é uma participação solicitada pelo docente, portanto, tudo aquilo que eles dizem, tudo aquilo que acontece na sala de aula, é participação, e para nós é importantíssimo avaliar todos esses aspetos.

○ **No contexto das suas aulas, os alunos participam nas suas aprendizagens? Em que situações?**

Professora: A participação aqui, de um modo geral, na escola e no contexto de turma é sempre muito democrática. Nós tentamos ao máximo que a participação deles seja ativa e voluntária, isto quer dizer que, o lado positivo é que eles participam a toda a hora, nos trabalhos de grupo, nos trabalhos individuais, acabam por também participar fazendo perguntas e dando a opinião, trabalhos de grupo fazemos imensas vezes, a própria disposição da sala também é uma disposição que apela à comunicação e à participação. Mas também traz algumas desvantagens, no sentido de que como a participação deles é democrática eles acabam por também falar, às vezes, de forma não tão oportuna, não tanto como nós queremos, no sentido de que queremos também alguma tranquilidade e, às vezes, eles também nem sempre conseguem perceber os limites. Essa é a desvantagem de a participação ser um bocado democrática, mas nós queremos esse caminho, ainda

assim, porque acaba por ser mais produtivo para nós, a todos os níveis. E quanto mais eles participam, até mesmo quando eles fazem parceria com os colegas e tentam ajudar, ao ajudarem o colega eles estão a aprender também, aprendem fazendo. Por isso, aqui, no contexto do meu grupo, a participação é muito ativa e acaba por ser muito a partir deles também.

○ **Costumam fazer trabalhos de grupo? Acha que facilitam a aprendizagem?**

Professora: Sem dúvida que facilitam. A gestão também por parte do professor acaba por ter que ser um bocadinho maior, porque são muitas pessoas a dar opinião e a querer participar, mas sem dúvida que facilita. E cada vez mais, à medida que vão avançando na escolaridade eles começam a perceber o grau de responsabilidade deles, este ano já se notou isso, mas alguns ainda não têm bem essa noção. Mas o ajudar outro, o perceber onde é que eles estão a falhar, isso é uma coisa que eu por acaso senti que podia ter trabalhado mais este ano, mas o programa também é muito extenso e há uma série de atividades que nós fazemos paralelas, que não conseguimos implementar como queríamos. Mas cada vez mais a participação em grupo é importante, pode ser em pequenos grupos, uma parceria, de duas pessoas só, os pares ajuda muito porque eles ao explicarem ao colega, eles aprendem. Eu sempre ouvi dizer isto, e mesmo nas formações que nós tivemos com o Movimento da Escola Moderna (MEM), foi uma das coisas que mais nos chamaram à atenção, ao explicar eles estão a aprender, cada vez mais é importante eles trabalharem em grupo, as perspetivas de um elemento do grupo se calhar são diferentes do outro elemento do grupo, o ouvir, o questionar, o perceber que aquele colega foi por aquele caminho, eu não gosto muito, e até pode haver conflito, mas vamos tentar resolver e eles aprendem muito em grupo. Até porque a sociedade é em grupo e eles têm que, cada vez mais, saber trabalhar assim.

○ **Existem momentos programados para os alunos darem a opinião?**

Professora: Há um momento semanal, que nós damos o nome de Conselho de Turma, em que há de facto uma intenção prévia de, no final da semana, haver um balanço semanal em que eles discutem sobre situações de regulação de conflitos, coisas que acontecem ao longo da semana em contexto de recreio, propostas que

eles querem dar em termos de sala de aula, muitas das vezes as propostas deles até têm a ver mais com lugares, com alguma mudança que eles querem fazer em termos de organização do espaço, às vezes até sugerem ter animais domésticos na sala, sei lá. Mas esse momento de facto à sexta-feira está programado, é um momento de conselho de turma.

Entrevistadora: E considera então que é importante eles terem esse momento para eles se poderem expressar e dar a opinião?

Professora: Muito, muito. Eles precisam e exigem esse momento, eles gostam muito, porque de facto é onde eles conseguem expressar e verbalizar, exteriorizar aquilo que às vezes durante a semana não têm tanto tempo para. Haver aquele momento programado, eles sabem que é o momento deles, sabem que é o momento em que eles vão participar ativamente, em que vão apontar o dedo às coisas que querem apontar, dar propostas, elogiam, têm a coluna do gostei que também dizem aquilo que gostam de fazer, portanto esse momento da participação é importantíssimo para nós.

○ **Os alunos participam nas avaliações? Na escolha do tipo de avaliação? Fazem autoavaliações?**

Professora: Existem autoavaliações, no período passado a autoavaliação até foi por escrito, era constituída por uma folha A4, frente e verso, em que tinha vários parâmetros de avaliação, de autoavaliação, nomeadamente pontualidade, assiduidade, a participação deles, precisamente, se são participativos, se não são, e em termos mais específicos das áreas, o quê que eles tinham percebido melhor, e a postura também, em termos de atitudes. Essa autoavaliação foi feita, assinada por eles, e ainda tinha, inclusivamente, um comentário para eles fazerem no fim, por isso, há esse momento.

Entrevistador: E quanto à avaliação?

Professora: A minha avaliação para eles, se há comunicação da minha parte. Nós fazemos essa parte mais oralmente, eu discutindo com eles o quê que eles podem melhorar, há muitos momentos que eu “paro” de trabalhar conteúdos para falar com eles sobre questões mais de atitudes, de postura, e eu avalio de facto a participação deles nesse sentido, mas é mais oral.

○ **Qual a sua opinião acerca dos alunos participarem na gestão de conteúdos?**

Professora: Eles, houve um ano em que eu de facto tentei. Em projetos eram eles que geriam a escolha dos temas, baseando-se na listagem das aprendizagens essenciais, não fui muito por aí mais, porque, eu podia fazer isso, mas para mim é mais fácil e mais prático eu ter uma sequência de conteúdos, em termos temporais. Não quero dizer com isto que eu não possa experimentar eles gerirem eles próprios, mas em termos do meu trabalho facilita mais uma lógica sequencial. Até por exemplo ter como ponto de referência o manual escolar, ajuda-me a mim a poder até, na constituição da ficha de avaliação, ser eu a escolher isso. Não quer dizer que não seja possível eles também gerirem essa parte dos conteúdos.

○ **Acredita que a idade/nível de desenvolvimento dos alunos influencia o nível de participação? Porquê? Acha importante adotar diferentes estratégias para que todas as crianças possam participar? Se sim, pode dar alguns exemplos de estratégias que utiliza?**

Professora: É assim, eu acho que eles quanto mais crescidos são, mais consciência têm, há mais metacognição, eles conseguem perceber que o participar vai ajudar, expor as dúvidas vai-me ajudar, ajudar o colega não é no sentido de o colega não saber, é “eu ao explicar ao colega vou aprender também.”. E eu acho que eles quanto mais velhos são mais noção têm disso, não quer dizer que desde o 1.º ano isso não possa ser trabalhado, ajustado à idade deles. Em relação à forma como todos participam, há crianças que por temperamento não são tão extrovertidas, e quando não tão extrovertido é mais difícil, de forma natural, eles participarem. E eu tenho que fazer essa gestão, se eu vejo uma criança muitos dias calada e que eu explico um conteúdo novo e percebo na cara da criança que não está a perceber muito bem, mas eu sei que o temperamento dela não me vai dizer se está a perceber ou não, eu tenho que a abordar. Por isso, também é uma gestão que nós vamos fazendo quando começamos a conhecer melhor as crianças.